

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

RELATÓRIO DE PÓS-DOCTORADO

O BIPARTIDARISMO NA ZONA NORTE CEARENSE (1966-79)

Supervisor: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes
Pós-Doutoranda: Profa. Dra. Edvanir Maia da Silveira

**Fortaleza-CE
fevereiro, 2018.**

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	02
1. INTRODUÇÃO	03
2. OS PARTIDOS POLÍTICOS E AS ELEIÇÕES	10
3. O BIPARTIDARISMO	16
3.1. A ARENA	22
3.1.1. A hegemonia arenista	26
3.2. O MDB	47
3.2.1. As exceções emedebistas: Guaraciaba do Norte e Santana do Acaraú	52
4. 1974 – CRISE DA ARENA E AVANÇO DA OPOSIÇÃO	63
5. CONSOLIDAÇÃO DA OPOSIÇÃO E A VOLTA DO PLURIPARTIDARISMO	
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
7. FONTES	84
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	87

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - D. José Tupinambá da Frota, José Saboya de Albuquerque e Francisco de Almeida Monte.

Figura 2: Cesário Barreto Lima, Jerônimo Medeiros Prado e José Euclides Ferreira Gomes Júnior.

Figura 3: Visita de Castelo Branco a Sobral para inauguração do Hotel municipal. 28 de 12 de 1965.

Figura 4: Paulo de Almeida Sanford e Humberto Mendonça Lopes.

Figura 5: Visita do presidente Castelo Branco à Sobral em 28 dezembro de 1965.

Figura 6: Os irmãos Pontes de Massapê.

Figura 7: Francisco Lopes de Aguiar Neto.

Figura 8: Chico Lopes em visita ao Presidente João Batista Figueiredo em Brasília. s/d.

Figura 9: Chico Lopes com Ozires Pontes.

Figura 10: Chico Lopes ao lado do governador César Cals, Adauto Bezerra e Virgílio Távora.

Figura 11: José Martins Rodrigues.

Figura12: Iranildo Pereira.

Figura 13: Mauro Benevides.

Figura 14: Ivan Rego.

Figura 15: José Maria Melo.

Figura 16: Eufrasino Neto.

Figura 17: Chagas Vasconcelos.

Figura 18: Carta de recomendação de Chico Monte sobre Chagas Vasconcelos.

Figura 19: Paes de Andrade.

Figura 20: Livro de Paes de Andrade, 1978.

Figura 21: Livro autobiográfico de Iranildo Pereira, 2017.

1. Introdução

A crise moral por que tem passado os partidos políticos nos dias atuais tem levado as agremiações a livrarem-se da palavra Partido. *Democratas, Solidariedade, Rede sustentabilidade, Podemos, Avante* são algumas das novas nomenclaturas dos partidos políticos no Brasil. O retorno a nomenclaturas anteriores também compõe essa mudança. O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), o maior e um dos mais sólidos partidos políticos brasileiros da atualidade, “voltou” às suas origens, alterando sua sigla para MDB,¹ agremiação política que na década de 1960/70 representava a oposição ao regime militar.

Mas a volta ao MDB significa muito mais do que livrar-se da malfadada palavra Partido e tudo mais que ela representa nesse contexto que se tornou sinônimo de corrupção e falta de credibilidade. Dificilmente algum grupo político voltaria a usar a sigla da ARENA (Aliança Renovadora Nacional). A memória acerca do MDB é do partido de gente brava, guerreira, que sem armas, sem sangue combateu o autoritarismo e restaurou a democracia, inaugurando um novo tempo na história do Brasil – a Nova República. Já a ARENA não goza do mesmo prestígio. Lembrada principalmente como o partido do *sim, senhor*, que aderiu, representou e sustentou o regime autoritário, não é reivindicada por nenhum grupo político como nome a ser recuperado.

O Bipartidarismo foi um sistema político instaurado no Brasil durante o regime militar, que se caracterizou pela existência de apenas duas agremiações: a ARENA representando o governo e o MDB, a oposição. O referido sistema entrou em vigor em 1965 com a decretação do Ato Institucional nº 2, mas se concretizou efetivamente a partir das eleições de 1966, terminando em 1979.

Com o golpe, os partidos políticos cearenses se reorganizaram em torno das novas agremiações. Inicialmente, divididos em União Parlamentar Revolucionária do Ceará (UPRC) e Bloco Democrático Renovador (BDR). Nesse primeiro momento, os conflitos entre os dois blocos se davam pela disputa do lugar de representante da “revolução”, ou seja, ambos apoiavam o novo regime.² Com a homologação dos novos partidos, o

¹ PMDB volta a se chamar MDB: retorno ao passado para aplacar crise de imagem. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/19/politica/1513695154_142381.html

² RABELO FILHO, José Valdenir. Ações político-partidárias e a produção do consentimento em tempos de ditadura. In: SILVEIRA, E. M da; ARAÚJO, R. A. de. *Nas trilhas do sertão: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará*. Sobral: Edições UVA/SertãoCult, 2017. p. 236.

governador Virgílio Távora, de origem udenista, foi para ARENA e seu vice, originário do PSD, Figueiredo Correia, para o MDB.³ Superados os primeiros conflitos em torno da identificação do governador ao novo regime, Távora tornou-se uma das mais importantes lideranças da ARENA, ao lado de Adauto Bezerra e César Cals, com quem revezou a liderança do Estado ao longo da vigência do bipartidarismo. Já o MDB vai se construindo, à medida que o regime vai afrouxando ou apertando as rédeas do sistema, ora aderindo, ora se acomodando, ora resistindo.

Em que medida essas legendas atingiram o fim para o qual foram criadas? A ARENA ocupou lugar privilegiado enquanto *partido do governo*? O MDB realmente constituiu uma oposição à ditadura? Havia mesmo divergências ideológicas entre as duas agremiações? A oposição constituiu uma cultura política? Como eram tratados pelo regime os municípios onde o MDB ocupou o executivo municipal?

Nosso objetivo é, pois, investigar os paradoxos que marcaram a vigência do bipartidarismo na zona norte do Ceará, a partir da sua relação com a ditadura. Observaremos a atuação dos governadores nessa região do estado; o lugar da ARENA no regime vigente e os *papéis representados* pelo MDB na sua relação com a ditadura.

Zona norte era como se identificava nas décadas de 1960-70 o espaço geográfico que atualmente recebe a denominação de sub-região *Sobral-Ibiapaba*, mas a denominação zona norte ou região norte ainda é muito recorrente na identificação da região. Ao longo da história da República brasileira essa região vem se mantendo entre os três grupos mais influentes na política do estado, com a eleição de vários governadores, senadores, deputados e prefeitos da capital, com repercussão nos dias atuais. O município de Sobral é o polo aglutinador. Líderes como Olavo Oliveira, Parsifal Barroso, José Saboia, Chico Monte, Ozires Pontes, EufRASINO Neto, Chagas Vasconcelos, José Maria Melo, Paulo Sanford, Plínio Pompeu, entre outros, são referências importantes para compreensão do papel dessa região na política cearense a partir da redemocratização de 1945.

O sociólogo Josênio Parente, um dos mais reconhecidos pesquisadores da política no Ceará contemporâneo, chama atenção para as peculiaridades da estrutura política dessa região: a falta de fidelidade partidária e a independência das lideranças em relação à

³ MOTA, Aroldo. *História política do Ceará (1947-1966)*. Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2005.p. 238.

política estadual e nacional, tornando-os menos coesos e mais fragmentados.⁴ Para o ex-governador Parsifal Barroso a autonomia dessa região em relação às outras, é que os “coronéis” dessa região eram mais bem organizados quanto aos seus eleitorados: quer fosse em Sobral, Camocim, Granja, quer em qualquer município da zona norte.⁵

Refletir sobre essas histórias se faz extremamente necessário para a historiografia cearense e para a história dos partidos políticos no Brasil. Para tanto, selecionamos alguns municípios para aprofundarmos a experiência bipartidária na zona norte. Dos municípios onde a Arena predominou, escolhemos Sobral e Massapê. Do MDB, foram Guaraciaba do Norte e Santana do Acaraú.

Em Sobral, com a saída de cena⁶ de líderes fortes como José Saboia e Chico Monte, a UDN foi cooptada pela ala virgilista, mantendo-se hegemônica no município. Ao longo do novo sistema, os grupos Prado, Barreto e Ferreira Gomes se revezaram no executivo municipal sob a legenda da Arena. No município de Massapê, embora o MDB fosse constituído por líderes representativos como Ozires Pontes, um dos fundadores da agremiação no estado, o poder municipal também teve a hegemonia da ARENA, sob a liderança do coronel Chico Lopes, que conseguiu cooptar o único prefeito eleito pelo MDB, nas eleições de 1970.⁷

Mas em alguns municípios o MDB se sobressaiu. Em Santana do Acaraú, o partido se manteve no poder municipal durante toda a vigência do bipartidarismo, sob a liderança de um importante nome do partido no estado, Francisco das Chagas Vasconcelos,⁸ um dos membros fundadores do partido no Ceará, ao lado de Mauro Benevides, Paes de Andrade e Figueiredo Correia.⁹ Em Guaraciaba do Norte, na serra da Ibiapaba, o MDB também se manteve na liderança municipal. Apoiados por uma organização estudantil, a União da Mocidade e Estudantes Guaraciabenses (UMEG), José

⁴ PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. *A era Jereissati: modernidade e mito*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 396-8.

⁵ Entrevista de José Parsifal Barroso ao Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984.

⁶ Ambos faleceram antes do bipartidarismo.

⁷ Outra versão é que a candidatura do MDB se deveu a um desentendimento entre Lopes e seus colaboradores. Fonte: SOUZA, Elza Valquíria Alves de. *O Ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE*. Sobral: UVA, 2003. 36p.

⁸ SANTOS, Rafael Júnior dos. *Manda Brasa na ARENA: práticas e representações do bipartidarismo em Santana do Acaraú (1966-79)*. Sobral: UVA, 2015 (Trabalho de Conclusão de Curso)

⁹ MOTA, Aroldo. *História política do Ceará (1947-1966)*. Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2005.

Maria Melo e Elisiário Nobre de Melo, sob a proteção dos deputados Paes de Andrade e EufRASINO Neto, controlaram o poder municipal de 1966 a 1988, tendo suas práticas identificadas como movimento democrático.¹⁰

Além da importância da região para a história política do estado, a incipiente produção historiográfica acerca dos partidos políticos, não apenas no Ceará, é uma justificativa consistente para o desenvolvimento desse trabalho. Os partidos políticos foram, por muito tempo, um tema em descrédito, reflexo do que se pensava sobre a história política como um todo.

A renovação da história política tem aberto um campo de possibilidades para a retomada dos estudos políticos com abertura para novos temas, novos problemas e novas abordagens para “velhos” temas. A ampliação desse campo de estudo se deveu, principalmente, à parceria da História com a Ciência Política.

De acordo com René Rémond, o político não tem fronteiras naturais, ora se dilata, ora se retrai. Essas variações obedecem às necessidades externas e refletem também as flutuações do espírito público. As tentativas de fechar suas fronteiras dentro de limites traçados para todo sempre são inúteis.¹¹ Para ele, na definição do político a referência mais constante é ao *poder*: “assim, a política é a atividade que se relaciona com a conquista, o exercício, a prática do poder [...]”¹²

De acordo com a historiadora Marieta de Moraes, com a renovação historiográfica proposta pela Escola dos *Analles* e as gerações que se seguiram, a história política foi duramente criticada. Na contramão dos novos debates, a história política se configurava com a história típica eventual, superficial sem articulação dos eventos com as causas mais profundas. Sua atenção se concentrava nos grandes personagens, negligenciando as multidões trabalhadoras.

Ela acrescenta que esse quadro foi lentamente se alterando a partir de alguns fatores externos e internos. As crises que desregularam as economias liberais acabaram por alargar o raio de atuação do Estado com a implementação de políticas públicas que interferiam no curso da economia. Internamente, as duras críticas recebidas acabaram por estimular reflexões dentro da própria disciplina, apontando para sua renovação e a

¹⁰ MORAIS, Silvana. O golpe civil-militar e a juventude guaraciabense. In: SANTOS, Carlos A. Pereira dos. (Org.) *A História próxima de nós!* Sobral: Egus, 2014. p. 181-188.

¹¹ Ibid, p. 443.

¹² Ibid, p. 444.

aproximação com outras disciplinas como a ciência política, a antropologia, a sociologia ou a psicanálise, que abriram campos e trouxeram novos aportes.¹³

A parceria com a ciência política é uma das mais profícuas, permitindo que o tema da participação na vida política ocupe um espaço fundamental na história:

Os estudos sobre processo eleitoral, partidos políticos, grupos de pressão, opinião pública, mídia e relações internacionais têm se expandido constantemente. Os contatos com a sociologia, a linguística e antropologia também tem frutificado através do desenvolvimento de trabalhos sobre a sociabilidade, análises de discurso e história da cultura.¹⁴

No Brasil, segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes, não é à toa que a década de 1970 elegeu o tema da política como seu centro nervoso, expandindo o entendimento de política e incorporando à história definitiva e legitimamente o tempo presente como um período primordial de análise.

Toda essa literatura, grosso modo, gira em torno da compreensão do fenômeno do autoritarismo no país, movida pela necessidade de entender o golpe de 1964 e as causas do colapso do regime liberal-democrático instaurado pela constituição de 1946. Por conseguinte, ela assume uma perspectiva histórica nítida, já que não só era inviável pensar as características do regime militar sem um retorno ao pré-64, como era evidente que as bases do autoritarismo brasileiro deitava raízes profundas nas formulações e experiências de períodos anteriores, com destaque para o Estado Novo (1937-1946).¹⁵

A autora ressalta que, não por acaso, duas das instituições mais importantes sobre o estudo do presente foram criadas nos anos de 1970: O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro (1973) e o Arquivo Edgard Leuenroth na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em São Paulo, 1974. O primeiro, a figura mais importante da história política brasileira do tempo presente; o segundo, umas das mais significativas lideranças do movimento anarquista do país.¹⁶

¹³ FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha História”: o retorno da história política. In.: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1992/10 p. 267

¹⁴ Ibid.

¹⁵ GOMES, Ângela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. In.: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1996 -17 p. 65

¹⁶ Ibidem.

Se a história política é um tema escasso na historiografia, a dos partidos políticos é quase inexistente. Os poucos trabalhos sobre o tema são dos anos 1980 e 1990. Recorrer a sebos virtuais foi a alternativa para encontrar alguma referência, isso depois de muitas tentativas, já que os títulos iam aparecendo apenas na medida em que iam sendo citados por outros autores.

Para tratar de um panorama geral da história dos partidos políticos no Brasil, duas obras bem didáticas são as poucas referências: *Introdução à História dos partidos políticos brasileiros* de Rodrigo Patto, uma obra de 153p. publicada em 1999 pela editora da UFMG e *Os partidos políticos no Brasil* de Rogério Schimdt, de 2000, ambas esgotadas no mercado editorial.

Sobre a Arena, o livro de Lúcia Grinberg – *Partido político ou bode expiatório*: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965-1979) é praticamente filho único. Foram encontradas apenas mais uma dissertação com estudo de caso da Paraíba e uma monografia sobre o Rio Grande do Sul. Aliás a própria autora reclama da ausência de pesquisa acerca da história desse partido, que para ela tem sido tratado com bastante preconceito pela memorialística.

Quanto ao MDB fomos mais felizes. Depois de muita garimpagem encontramos algumas preciosidades que iluminaram em muito a história dessa agremiação. Os principais trabalhos sobre o tema são as obras de Maria D’Alva Gil Kinzo e Rodrigo Patto Sá Motta. A primeira, *Oposição e autoritarismo – gênese e trajetória do MDB (1966-1979)* é uma obra muito citada, mas muito rara, encontrada apenas em sebo virtual por valor acima do mercado. Publicada em 1988, é um dos estudos mais densos sobre a história da agremiação e sua relação com a ditadura. A segunda, *Partido e sociedade – a trajetória do MDB*, também de acesso limitado, se complementa com outros artigos publicados pelo mesmo autor, que continua pesquisando sobre o tema, com ênfase na influência da esquerda no partido.

Outras obras importantes transitam entre a função de fonte e de bibliografia. O livro de Ana Beatriz Nader, *Autênticos do MDB – semeadores da democracia, história oral e vida política*, de 1998, é uma coletânea de entrevistas com ex-parlamentares que compuseram o grupo mais radical do MDB, também chamados de autênticos. Apesar de a autora fazer algumas considerações sobre o tema, a publicação dos depoimentos, quase na íntegra, pode servir como fonte para outros trabalhos. Já as obras de Paes de Andrade e Alencar Furtado, ambos parlamentares cearenses, pertencentes ao grupo dos autênticos do MDB, podem ser tratadas efetivamente como fontes, já que foram escritas no calor

dos acontecimentos. A primeira, *O Itinerário da violência*, de Paes de Andrade (1978), é um balanço da ditadura e da trajetória da oposição, até 1978, momento em que a oposição havia alcançado bastante prestígio junto à sociedade brasileira. A segunda, *Salgando a terra*, é uma coletânea de discursos do parlamentar Alencar Furtado relativos à sua atuação oposicionista na Câmara Federal, publicado em 1977, ambas pela editora Paz e Terra. Foi lançado recentemente, em 2017, o livro *Pau pereira*, que é uma autobiografia do ex-emedebista Iranildo Pereira, também considerado remanescente dos autênticos. A este não foi possível o acesso. Estudos monográficos desenvolvidos por historiadores da UVA foram referências fundamentais para compreensão do tema na zona norte.

O conceito de cultura política é imprescindível para entendermos o objeto em estudo. Para tanto, tomamos como referência as reflexões do historiador Rodrigo Patto, que, sob a inspiração de Serge Berstein, pensa o político a partir do entendimento de que a cultura influencia as decisões e ações políticas.¹⁷ Desse modo, o conceito de cultura política supõe a convicção de que os homens agem também movidos por paixões e sentimentos, como medo, ódio, esperança, bem como tomam decisões por influência de valores construídos em torno da família, nação ou religião:

Conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhados por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornece leituras comuns do passado, assim como fornece inspiração para projetos políticos direcionados ao futuro.¹⁸

Por esse viés buscamos entender os paradoxos que marcaram a atuação dessas duas agremiações, observando as peculiaridades da cultura política local.

A escolha dos municípios se deu pelo grau de influência regional, como é o caso de Sobral; pelas peculiaridades, como os municípios nos quais o MDB manteve-se no poder local durante a vigência do sistema bipartidário; e pelo acesso às fontes.

Depoimentos de lideranças, eleitores e outros interessados no cotidiano municipal ajudaram a entender a criação, atuação e ideologias construídas nos partidos. Dados do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, jornais, fotografias, discursos, telegramas, dentre outros materiais de registro de campanhas, convenções e outras atividades políticas ajudaram a compreender a estrutura e funcionamento dos partidos. Entretanto, ressaltamos que não é fácil o acesso às fontes relativas a essa temática.

¹⁷ ABREU, L. A. de; MOTTA, R. P. S. (Orgs). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV/Edipucrs, 2013. p. 11

¹⁸ MOTTA, R. P. S. op. Cit.

O texto está dividido em quatro partes. Inicia discutindo a história dos partidos políticos no Brasil e as eleições. Segue, apresentando o bipartidarismo detalhando os municípios onde a Arena ou o MDB lideraram. Depois, analisa o crescimento e a consolidação da oposição ao regime. Conclui destacando a reforma partidária de 1979 que extingue o sistema bipartidário e estabelece a volta ao pluripartidarismo.

2. Os Partidos Políticos e as Eleições.

Ao longo da história do Brasil existiram sete formações partidárias: 1. Liberais *versus* conservadores (1837-1889); 2. Partidos únicos estaduais (republicanos) (1889-1930); 3. Integralista *versus* comunistas (1930-1937); 4. Pluripartidarismo (1945-1964); 5. ARENA *versus* MDB (1965-1979); 6. Pluripartidarismo controlado (1979-1985). 7. Ampliação do pluripartidarismo a partir de 1985.¹⁹

De acordo com René Rémond, se existe um tema essencialmente político, é o dos partidos. A relação com o político está na sua essência, cuja formulação pede de maneira quase mecânica, como um complemento obrigatório, o epíteto político.²⁰ Ele ressalta que os partidos são políticos porque têm como finalidade, e seus membros como motivação, chegar ao poder.²¹ O mesmo não se pode dizer do fenômeno eleitoral, que apesar de se identificar com a política, tem outras aplicações além das políticas. As sociedades acadêmicas, clubes, entre outras organizações recorrem a esse método para preencher as vagas que a morte abre em suas fileiras, sem por isso, tornarem-se instituições políticas, mesmo que as campanhas assumam aspectos políticos, diz Rémond.²²

Numa conceituação mais superficial, partidos políticos são associações de indivíduos com a finalidade de disputar eleições e, por esse meio, vir a colocar os seus membros no poder.²³ Mas para Serge Berstein, o partido tem um significado mais profundo, é o lugar de mediação política. Ele elenca alguns critérios para identificar um

¹⁹ Emenda constitucional nº 25 de maio de 1985 suspendeu praticamente todas as restrições a formação de novos partidos.

²⁰ RÉMOND, op. Cit. p. 441.

²¹ Ibid, p. 444.

²² Ibid.

²³ SCHIMDT, op. cit. p. 10

partido: a duração no tempo; a extensão do espaço; a aspiração ao exercício do poder; e a vontade de buscar o apoio da população.²⁴

Para ele, um partido não nasce fortuitamente, da decisão dos criadores e só tem condições de sobreviver se responder a um problema fundamental da sociedade contemporânea, o que faz com que haja adequação entre a imagem que ele transmite de si mesmo e as aspirações mais profundas de uma parte importante da população que aceita como solução para os problemas que ela percebe a mediação política que ele propõe.²⁵

Portanto, conclui ele, depois de nascido:

[...] o partido político torna-se um organismo vivo que tem sua existência própria e proporciona a si mesmo os meios de durar. Se ele é mais que um fogo de palha torna-se depositário de uma cultura política com a qual comungam seus membros e que dá origem a uma tradição muitas vezes transmitida através das gerações.²⁶

Mas para o cientista político Bolívar Lamounier, o Brasil é um caso notório de subdesenvolvimento partidário, já que marcado pela descontinuidade e debilidade. Mesmo os partidos de 1945-64, considerados os mais sólidos, não têm histórico de continuidade. Talvez por isso o experimento militar autoritário tenha logrado êxito na imposição do bipartidarismo em 1965 e do pluripartidarismo em 1979. Ele argumenta que a descontinuidade entre os sistemas partidários, suprimidos pela violência, e o antipartidarismo, como traço marcante da cultura política brasileira, são elementos substanciais para explicar esse subdesenvolvimento.²⁷

Ele elenca duas principais conceituações partidárias: uma marxista e outra liberal. A primeira pensa o partido como representação política de uma classe social; enquanto a segunda o vê como criações artificiais por empresários políticos que vislumbram oportunidade no mercado político. Ele acha que a liberal é mais compatível com a história partidária brasileira, já que praticamente não tivemos partidos formados de baixo para

²⁴ BERSTEIN, Sérgio. Os Partidos. In. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.p. 62-63

²⁵ Ibidem, p. 67-68

²⁶ BERSTEIN, Sérgio. Os Partidos. In. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003. p. 69

²⁷ LAMOUNIER, B.; MENEGUELLO, R. Partidos políticos e consolidação democrática. O caso brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 9 a 13.

cima. Os poucos partidos com representação classista nos anos 40 foram o PRP (Partido da Representação Popular) e o PCB (Partido Comunista Brasileiro), com atuação limitada e difusa, e o PP (Partido Popular) e o PT (Partido dos Trabalhadores), nos anos 80.²⁸ Alguns líderes cearenses denominam esses partidos de ideológicos, enquanto os outros seriam partidos convencionais.²⁹

A historiadora Lúcia Grinberg tem dúvidas sobre essa tese de fragilidade dos partidos políticos brasileiro. Para ela, os analistas ressaltam mais a fragilidade dos partidos do que a arbitrariedade por parte dos regimes que os eliminaram por meio de decretos. Ela sugere historicizar os debates para não cair no senso comum da inadequação ou impossibilidade de consolidação das instituições democráticas no país, já que muitas vezes os cientistas políticos generalizam e comparam sistemas partidários de épocas distintas.³⁰ Ela faz coro com outros analistas que defendem que, quando o regime democrático ruiu, os partidos se encontravam em processo de consolidação e não de desagregação como muitos pregaram. Portanto o AI-2 não foi o fim da agonia dos partidos, mas a ruptura no processo de sua consolidação.³¹

A cientista política Maria do Carmo Campello também faz algumas ponderações nesse sentido. Para ela o declínio dos grandes partidos conservadores (UDN e PSD) nos anos 50 e a conseqüente dispersão eleitoral induziram a médio prazo um processo de realinhamento do sistema partidário.³² Campello reconhece a fraca institucionalidade dos sistemas partidários brasileiros, entretanto argumenta que o suicídio de Vargas e o caráter extremamente crítico do processo sucessório em 1955, da mesma forma que o fenômeno janista nas eleições de 1960, tiveram indiscutível efeito sobre o sistema partidário, ocasionando o enfraquecimento da UDN e uma reabilitação também conjuntural da aliança PSD-PTB.³³ “Portanto o declínio dos grandes partidos não pode ser tomado como

²⁸ Ibidem. p.18 e 19. O PP ligado ao empresariado moderno, incorporou-se a PMDB antes de disputar uma eleição e o PT porta voz no novo sindicalismo e de outros setores de esquerda.

²⁹ Entrevistas ao Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984.

³⁰ GRINBERG, L. *Partido político ou bode expiatório*. Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional – ARENA (1965-1979). Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 38

³¹ LAVAREDA, A. A democracia nas urnas. *Apud* Grinberg. p. 40

³² SOUZA, Maria do Carmo Camello. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Alfa-omega, 1990. p. 143.

³³ Ibidem, p. 146.

sinônimo de crise, visto que implicava também num processo de realinhamento e eventual contenção da proliferação partidária.”³⁴ A sua conclusão é que se trata da organização da “sociedade civil”, forçada pelo desenvolvimento e crescente complexidade econômico-social, mas ao mesmo tempo dificultada pelo peso das instituições e tradições ideológicas autoritário-estatais.³⁵

O período entre 1945-64 é sem dúvida um marco na história dos partidos políticos no Brasil. Caracterizou-se entre outras coisas pelas campanhas eleitorais. A exclusividade dos partidos políticos na apresentação das candidaturas somada a obrigatoriedade do voto em sufrágio universal, levaram ao estabelecimento de novas relações entre candidatos e eleitores, daí as campanhas ganharem cada vez mais importância. O código de 1945 – Lei Agamenon -- determinava a exclusividade das candidaturas por meio dos partidos políticos e a exigência de que os partidos tivessem caráter nacional. Os panfletos de propaganda, os comícios microfonados, a distribuição de sorrisos e apertos de mãos passam a compor o cenário urbano. Era preciso convencer à sociedade de que todos precisavam participar do jogo político necessário à construção de um país democrático. Eleitor e cidadão se uniam numa única identidade, levando as eleições a constituir a principal prática cidadã.³⁶

As eleições passaram a ser tratadas com mais rigor, visando à garantia do exercício democrático. Houve ampliação do eleitorado que passou de 21 anos para 18 e a imposição da obrigatoriedade do voto, mesmo assim o número de votantes continuou pequeno, talvez pela negação do voto analfabeto.³⁷

O sistema partidário naquele período era composto por partidos nacionais em número de treze, sendo três predominantes: UDN, PSD e PTB. O PSD foi o maior partido do Brasil ao longo desse período, elegendo as maiores bancadas no Congresso Nacional em todos os pleitos que disputou. Foi o único partido que conseguiu se organizar em todas as unidades da federação para as eleições de 1945. Fruto da burocracia do Estado Novo, seu principal conflito interno travava-se entre o reformismo da Ala Moça e o fisiologismo das “raposas”. “[...] foi o partido gerador de todas as fórmulas institucionais para retirar

³⁴ Ibidem, p. 167.

³⁵ Ibidem, p. 171.

³⁶ CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. p. 44.

³⁷ Ibidem, p. 47.

a nação das profundas crises políticas. Como partido majoritário, representava uma espécie de suporte estabilizador das instituições políticas do Brasil.”³⁸

A UDN foi a segunda maior agremiação, conquistou a segunda maior bancada no Congresso até as eleições de 1962. A única sem vínculos com o Estado Novo, adotando uma plataforma liberal. O PTB foi a terceira maior legenda e a que mais cresceu eleitoralmente ao longo daquele período, fruto da estrutura sindical corporativa do Estado Novo.³⁹

No seu estudo sobre as eleições de 1954 e 1958 no Ceará, Glória Diógenes traça um perfil desses três principais partidos. Para ela, a característica do PTB como partido dos trabalhadores urbanos, tendo como base os sindicatos e as associações de classe, não se observava no Ceará. Era muito instável, mimetizava-se com o meio político ao qual se inseria, sendo confundido ora com o PSD ora com a UDN, isso ocorria devido à necessidade de sobrevivência da sua legenda. Nos anos 50 seus líderes e seus votos vinham principalmente de áreas rurais.⁴⁰

A UDN e o PSD ocuparam alternadamente o poder executivo do Estado entre 1945 e 1962. Diógenes afirma que até aquele momento eles podiam ser considerados reais adversários concentrando a atenção a cada eleição. Ambos abrigavam facções inimigas, dificilmente acomodáveis dentro de uma mesma legenda ou sob coligações. Entretanto, o que ela constatou foi que, no alinhamento das forças conservadoras de 1962 (*União pelo Ceará*),⁴¹ que uniu as duas legendas em torno da candidatura de Virgílio Távora ao governo do Estado, as supostas diferenças foram facilmente suplantadas, atestando a natureza nitidamente agremiativa destes partidos.⁴²

De forma geral, nenhum partido da época tinha plataforma política definida. Os partidos existiam em razão direta das eleições traçando nos intervalos entre uma e outra as estratégias que os manteriam nos postos conquistados ou que lhes assegurariam vitórias no próximo pleito. Falar

³⁸ Depoimento de Paes de Andrade. In.: NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB – semeadores da democracia – história oral e vida política*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998. 398p. p.341.

³⁹ SCHIMDT, op. cit. p. 14 a 18.

⁴⁰ DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *As eleições de 1954 e 1958 no Ceará: os partidos e suas lideranças*. Fortaleza: UFC/Stylus Comunicações, 1989. Coleção Estudos Históricos. NUDOC, Vol 4. 112p. p. 101.

⁴¹ Acordo eleitoral costurado pelo governador Parsifal Barroso, que reuniu os grandes partidos rivais – a UDN de Virgílio Távora e o PSD de Waldemar Alcântara.

⁴² DIÓGENES, op. Cit. p. 103.

destes partidos significava em termos mais objetivos caracterizar os quadros das lideranças que se colocavam à sua frente.⁴³

Parsifal Barroso concorda que não havia diferença programática entre os dois partidos, mas diz que a UDN era mais revanchista e o PSD mais conservadorista.⁴⁴ O ex-senador Wilson Gonçalves defende que apesar de não ter ideologia havia muita divergência entre as duas agremiações, construídas por questões municipais e/ou pessoais, e que, ao contrário do que afirmam alguns autores, não foi fácil juntá-las na *União pelo Ceará* em 1962, nem na Arena em 1966.⁴⁵ Entender essa formação partidária é fundamental para compreendermos o sistema bipartidário que se instalou a partir de 1965, já que esses três partidos constituem as bases das novas agremiações, impostas pelo regime autoritário.

As eleições, para Diógenes, explicitam e aguçam as diferenças entre as agremiações; “é nesse momento que o discurso se torna mais concreto, que a posição de neutralidade é desmitificada e que os instrumentos de ação política utilizados durante o período entre as eleições tornam-se passíveis de serem utilizados.”⁴⁶ Com o golpe de 1964, as eleições se dividem entre diretas e indiretas. Naquele contexto elas tinham dupla função: legitimar as decisões do governo e servir de laboratório eleitoral, no qual a população poderia exercer controladamente o direito de votar.⁴⁷

O quadro abaixo, resume as principais mudanças operadas na legislação eleitoral ao longo do sistema bipartidário, por meio dos atos institucionais, pacotes, leis e emendas.

QUADRO DA LEGISLAÇÃO ELEITORAL (1966-79)

ATOS	PRINCIPAIS ALTERAÇÕES
AI 1 - 09/04/64 a 31/01/66	<ul style="list-style-type: none"> - Eleição indireta para presidente; - Os projetos de lei enviados pelo presidente que não fossem votados em até 60 dias, seriam considerados aprovados; - Suspensão das garantias da vitaliciedade dos magistrados e estabilidade de servidores públicos por seis meses; - Cassação de mandatos e suspensão de direitos políticos por dez anos.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ José Parsifal Barroso, entrevista citada.

⁴⁵ Entrevistas de Wilson Gonçalves ao Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984.

⁴⁶ DIÓGENES, G. op. cit. p. 23.

⁴⁷ CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. p. 50d.

AI 2 – 17/10/65 a 15/03/67	- Estabelecimento definitivo de eleições indireta para presidente; - Extinção dos partidos políticos; - Poder de decretar recesso parlamentar em todos os níveis;
AI 3 – 05/02/66 (sem limite de vigência)	Eleição indireta para governadores que nomeariam os prefeitos das capitais
AI 4 – 7/12/66	- Convocação do congresso para aprovar a nova constituição; -
AI 5 – 13/12/68	- Manutenção definitiva do poder do presidente de decretar recesso parlamentar; cassar mandatos e direitos políticos por até 10 anos, com liberdade vigiada; - Suspensão da garantia de <i>habeas corpus</i> por crime contra a segurança nacional, ordem econômica e a economia popular; - Exclusão de apreciação judicial de todos os atos praticados de acordo com este Ato.
AI 14 – 5/09/69	Alteração da Constituição de 67 para possibilitar pena de morte para os casos de guerra extrema, psicológica adversa ou revolucionária ou subversiva.
Lei Orgânica dos Partidos Políticos nº 4.740 de 15 de julho de 65	- Regulamentação do registro e funcionamento dos partidos; - Estabelecimento de limites de participação partidária aos indivíduos no exercício dos seus direitos políticos; - Normatização da estrutura dos órgãos internos, condições para expulsão dos filiados e a forma de eleição dos diretórios (voto direto e secreto)
Lei Falcão – nº 6.339 de 1º de julho de 1976	Regulamentação da propaganda eleitoral: os partidos só podiam apresentar nome, número e currículo dos candidatos e uma fotografia, no caso da TV.
Pacote de Abril – 1977	Fechamento do congresso; criação do senador biônico; alteração do critério de representação, levando à eleição de maior número de deputados do Nordeste em relação ao centro –sul; restrições da Lei Falcão atingindo o legislativo estadual e municipal.
Emenda Constitucional nº 11-13 de outubro de 1978	Revogação do AI 5: proibiu o executivo de determinar recesso parlamentar, cassar mandatos, demitir servidores públicos e privar cidadão de direitos políticos; restaurou o direito ao <i>harbeas corpus</i> , embora tenha criado a figura das salvaguardas, para estado de emergência
Lei Orgânica dos Partidos políticos – nº 6.767, de 20 de dezembro de 1979	Extinção da Arena e do MDB e permissão para surgimento de novos partidos que deveriam conter a palavra partido na sua denominação, prescreveu os requisitos para formação desses partidos e regulou as estruturas interna de funcionamento.

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral. Brasília, 2014⁴⁸

3. O Bipartidarismo

A UDN foi a maior participação civil no apoio ao golpe de 1964. Nas eleições para governador em 1965, a união entre PSD e PTB saiu vitoriosa, inclusive em regiões importantes como Minas Gerais e Guanabara (Rio de Janeiro), levando o regime a

⁴⁸ CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. 100p.;il. p. 49-58.

repensar o sistema partidário. Segundo Rodrigo Patto,⁴⁹ pressionado pela “linha dura” e pela ausência de uma agremiação que representasse os interesses do governo, o regime decretou o Ato Institucional nº 2 impondo o bipartidarismo:

Aos membros efetivos do Congresso Nacional, em número não inferior a 120 deputados e 20 senadores, caberá a iniciativa de promover a criação, dentro do prazo de 45 dias, de organizações que terão, nos termos do presente Ato, atribuições de partidos políticos, enquanto que estes não se construírem.⁵⁰

O bipartidarismo destruía os partidos que poderiam ser foco de contestação ao regime e construía um partido que lhe garantia suporte. A adequação a esta nova organização partidária não foi tranquila na maioria dos municípios brasileiros. Ao MDB impunha-se um dilema:

atuar politicamente ou retirar-se da cena política. Ao escolher existir, ocuparia o único espaço de oposição permitida pela ordem jurídica instituída, mas teria o inconveniente de legitimar as decisões governamentais, reforçando o discurso oficial de que não existiam imposições. Se, ao contrário, optasse por se retirar do jogo político, poderia dismantelar a legitimação do governo, mas retiraria qualquer obstáculo às decisões militares. Enfrentando o dilema, o MDB optou por permanecer na cena política, atuando no espaço a ele destinado para oferecer alguma oposição ao regime.⁵¹

De acordo com D’Alva Kinzo, a dificuldade do MDB foi completar o número de membros exigidos pela nova lei, já que muitos parlamentares populares já haviam sido cassados, e assumir-se como oposição era pôr em risco novas cassações. Já para a ARENA, a dificuldade foi reunir numa única agremiação tantas tendências divergentes de base regional e local, que se colocaram ao lado do governo, para isso as sublegendas foram bastante úteis.⁵²

Patto defende que a principal herança do MDB foi o PSD e o PTB, por isso seu programa e sua atuação podem ser chamados de centro-esquerda. Enquanto a ARENA

⁴⁹ MOTTA, Rodrigo Pato Sá. A formação do MDB e a influência do quadro partidário anterior. In.: *Revista de Sociologia e Política*. Nº 6/7, 1996.

⁵⁰ Ato Complementar nº 4, de 20 de novembro de 1965, art. 1º. Apud MOTA, Aroldo. Op. Cit.

⁵¹ CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014. p.59.

⁵² KINZO, Maria D’Alva G. *Oposição e autoritarismo - gênese da trajetória do MDB: 1966-1979*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988. p. 30.

seria herdeira principalmente da UDN, embora também tenha recebido militantes do PSD e do PTB.⁵³ Ele ressalta que o MDB teve muita dificuldade de ser aceito pelas esquerdas, excetuando-se o PCB, que seria o único grupo organizado de esquerda a se ligar ao MDB, desde o início. A partir de 1974-75, vários grupos começaram a se aproximar do partido, por diversas razões: pela credibilidade construída pelos “autênticos”⁵⁴ em 1973-74; pelos esforços dos emedebistas em se aproximarem dos movimentos sociais e da intelectualidade e a divulgação mais eficiente de imagem efetivamente oposicionista, mostrando-se um partido preocupado com os problemas sociais e empenhado na luta pela democracia.⁵⁵ A fragmentação da oposição, por meio do pluripartidarismo, seria a próxima estratégia política que socorreria o regime até as eleições de 1985.

O princípio era criar organizações provisórias, daí nenhuma das novas legendas, oficializadas em 1966, apresentou a palavra “partido” em sua denominação. A ARENA como importante instrumento político teria garantido ao regime significativas vitórias nos pleitos de 1966 e 1970, especialmente nas regiões Norte e Nordeste do país, afirma Patto.⁵⁶

Ao falar da “engenharia institucional” do bipartidarismo, Bolívar Lamounier a classifica em três fases. A primeira tratava-se de acomodar dentro da Arena as facções oriundas dos velhos partidos que continuavam a digladiar-se, com o instrumento da *sublegenda*. A segunda fase foi disciplinar o partido governista no âmbito parlamentar com a *fidelidade partidária*. Tal medida obrigava os parlamentares seguirem fidedignamente as diretrizes partidárias, evitando a migração ou mesmo o apoio a projetos emedebistas.⁵⁷ A terceira seria um conjunto de medidas que impediria a perda de monopólio do governo sobre o desmoronamento do regime: *Lei Falcão* (1976), o *Pacote de Abril* de 1977 e por fim o *Pluripartidarismo* em 1979.⁵⁸

⁵³ MOTTA, R. Op. Cit. p. 204.

⁵⁴ Autênticos foi uma expressão criada pela imprensa do período para caracterizar os militantes mais radicais do MDB.

⁵⁵ MOTTA, Rodrigo Pato Sá. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J. *Revolução e democracia – 1964...* RJ: Civilização Brasileira, 2007. p. 295.

⁵⁶ Ibid. p. 47.

⁵⁷ Emenda constitucional nº 1 de 1969 outorgada pela Junta Militar. *Apud* LAMOUNIER, op. Cit.

⁵⁸ LAMOUNIER, B.; MENEGUELLO, Rachel. *Partidos Políticos e consolidação democrática – o caso brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

No trabalho sobre a memória política da ARENA, Lúcia Grinberg mostra que a história da ARENA envolve uma disputa pela memória tanto da UDN (União Democrática Nacional) quanto do PSD (Partido Social Democrático). A ARENA é lembrada com a imagem de subordinação e apoio aos militares no executivo, um perfil negativo, já que significa a participação após o sucesso do movimento de 1964, e não a atuação efetiva no processo.⁵⁹ “... O MDB era referido como partido do ‘sim’ e a ARENA como partido do ‘sim, senhor’, o que significa dizer que ambos ‘se dobravam à vontade do poder, mas a ARENA o fazia com mais servilismo e menos pudor’”.⁶⁰

Segundo a autora, a historiografia sobre a ARENA questiona a compreensão desta, como partido: pela limitada influência no governo ou pela diversidade de origens partidárias de seus membros. Ela defende a ideia de que se a ARENA foi instituída pelo regime militar, seus membros não o foram, apresentando uma grande maioria de militantes com longa prática na política partidária.⁶¹ Grinberg conclui que a ARENA foi um bode expiatório ao inverso do regime militar: fraca, risível e sem poder nenhum. Todavia, continua a autora, é preciso reconhecer que é representativa de boa parte da história dos partidos políticos no Brasil: UDN, PSD e até PTB, formando grande parte da geração seguinte de políticos, quando as alternativas se limitavam a ela e ao MDB.⁶²

Para Grinberg os anos de 1964 a 1979 serão entendidos como um tempo de crise cuja principal característica foi a perda do monopólio da representação pelos políticos profissionais e a atuação ostensiva dos militares no campo político.⁶³

No Ceará, de acordo com dados eleitorais do TRE, a maioria dos municípios aderiu à ditadura. Com a extinção dos antigos partidos políticos, foram criadas duas agremiações provisórias: *União Parlamentar Revolucionária no Ceará (UPRC)* e o *Bloco Democrático Renovador (BDR)*.⁶⁴ Entretanto, para Valdenir Rabelo Filho, a divisão dos

⁵⁹ GRINBERG, Lúcia. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In.: REIS, Daniel Aarão et al.(Orgs). *O Golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 143.

⁶⁰ MOTTA, Rodrigo de Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*: Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 118.

⁶¹ Ibid. p. 149.

⁶² Ibid. p. 158.

⁶³ GRINBERG, op. cit. p. 46.

⁶⁴ MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará. 1947-1966*. Rio-São Paulo – Fortaleza: ABC editora, 2005. pp. 235-6.

parlamentares em dois grupos não se deveu à postura divergente em relação à “revolução”. Pelo contrário, os dois grupos reconheciam a legitimidade da “revolução” e disputavam o lugar de representante do regime no Ceará, como se pode constatar nos objetivos do documento de fundação das agremiações, respectivamente:

a) Apoiar a ordem jurídico-revolucionária; b) **apoiar o Governo Federal, representado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco;** c) apoiar o Governo Estadual, representado pelo Excelentíssimo Senhor Governador, coronel Virgílio do Nascimento Fernandes Távora; d) tornar público este instrumento ao povo do Ceará, dando-se conhecimento do seu teor às autoridades acima indicadas, bem como ao Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.⁶⁵

a) **Consolidação dos ideais revolucionário, dos quais se tornou decidido executor o Exmo. Sr. Presidente da República;** b) maior dignificação do Poder Legislativo do Ceará, através de vigilante atuação na defesa dos legítimos interesses da coletividade cearense; c) cooperação patriótica na manutenção do clima de paz e tranquilidade, indispensável ao progresso do Brasil e bem-estar de seu povo; d) esforço permanente no sentido de que prevaleça ambiente de rigorosa moralização administrativa em todos os setores da vida pública do Estado.⁶⁶ (Grifos nosso)

Ainda segundo o historiador, o bloco renovador foi muito mais contundente na perseguição aos parlamentares de esquerda, acusando o então governador de acorbertá-los, com o objetivo de macular sua imagem frente ao novo regime.⁶⁷

Com a efetivação das novas agremiações, para ARENA foram UDN, representada pelas famílias: Távora, Bezerra, Sampaio, Furtado Leite, Castro, Costa Lima, Alencar, Ferreira Gomes, Rodrigues, Marcílio e Barreto; PSD representado pelas famílias: Alcântara, Gomes da Silva, Augusto e Gonçalves; PSP; e PTB. Para o MDB foram

⁶⁵ Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. *União Parlamentar Revolucionária do Ceará*. Fortaleza-CE, 29 de outubro de 1965. Acervo Virgílio Távora. Fundo: Governador Virgílio Távora. Série: Organização Política Partidária. Sub-série: ARENA. APEC. Fortaleza-CE. Apud. RABELO FILHO, p. 226.

⁶⁶ Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. *Bloco Democrático Renovador*. Fortaleza-CE, 08 de novembro de 1965. Acervo Virgílio Távora. Fundo: Governador Virgílio Távora. Série: Organização Política Partidária. Sub-série: ARENA. APEC. Fortaleza-CE. Apud RABELO FILHO, p. 233.

⁶⁷ RABELO FILHO, op. Cit. p. 233.

militantes do PSD das famílias Andrade, Figueiredo Correia e Benevides; PTB (Pontes) e a esquerda ainda não cassada.⁶⁸

Embora a ARENA tenha sido a maior usuária da sublegenda, já que constituía uma agremiação maior e mais diversificada, no Ceará o MDB também se apropriou dessa prática. A ARENA chegou a dividir-se em três sublegendas, embora fosse mais comum em duas, enquanto o MDB se dividiu em duas, e só excepcionalmente em três. Apesar das sublegendas, o partido era único, o diretório era um só, as sublegendas eram definidas quando da convenção para escolha dos candidatos para os pleitos municipais. Era necessário o apoio de pelo menos 20% dos filiados para criar uma sublegenda, por isso em vários municípios as sublegendas nem sempre apareciam em todas as eleições.⁶⁹ Em Massapê, por exemplo, na eleição de 1966 não havia sublegenda, já na de 1972 cada agremiação se dividia em duas, já em Sobral foram sempre duas sublegendas. Do mesmo modo, era inconstante a permanência de um grupo em uma sublegenda, ela podia mudar a cada eleição.

Kinzo afirma que “a filiação à ARENA ou ao MDB não resultou de uma cisão claramente definida entre os partidos conservadores de um lado, e os partidos trabalhistas e reformistas de outro”. Para ela, esse ecletismo se devia à forma como as agremiações foram criadas, mas também pela falta de clareza no caráter ideológico e representativo dos antigos partidos políticos, além da frouxidão daquela legislação, que alimentava a infidelidade partidária.⁷⁰ Grinberg discorda dessa ideia de falta de ideologia dos partidos anteriores. Para ela a UDN e o PSD tinham identidade consistentes, mantidas mesmo quando se juntaram na Arena.⁷¹

Entretanto, Lamounier, Grinberg e Kinzo concordam que a Arena era tão recente, artificial e, sobretudo, impotente quanto o MDB, com a diferença, apenas, de que se achava mais próxima das vantagens clientelistas e daquilo que o regime definia como legalidade.⁷²

⁶⁸ FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007. p. 52.; ESTADO DO CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. *Acervo Virgílio Távora*. Produção intelectual. Fortaleza, 1954/65/79.

⁶⁹ Wilson Gonçalves. Entrevista citada.

⁷⁰ KINZO. Op. Cit. p. 32.

⁷¹ GRINBERG, op. cit.

⁷² LAMOUNIER, op. cit. p. 67.

3.1. A ARENA

O registro da Arena como organização política se deu em 1966, sendo transformada em partido político, em 1967.⁷³ No primeiro diretório nacional aparecem os nomes de alguns cearenses: Rachel de Queiroz, Wilson Gonçalves (PSD) e Paulo Sarasate (UDN).

De acordo com seu estatuto:

[...]
Art. 2º – A ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL pugnará:
b) pelo aperfeiçoamento da democracia representativa e, conseqüentemente, contra a fraude, a influência do poder econômico nas eleições e os abusos do poder político;
g) pela expansão do ensino em todos os graus, especialmente do ensino elementar obrigatório e do técnico-profissional;
q) pela manutenção e consolidação de uma política de efetiva participação do Brasil no sistema de vida e de valores da civilização ocidental e no mecanismo de segurança continental, com o pleno cumprimento de seus compromissos internacionais e, sobretudo, com o fortalecimento da integração econômica latino-americana.⁷⁴

Tem crescido o número de autores que defendem que desde os anos 1930 o poder do coronel sertanejo vem se dissipando, levando o fator econômico a se sobrepor ao poder político, o que ocorreu na maior parte do Brasil. Contudo, do ponto de vista da estrutura partidária, os estados trazem algumas singularidades. Enquanto no Brasil, a aliança PSD/PTB saiu vitoriosa na maioria dos pleitos entre 1945 e 1964, no Ceará nenhum grupo fez seu sucessor até 1962, quando, numa aliança inédita, os dois maiores partidos (PSD e UDN) se uniram para derrotar o PTB de Carlos Jereissati que, sob a tutela do governo federal, consolidava sua liderança no Ceará. Esse acordo chamado de *União pelo Ceará* acabou por antecipar o que mais tarde se chamaria de Arena. A agremiação no Ceará foi fundada em 8 de julho de 1966.⁷⁵

⁷³ 24 de março de 1966 pelo TSE, e em 24 de fevereiro de 1967, a PGE autorizou sua transformação em partido político.

⁷⁴ <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>. Acesso em 30-09-2017.

⁷⁵ Fundadores: governador Virgílio Távora, senadores: Menezes Pimentel e Wilson Gonçalves, dep. Federais: Armando Falcão, Edilson Távora, Flávio Marcílio, Jorge Furtado Leite, Ossian Araripe e Paulo Sarasate; dep. Estaduais: Alceu Coutinho, Almir Pinto, Antonio Gomes de Freitas, Franklin Chaves, Guilherme Gouveia, Haroldo Sanford, Adauto Bezerra, Manuel de Castro, Obi Diniz e Plácido Castelo. Fonte: MOTA, Aroldo. República: partidos políticos no Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza: 2000.p. 10

Para Josênio Parente, os partidos políticos cearenses, na década de 1960, se estruturavam numa sociedade que buscava o caminho da modernidade, que naquela época já era identificada com a industrialização. Tanto Távora(UDN) quanto Jereissati(PTB) se identificavam com esse projeto. Contudo, com o golpe de 1964, foi a liderança de Távora que se fortaleceu.⁷⁶

O Ciclo dos Coronéis foi fundamental para a hegemonia da agremiação no estado. Virgílio Távora, Adauto Bezerra e César Cals foram os mais influentes líderes desse grupo que se sucederam na chefia do executivo estadual de 1962 a 1982. Embora o conceito de coronel aqui adquira sentido ambíguo, a referência é principalmente à patente militar que todos eles carregavam.

Entretanto, Virgílio Távora foi o que melhor encarnou o conceito de chefe político moderno que consolidou o apoio à Arena nos mais longínquos municípios cearenses. Sua coerência ideológica pode ser notada na filiação partidária: UDN, ARENA e PDS. Távora assumiu a liderança da UDN estadual em fins dos anos 40, em substituição ao seu pai, o ex-interventor Fernandes Távora.⁷⁷ Além de militar e intelectual com formação em engenharia, ele se consagraria pelo apaziguamento dos conflitos políticos vivenciados no interior do estado. Até a década de 1950 ele dividiu a liderança da UDN no estado com José Saboia, da zona norte e Paulo Sarasate,⁷⁸ em Fortaleza.

Como deputado Federal e chefe estadual da UDN em 50, Távora derrotou Raul Barbosa, então governador, impondo-lhe uma mesa diretora na Assembleia de oposição. Em 1953 assumiu a secretaria geral da executiva nacional do partido. Na eleição de 1954, numa aliança UDN e PTB elegeu Paulo Sarasate governador, Fernandes Távora e Parsifal Barroso, senadores, e Távora reelegeu-se deputado Federal. Tentou reeditar essa receita na eleição para presidente em 1955, mas não vingou, sendo também derrotado nas eleições para governador de 1958, assumiu o posto de ministro de Jango.⁷⁹

A habilidade conciliadora foi reconhecidamente uma das maiores virtudes de Virgílio, que foi fundamental para resolver conflitos políticos violentos no interior. Um desses conflitos foi o episódio de criação do município de Orós, então distrito de Icó.

⁷⁶ PARENTE, J. P. O Ceará dos coronéis. In: SOUZA, S. de. Uma Nova história do Ceará. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000. p. 399.

⁷⁷ CEARÁ. SECRETARIA DA CULTURA. ARQUIVO PÚBLICO. Inventário do Acervo Virgílio Távora. Fortaleza: Secult, 2003. 144p. p. 16^a

⁷⁸ Proprietário do jornal O Povo.

⁷⁹ CEARÁ. Op. Cit. p. 19.

Chamado para fechar um acordo com as partes, ele diz que o prefeito de Icó, Newton Fernandes, foi ao encontro acompanhado dos mesmos guarda-costas, que no governo Raul Barbosa haviam espancado os chefes da UDN de Orós:

Já estava preparando o documento do acordo, na casa de Eliseu Batista, quando estourou uma bruta fuzilaria. Newton, o prefeito de Icó, se refugiou em uma casa, acompanhado de um guarda-costas ferido, enquanto os outros três já estavam mortos. Para salvar a vida do Prefeito, empunhei uma Colt – 45 e, apontando-a contra os próprios amigos, retirei da cidade o Prefeito e o guarda-costas moribundo. [...].⁸⁰

Em telegramas enviados por líderes da UDN nos municípios a Virgílio Távora, entre 1945 e 1962, quando ele ainda não era governo, é recorrente a solicitação de segurança para os pleitos eleitorais, já que era muito frequente a perseguição de pessedistas (PSD) e petenistas (PTN). As denúncias incluíam: humilhações, ameaças e assassinatos em plena via pública, antes, durante e depois das eleições, acobertados pela polícia local. Em alguns pleitos os eleitos sequer podiam tomar posse.⁸¹

Outra virtude do líder citado por diversas fontes era o rigoroso cumprimento dos acordos de campanha. Em Sobral, não faltam exemplos da lealdade da família Barreto a Távora: “Mais fácil o boi avoar do que o líder sobralense, Cesário Barreto Lima, trair a confiança do Cel. Virgílio Távora”.⁸²

Esses conflitos entre as agremiações antes do bipartidarismo servem de elementos para entendermos a tensão que marcou a atuação da Arena. São recorrentes as afirmações de que a Arena deu mais trabalho ao regime do que o MDB, que era oposição.⁸³ Diz-se que a *União pelo Ceará* de 1962 foi responsável pela pacificação do estado, “O Ceará[...]tornara-se uma ilha de paz e tranquilidade,”⁸⁴ já que os maiores conflitos se davam entre essas agremiações. Entretanto, com a Política dos Governadores de 1972, essas tensões teriam sido reavivadas, com a divisão das chefias locais da Arena. O governador

⁸⁰ Ibidem p, 18.

⁸¹ Telegrama de Manuel Rodrigues à Virgílio Távora.; De Abdias Pontes de Aguiar da UDN de Frexeirinha para Virgílio e Gentil Barreira (16-10-1962); de membros da UDN Sobral (25-10-62); De Padre Palhano, Sobral.

⁸² LIMA, César Barreto. *O Homem é o Quinca*. Fortaleza: Prêmio, 2011. 156p.:il, p. 85-87.

⁸³ Entrevista de Plínio Pompeu de Saboia. Programa de História Oral (Lideranças políticas). NUDOC. UFC, 1984.

⁸⁴ PARENTE, op. Cit. p. 400.

César Cals (1971-1975), para confrontar a ala tavorista, teria dado a maior porção ao ex-PSD que era o menor grupo dentro da Arena, isso teria reacendido as velhas rivalidades.⁸⁵

Um estudo pioneiro sobre a história da agremiação é o *Partido político ou Bode expiatório? Um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional*, de Lúcia Grinberg. Questionando as principais teses sobre o tema, ela inova ao abordar a postura submissa da agremiação ao regime, já que, apesar de serem frutos da ditadura, suas principais lideranças (UDN/PSD) tinham longa experiência na vida política. Ela critica a tese defendida por Dalva Kinzo de que as agremiações criadas com o bipartidarismo eram frágeis pela falta de firmeza identitária que marcara suas antecessoras, a UDN e o PSD. Por meio de uma densa documentação do acervo da Arena, ela fundamenta que esses partidos eram bastante consistentes e que essa firmeza identitária foi fundamental para a atuação da Arena, que para ela não foi passiva, enfrentou o regime em diversos momentos, apoiando muitas vezes as votações do MDB.⁸⁶

Ela divide a história da agremiação em quatro momentos. *O tempo da conspiração e das dúvidas* (1964-66); *o tempo da incerteza e das cisões* (1966-68); *o tempo do silêncio e da reorganização* (1969-73); e *tempo da abertura política* (1974-79). No tempo do silêncio e da reorganização, quando a Arena era duramente vigiada pelo regime, dois cearenses compuseram a diretoria nacional, Wilson Gonçalves (PSD) e Virgílio Távora (UDN), que assumiu o cargo de segundo secretário.⁸⁷

Relacionando as reflexões de Grinberg com o nosso estudo de caso, é possível inferir que o funcionamento dos partidos políticos na vigência do bipartidarismo não pode ser explicado apenas pela sua relação de adesão ou oposição ao regime, já que muitos líderes tinham conquistado seu prestígio de longas datas (se o partido era novo, os líderes não eram). É possível que a chefia de Távora tenha levado muitos a filiar-se a Arena sem que isso significasse uma adesão ideológica ao regime. É recorrente nas entrevistas sobre a ditadura no Ceará, a não percepção da instalação de um novo regime nos anos 60, haja vista a exclusão de muitos sujeitos do processo político, exclusão que sempre marcou a história brasileira. A ausência de qualquer referência à mudança de regime no pós-golpe, nas atas das câmaras de diversos municípios cearenses, pode ser sintoma dessa indiferença mesmo do legislativo ao processo político.

⁸⁵ APEC. Acervo Virgílio. Produção intelectual. Fortaleza, 1954-1965 e sem data. Cx 02.

⁸⁶ GRINBERG, op. Cit. p. 38.

⁸⁷ Ibidem, p. 143.

Távora tornou-se o grande líder da Arena no estado. Ao prestígio conquistado ao longo de décadas de chefia política na região, somou-se a continuidade no carreamento de recursos para o desenvolvimento dos municípios, mesmo no momento em que não ocupava o cargo de executivo. Suas obras renderam-lhe título de cidadania em diversos municípios cearenses.

3.1.1. A hegemonia arenista

Ao longo da história da República, o município de Sobral ocupou lugar de destaque na política estadual. A serra da Meruoca, residência de muitos líderes sobralenses, foi cenário de importantes decisões políticas no estado, como lembra o colunista do *Correio da Semana*, nos anos 90, quando esse lugar parecia ameaçado:

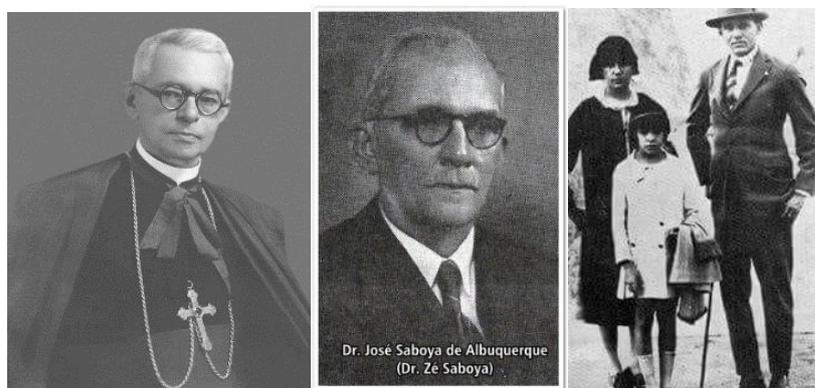
Antigamente as decisões importantes no Ceará eram tomadas na Serra da Meruoca [...]. Os saudosistas lembram o prestígio do Doutor José Saboia e do Coronel Chico Monte que tinha cacife para indicarem e em alguns casos elegerem candidatos ao Governo do Estado e ao Senado da República. Nessa época também estava em plena atividade Dom José Tupinambá da Frota, cujo nome era respeitado além-fronteiras, por sua força de trabalho e por sua grande liderança. [...] Quem sabe os velhos irão matar as saudades dos anos 30 e 50 quando o Ceará subia a serra da Meruoca para ouvir a opinião dos sobralenses.⁸⁸

Na primeira metade do século XX, os partidos políticos, em nível local, foram representados pelo bispo Dom José, José Saboia e Chico Monte. O primeiro, apesar de não se reconhecer como político, tem na política uma das principais referências.⁸⁹ A imprensa foi um veículo fundamental para as disputas políticas em Sobral.

⁸⁸ *Correio da Semana*. Sobral, 01 de outubro de 1994.

⁸⁹ COSTA, Lustosa da. *Clero, nobreza e povo de Sobral*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1987. 184p. il. O primeiro capítulo intitula-se - Dom José, o político. Neste capítulo ele cita as críticas de Saboia à atuação política do bispo. Em entrevista Albdelmoumen Melo também deixa claro que Dom José tinha partido.

Figura 1 - D. José Tupinambá da Frota, José Saboya de Albuquerque e Francisco de Almeida Monte



Fonte: sobralnahistoria.blogspot.com.br/2011/05/dom-jose-tupinamba-da-frota.html;
www.fortalezanobre.com.br/2014/07/especial-sobral-princesa-do-norte.html e
www.sobral24horas.com/2017/06/cel-chico-monte-o-ultimo-dos-coroneis.html

Nos anos 30, as duas agremiações conservadoras mais importantes no município foram a LEC (Liga Eleitoral Católica), tendo como principal articulador Dom José e o PSD (Partido Social Democrático) sob a direção de José Saboia. Com a redemocratização dos anos de 1945, os militantes da LEC foram para o PSD e os pessedistas para UDN. Segundo o ex-vereador Abdelmoumem Melo, Dom José foi junto com os ex-lecistas para o PSD: “Ele era do PSD, mas não queria que ninguém soubesse, não.[...] Dom José era muito amigo de Raul Barbosa, Waldemar de Alcântara e Zé Martins Rodrigues, grande jurista. A turma do PSD era toda amiga dele.”⁹⁰ Parsifal Barroso confirma que D. José foi o único bispo do interior com participação política.⁹¹

Chico Monte foi sem dúvida alguma um autêntico representante da zona norte. Entrou na política como correligionário de José Saboia do partido conservador. Elegeu-se vereador em 1922. Em 1933 surpreendeu seu líder, migrando para a LEC sob a liderança de Olavo Oliveira.⁹² Sua atuação decisiva na vitória de Menezes de Pimentel ao governo do Estado, em 1935, consolidou sua liderança na zona norte. Com a queda do Estado Novo foi para o PSD, elegendo-se à Assembleia Nacional Constituinte em 1946.

⁹⁰ José Abdelmoumem Melo. *Sobral News*. 12 de março de 2012. Ano I – Edição 041.

⁹¹ Parsifal Barroso. Entrevista citada.

⁹² Olavo Oliveira foi o advogado de Monte no caso do assassinato de Deolindo Barreto .

Reelegeu-se à Câmara em 1951. Insatisfeito com o partido, em 1954 foi para o PTB, elegendendo Parsifal Barroso senador e, em 1958 governador.⁹³

Aroldo Mota descreve como nas eleições de 1958 a serra da Meruoca volta a ser cenário de decisões políticas regionais:

No dia 14 de janeiro de 1958, os líderes do PSD [...] e do PTB [...], vão a Sobral ao encontro do Deputado Chico Monte, e, embaixo das mangueiras de seu sítio na Serra da Meruoca, lançam, oficialmente, a candidatura de Ministro Parsifal Barroso ao Governo, ficando a Vice e a Senatória para o PSD.⁹⁴

A habilidade no jogo político, a falta de fidelidade partidária e a violência estão entre as principais características atribuídas a Monte, que em 58 desencadeou muitos conflitos com Virgílio Távora, amplamente explorados pela imprensa:

Dois políticos exerceram atividades que devem ser ressaltadas na consolidação dessas candidaturas: Virgílio e Chico Monte. Publicamos na íntegra as suas versões sobre o nascimento das candidaturas dadas em entrevistas publicadas na época no jornal “Correio do Ceará”.⁹⁵

Na referida entrevista Távora acusa Monte de traição, de descumprimento de palavra empenhada. Tais discursos evidenciam o perfil bem distinto de dois líderes conservadores. O cumprimento da palavra empenhada em acordos políticos foi a principal marca de Távora, que lhe rende ainda hoje prestígio entre antigos correligionários.

O sucesso nas eleições estaduais não se repetiu em nível local. Em 1958 Monte perdeu a prefeitura para Padre Palhano Saboia, para alguns, um dos poucos insultos que não conseguiu revidar. Para Ivan Oliveira, a doença de Monte e o carisma do Padre estão entre as razões da derrota dele.⁹⁶ Monte morreu no ano de 1961, em Brasília.

Até os anos 1950, José Saboia era a principal liderança da UDN na zona norte.⁹⁷ Com a sua morte, a sigla dividiu-se entre Gentil Barreira e Plínio Pompeu. O grupo comandado por Barreira se aproximou de Virgílio Távora, mas Plínio Pompeu não se submeteu à liderança de Távora e criou sua facção, que ficou conhecida como “anjos

⁹³ COSTA, op. Cit.

⁹⁴ MOTA, A. op. Cit. p. 164.

⁹⁵ Ibidem, p. 165.

⁹⁶ Entrevista de Raimundo Ivan Barroso de Oliveira. Programa de História Oral. Lideranças políticas. NUDOC. UFC. 1984. Filho de Olavo Oliveira.

⁹⁷ Nesse período, Chagas Barreto era do diretório da UDN. Acervo Virgílio Távora (105723);

rebeldes.”⁹⁸ Em 1953 Pompeu liderava o partido em Sobral⁹⁹, mas sua aliança ao então governador Raul Barbosa, opositor do grupo tavorista, para as eleições de 1954,¹⁰⁰ resultou na dissolução do diretório local com eleição de nova diretoria.¹⁰¹ A partir de então, a ala tavorista assumiu a liderança da UDN na zona norte, tendo entre os aliados Ernesto Saboia,¹⁰² Jerônimo de Medeiros Prado, Cesário Barreto Lima, João Frederico Ferreira Gomes e Josias Ferreira Gomes, que mais tarde comporiam o diretório local da ARENA.¹⁰³

Para alguns entrevistados, as heranças políticas de Saboia e Monte se dispersaram nas décadas seguintes. Plínio e Ernesto não tinham a vocação de Saboia, e Gentil Barreira apesar de mais habilidoso não era de Sobral. Monte não teria deixado nenhum herdeiro direto. Portanto, a Arena e o MDB constituíram um novo momento na história política de Sobral, embora guardassem laços com as agremiações anteriores. Barreto, Prado e Ferreira Gomes foram para a ARENA e Paulo Sanford, Plínio e Ernesto Saboia, para o MDB.

A primazia arenista no revezamento do poder local deixou na memória sobralense o registro dessa época como o *tempo de Prado e Barreto*. Cesário Barreto ingressou na política como membro do diretório local da UDN, articulando a campanha de Padre Palhano Saboia em 1958. Com o rompimento com Palhano, ele foi para o PTN, legenda criada por Parsifal Barroso, pela qual disputou as eleições de 1962 contra Jerônimo de

⁹⁸ Os “anjos rebeldes” foi uma denominação dada aos dissidentes da UDN, que na legislatura de 1951-54, aliam-se ao governador Raul Barbosa, que havia sido eleito pela coligação PSP/PSD. Entre os principais nomes estão: Plínio Pompeu (Sobral), Perilo Teixeira (Itapipoca) e Barros dos Santos. Cf. <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1999/1999-GovernodoCearaquadrienio1950a1954.pdf>

⁹⁹ Em 1958 o presidente era Ernesto Saboia. Fonte: CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. APEC. Acervo Virgílio Távora. Organização político-partidária. União Democrática Nacional (UDN). 1945-1962. Fortaleza e municípios do Ceará. Cx 05.

¹⁰⁰ Plínio seria candidato a governador e Barbosa ao senado.

¹⁰¹ Em 03-08-54 a diretoria do diretório local foi dissolvida e, em 23 de agosto do mesmo ano, assumiu a nova diretoria, tendo seu parente Ernesto Saboia, aliado de Barreira, como presidente. João Frederico Ferreira Gomes e Jerônimo de Medeiros Prado também compunham o novo diretório, que tinha Fernandes Távora na direção regional. Fonte: Ibidem.

¹⁰² Plínio Pompeu se afastou da política, justificando-se pela morte da filha.

¹⁰³ Em 1958 continuam na diretoria Ernesto Saboia, Cesário Barreto, Jerônimo Prado e José Euclides Ferreira Gomes Júnior. João Frederico F. Gomes está em quase todas. Em 1962 Ernesto Saboia era o presidente e José Euclides Ferreira Gomes e Jerônimo Prado estavam na diretoria. Houve muito conflitos na homologação da diretoria. Ibidem.

Medeiros Prado da UDN, agropecuarista e importante comerciante que tinha como aliados a família Saboia e Ferreira Gomes.

Naquele momento, apesar da disputa municipal, eles estavam no mesmo grupo político estadual, a *União pelo Ceará*, que reuniu UDN, PSD e PTN em torno da candidatura de Virgílio Távora, com o apoio do governador Parsifal Barroso. Com o bipartidarismo todos foram para a Arena, divididos em três sublegendas. Barreto se uniu ao grupo do Virgílio Távora; Prado ao de Adauto Bezerra; e Ferreira Gomes, depois de romper com Prado, aliou-se ao pequeno grupo de César Cals.¹⁰⁴

Figura 2: Cesário Barreto Lima, Jerônimo Medeiros Prado e José Euclides Ferreira Gomes Júnior



Fonte: www.sobral24horas.com/2017/11/sobral-antiga_29.html;
www.myheritage.com.br/FP/genealogy-search-.ppc.php?type=&action=person&siteId=122449311&indId=1007192&origin=profile.¹⁰⁵

Sobral é o exemplo mais sólido de hegemonia da Arena na zona norte. Essa hegemonia foi fundamental para o desenvolvimento da cidade. Foram muitos os investimentos em educação, habitação, infraestrutura e em industrialização. Podemos afirmar que em Sobral a Arena efetivamente ocupou o lugar de *partido do governo*. As disputas pelo poder ocorreram dentro da mesma agremiação num jogo muito equilibrado, Arena 1, 2 e 3, que partilhavam de prestígio junto ao regime. Os recursos chegaram durante todo o período em que houve alinhamento entre o poder local, o regional e o nacional, ou seja, durante toda a vigência da ditadura. Do mesmo modo, é possível

¹⁰⁴ Plínio Pompeu de Saboia. Programa de História oral (Lideranças políticas). NUDOC. UFC. 1984. 2 fitas (Genro de José Saboia)

¹⁰⁵ João Frederico Ferreira Gomes (irmão de José Euclides) e Josias Ferreira Gomes (general de Brigada, reformado em 1961, falecido em 1988) também tiveram papel importante na Arena local.

identificar também um alinhamento ideológico, embora tenha sido muito conflituosa a relação entre as sublegendas.¹⁰⁶ A foto abaixo é de uma das visitas do presidente Castelo Branco a Sobral para inauguração de obras, ao lado do governador Virgílio Távora e do prefeito Cesário Barreto

Figura 3: Visita de Castelo Branco a Sobral para inauguração do Hotel Municipal. 28 de 12 de 1965.



Fonte: www.forquilhaontemhojeesempre.blogspot.com.br/2011/09/visita-do-presidente-da-republica-em.html.¹⁰⁷

Sobre o MDB em Sobral, as fontes são muito escassas. É provável que a agremiação tenha sido fundada em 1969. Portanto concorreu a apenas três eleições municipais (1970, 1972 e 1976), em nenhuma delas lançou candidato majoritário. Em 1970 elegeu um vereador (Fernando Solon), em 72, dois (Félix Ibiapina/ Benedito Loiola) e em 76 dois novamente (Félix Ibiapina e Heraldo Girão). Como em outros municípios brasileiros, o partido abrigou em seus quadros o comunista João Sales, candidato a vereador nos três pleitos em que o partido concorreu, embora não tenha sido eleito, mas para vários depoentes, a agremiação foi apenas mais uma facção da Arena, já que a maioria dos seus membros tinham aproximação com o grupo Prado.¹⁰⁸

Das antigas lideranças, foram para o MDB Paulo Sanford, Plínio Pompeu e Ernesto Saboia. Sanford foi membro do gabinete executivo regional do partido, candidato

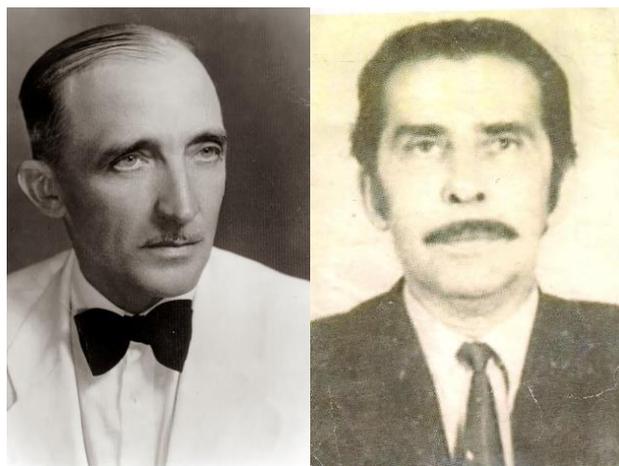
¹⁰⁶ O episódio das duas Câmaras em 1968 foi o mais tenso. Ver SILVEIRA, E. M. da. Três décadas de Prado e Barreto. Rio de Janeiro, UERJ, 2013. (Tese de Doutorado).

¹⁰⁷ Da esquerda pra direita - Gov. Virgílio Távora, Pres. Castelo Branco e Pref. Cesário Barreto.

¹⁰⁸ Conversa informal com João Barbosa, João Edison, Fernando Solon e Benedito Loyola.

ao senado nas eleições de 1966, a suplente de Senador de Figueiredo Correia e foi presidente do diretório local durante toda a vigência da agremiação.¹⁰⁹ Entretanto, a memória do MDB em Sobral faz referência, principalmente à figura de Humberto Lopes, bancário, agropecuarista, vereador por três legislaturas e também um dos fundadores do partido.¹¹⁰

Figura 4: Paulo de Almeida Sanford e Humberto Mendonça Lopes



Fonte: http://artemisiocosta.blogspot.com.br/2014/01/cantinho-da-saudade-por-thiago-alves_11.html

Antes do bipartidarismo Lopes era simpatizante de Chico Monte, atuando junto com seu colega de banco, Francisco Figueiredo de Paula Pessoa (Chico Figueiredo) então secretário de indústria e comércio do governo de Parsifal Barroso, quando construíram o Parque de Exposição Francisco Monte (1962).¹¹¹ De acordo com João Barbosa, Lopes era aliado de Barreto e liderava os votos dos distritos de Aracatiaçu e Taparuaba, sendo responsável pela vitória de Cesário Barreto nas eleições de 1962, que tinha como vice Idelfonso Cavalcante, e também pela derrota do mesmo Barreto nas eleições de 1976, quando este recusou o seu apoio.¹¹² Enquanto presidente da Câmara, Lopes recebeu Castelo Branco na sua visita à cidade em 1965.

¹⁰⁹ <http://artemisiocosta.blogspot.com.br/2014/01/cantinho-da-saudade-por-thiago->

¹¹⁰ <http://artemisiocosta.blogspot.com.br/2014/01/cantinho-da-saudade-por-thiago->

¹¹¹ Blog do Chagas e <http://artemisiocosta.blogspot.com.br/2014/01/cantinho-da-saudade-por-thiago->

¹¹² João Barbosa Paula Pessoa Cavalcante. Entrevista concedida à autora em 21 de dezembro de 2017.

Figura 5: Visita do presidente Castelo Branco à Sobral em 27 dezembro de 1966.



Fonte: <http://historiadesobral.blogspot.com.br/2015/10/humberto-mendonca-lobes-historico.html> Acesso em 14-11-17 Acesso em 16 de janeiro de 2017.¹¹³

Candidatou-se a deputado estadual nas eleições de 1974, ficando na suplência. Com a mudança para o PMDB, ficou na presidência do partido em Sobral até sua morte, em 1986.¹¹⁴ Barbosa diz lembrar da presença de Ozires Pontes, Chagas Vasconcelos e Mauro Benevides nas reuniões do partido na residência de Lopes, e confirma que o MDB sobralense não sofreu perseguição do regime, porque não atuou como oposição. Lopes era aliado de Barreto e tinha boas relações pessoais com Prado.¹¹⁵

Esse é o quadro das eleições em Sobral.

¹¹³ Da esquerda para direita: Castelo Branco, Cesário Barreto (prefeito), Ildefonso Cavalcante (vice-prefeito), Humberto Lopes (presidente da Câmara) e Pe. Joaquim Arnóbio (Rep. Diocese).

¹¹⁴ <http://historiadesobral.blogspot.com.br/2015/10/humberto-mendonca-lobes-historico.html> Acesso em 14-11-17. Humberto Lopes faleceu em 1986, vítima de um acidente de automóvel na sua fazenda em Sobral.

¹¹⁵ João Barbosa. Entrevista citada.

Quadro de eleições

ANO	PREFEITO/VICE	PARTIDO	VOTOS
1966	Jerônimo de Medeiros Prado José Walmir Carneiro Frota	ARENA	-
1970	Joaquim Barreto Lima José Frota Carneiro	ARENA 2	11.734
	Vicente Antenor Ferreira Gomes Filho Manoel Elisio Feijão	ARENA 1	10.617
1972	José Parente Prado João Edison Andrade	ARENA 2	13.529
	Carlos Alberto Arruda ¹¹⁶ Francisco Marcelo Barreto Alves	ARENA 1	11.331
1976	José Euclides Ferreira Gomes Júnior	ARENA 2	-
	Cesário Barreto de Lima	ARENA 1	-

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.¹¹⁷

Outro município onde a Arena liderou foi Massapê. Lá o bipartidarismo é um caso instigante. Apesar do grupo que foi para o MDB ser considerado “a maior tradição política de Massapê”¹¹⁸, lá a hegemonia também foi da Arena. A atuação política da família Pontes, começou na Primeira República com o Sr. João Pontes na liderança do Partido Democrata.¹¹⁹ Nos anos de 1930 atuou como deputado estadual, mantendo-se na política partidária até 1940, quando faleceu em consequência de um acidente de automóvel. Seguiram-no nessa carreira os filhos Ozires Pontes, Aurimar Pontes, Vilmar Pontes e José Pontes Neto. Ozires assumiu o posto do pai, com a redemocratização foi para o PSD. Ele e José Pontes Neto foram constituintes em 1947 e deputados estaduais de 1954-58. Aurimar foi prefeito em 1955, e, junto com Vilmar, se elegeu deputado estadual em 1958.¹²⁰

¹¹⁶ Conhecido como Carrim Cabeceira.

¹¹⁷ Não há registro da existência da Arena 3, mas fica evidente a criação de um terceiro grupo quando da cisão entre Prado e Ferreira Gomes, confirmada na candidatura para as eleições de 1982 em que os Ferreira Gomes aparecem na legenda PDS 3.

¹¹⁸ SOUZA, Elza. Op. Cit. p.21.

¹¹⁹ AGUIAR, Osvaldo. *Massapê em foco*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968. Ele foi nomeado prefeito em 1920-24 e eleito de 1927-28. Foi dep. Estadual de 1929-30 e 1935-37. p.43.

¹²⁰ *Ibidem*. p. 49.

Figura 6: O irmãos Pontes de Massapê.¹²¹



Fonte: Acervo Nonato Fernandes.

Já Pontes Neto seguiu caminho único. Foi líder do PCB nas eleições de 1947. Segundo Aroldo Mota, médico e hábil articulador político, ele teria sido responsável pelo esfriamento de muitas querelas no interior do estado. Fez sua campanha em Fortaleza onde suas ideias tinham melhor aceitação. Em entrevista, o ex-governador Parsifal Barroso, o descreve como exímio orador, lotando a plenária da Assembleia Legislativa durante os debates acalorados que ali aconteciam. Depois da sua cassação, com a extinção do partido, reelegeu-se pelo PSP, atuando principalmente em Quixeramobim e Boa Viagem. Em 62 foi presidente da Assembleia e em 64, já no PTB, foi novamente cassado pela ditadura. A partir daí dedicou-se à medicina.¹²²

Nas eleições de 1962, a prefeitura de Massapê estava nas mãos de Maria Luíza Pontes, esposa de Aurimar Pontes. Com o golpe, ele e o irmão Pontes Neto foram cassados, e ela renunciou para acompanhar o marido no “exílio”. Vilmar e Ozires compuseram o diretório do MDB; Ozires fez parte do Gabinete Executivo Regional, em 70 foi eleito Deputado Federal e em 74, suplente de senador.¹²³ Mas essa longa tradição

¹²¹ Da esquerda pra direita: dep. Est. José Pontes Neto, Dep. Fed. Ozires Pontes, Dep. Est. Vilmar Pontes, Dep. Est. Barros dos Santos (amigo da família) e Dep. Est. Aurimar Pontes.

¹²² MOTA, Aroldo. História política do Ceará.(1947-66). p. 32.

¹²³ Iniciou sua atividade partidária ingressando no Partido Social Democrático (PSD), pelo qual foi eleito deputado à Assembleia Constituinte Cearense, no pleito de janeiro de 1947, assumindo o mandato em março do mesmo ano. Reeleito em outubro de 1950 e de 1954, chegou a ocupar a presidência da Assembleia Legislativa de seu estado. No pleito de outubro de 1958 foi eleito primeiro-suplente de deputado federal

política dos Pontes em Massapê não garantiu lugar ao MDB no poder local. Apenas na eleição de 1970 o partido elegeu o prefeito, que, segundo depoente, elegeu-se pelos seus próprios méritos. Miguel Enéas era um dentista popular que teve como vice o Sr. Apoliano, funcionário dos Correios que tinha muito prestígio numa comunidade do município.¹²⁴ Mesmo assim, o partido não deixou de disputar nenhum pleito com candidato majoritário. Em 1966 elegeu o mesmo número de vereador que a Arena (05) e em 1970 e 1972, número muito próximo (4x5).

Contudo, de acordo com o ex-emedebista Jilson Canuto, a atuação dos Pontes nas disputas locais foi a distância, já que a liderança familiar mais popular era de Aurimar e havia se ausentado do município. Ele ressalta a dificuldade de assumir-se emedebista naquele contexto, dada a perseguição do regime. Entre os presidentes locais estavam: José Soares Canuto, Adauto Arcanjo e Luis Pereira. Ele cita ainda a presença de outras lideranças emedebistas em Massapê, como Chagas Vasconcelos, que atraía multidões aos comícios, EufRASINO Neto e Mauro Benevides, como também as relações dos Pontes com líderes sobralenses como Paulo Sanford, Humberto Lopes e Rildson Martins de Forquilha. O entrevistado não reconhece nenhuma liderança emedebista na região que possa ser identificada com o grupo mais radical de oposição à ditadura, os chamados *autênticos* do MDB.¹²⁵

Segundo o Sr. Francisco Fernandes, à Arena filiaram-se os tradicionais inimigos políticos dos Pontes, os Aguiar, originários da UDN, como também os Albuquerque.¹²⁶

pelo Ceará na legenda das Oposições Coligadas, constituídas pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido de Representação Popular (PRP) e o PSD. Encerrando seu mandato estadual em janeiro de 1959, assumiu uma cadeira na Câmara Federal no período de março a julho desse mesmo ano e a partir de agosto seguinte. Em outubro de 1962 foi eleito deputado federal pelo Ceará na legenda do PTB e em 1964 tornou-se assessor parlamentar do Brasil junto à Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova Iorque. Com a extinção dos partidos políticos pelo Ato Institucional nº 2 (27/10/1965) e a posterior instauração do bipartidarismo, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição ao regime militar implantado no país em abril de 1964, em cuja legenda foi eleito em novembro de 1966 suplente de deputado federal por seu estado. Encerrando seu mandato em janeiro de 1967, voltou a ocupar uma cadeira na Câmara de fevereiro seguinte a janeiro de 1968 e de março desse ano a abril de 1969. Reeleito deputado federal na mesma legenda em novembro de 1970. No pleito de outubro de 1974 conquistou uma suplência no Senado Federal, sempre pela legenda do MDB, na chapa encabeçada por Mauro Benevides. Deixou a Câmara Federal em janeiro de 1975, ao final de seu mandato. Ao longo de 1975, assumiu temporariamente a vaga de Mauro Benevides no Senado Federal. Desde então, permaneceu afastado da vida legislativa e passou a dedicar-se à atividade política e partidária e à administração de suas fazendas na zona norte do Ceará. Faleceu no dia 10 de setembro de 1985, em acidente automobilístico na cidade de Itapagé (CE). Fontes: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/>

¹²⁴ Jilson Canuto. Entrevista concedida à autora em dezembro de 2017.

¹²⁵ Jilson Canuto. Entrevista concedida à autora em dezembro de 2017.

¹²⁶ Francisco Fernandes. Entrevista concedida à autora em 14 de setembro de 2017.

Aliás há mais de uma versão sobre o lugar dos Albuquerque. De acordo, com o historiador Joab Guilherme, eles eram aliados dos Pontes até o bipartidarismo, quando vão para Arena.¹²⁷ Já segundo Jilson Canuto, a divergência entre eles só aparece depois dos anos 80.¹²⁸ Mas, o nome de maior respaldo no poder local não tinha nenhuma tradição na política, o “coronel” Chico Lopes.¹²⁹ Apesar de ser massapeense, Lopes passou grande parte da sua juventude na cidade de Sobral. Segundo a historiadora Elza de Souza, ele era de origem humilde, trabalhou carregando água para as residências, depois ascendeu para vendedor de uma grande casa de peças, da qual mais tarde se tornaria sócio. Ainda de acordo com a autora, naquele período já assistia aos massapeenses que o procuravam em busca de auxílio. Sua popularidade chamou a atenção de líderes políticos locais que o convidaram a candidatar-se para a prefeitura de sua cidade.¹³⁰

Figura 7: Francisco Lopes de Aguiar Neto.



Fonte: <http://diegomarquespolemica.blogspot.com.br/2015/10/oitenta-anos-de-saudades-do.html>. Acesso em 16 de janeiro de 2018.

¹²⁷ GUILERME, Joab Constâncio. *A cultura política do município de Massapê: analisando o contexto histórico-político de 1980-2012*. Sobral: UVA, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso).p. 13.

¹²⁸ Jilson Canuto. Entrevista concedida à autora em dezembro de 2017.

¹²⁹ O “Coronel”, como gostava de ser tratado, foi classificado como um dos dez melhores prefeitos do Ceará, conforme matéria no jornal O Povo, edição de 4 de outubro de 1976.

¹³⁰ Demerval Carneiro, ex-prefeito de Massapê e Expedito Frota, coordenador da campanha de 1966. SOUZA, Elza Valquíria Alves de. *O ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE. (1966-1981)* Monografia. (História), UVA, 2003.

Lopes elegeu-se em 1966, foi derrotado em 1970 pelo MDB, mas voltou em 1972 e nas eleições seguintes (1976) elegeu seu sucessor, Beto Lira, conforme se vê no quadro abaixo:

Quadro de eleições

ANO	PREFEITO/VICE	PARTIDO	VOTOS
1966	Francisco Lopes de Aguiar Neto José Maurício Aguiar	ARENA	2.202
	Coriolano Gomes Frota José Soares Canuto	MDB	1.326
1970	Miguel Enéas da Silva Francisco Apoliano	MDB	2.265
	Francisco das Chagas Albuquerque Antony Frota Aguiar	ARENA	2.188
1972	Francisco Lopes de Aguiar Neto José Paulino de Aguiar	ARENA 1	1.718
	José Maria Cavalcante Azevedo José Albino do Nascimento	ARENA 2	1.530
	José Carneiro de Araújo João Marques Carneiro	MDB 1	1.311
	Francisco Apoliano Manoel Odilon Carneiro	MDB 2	900
1976	João Alberto Siqueira Campos Francisco Machado Filho	ARENA I	3045
	José Maria C. Azevedo Francisco Evandro Rodrigues	ARENA 2	2147
	José Aduino Arcanjo José Nilson Soares Frota	MDB 1	658
	Francisco de Assis Machado José Nilson Soares Frota	MDB 2	433

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

Vinte e seis anos após sua morte, as memórias políticas da atuação de Lopes vêm saudosamente à tona nas páginas dos blogs de Massapê. É recorrente a memória de que Lopes tinha trânsito livre entre os três governadores: César Cals, Aduino Bezerra e Virgílio Távora, sendo recebido no palácio do governo sem agendamento. Do mesmo modo, os teria recebido, por diversas vezes, na sua fazenda em Massapê. Lopes teria visitado ainda o presidente da República João Batista Figueiredo, em Brasília, um episódio que ganhou versão anedótica na literatura massapaeense.¹³¹

¹³¹ Há um causo sobre a sua visita ao presidente Figueiredo. Ao ser apresentado como coronel o presidente perguntou se a patente era militar ou do exército e titubiando, Lopes foi salvo por Virgílio, que respondeu: “é do povo, presidente”. Estórias & Casos com Causos & Histórias de Massapê – autor: Ferreirinha. Fonte: <http://aldenisfernandes.blogspot.com.br/2012/09/de-coronel-para-general.html>. Acesso 20/09/17

Figura 8: Chico Lopes em visita ao Presidente João Batista Figueiredo em Brasília. s/d.



Fonte: <http://jcostamassa.blogspot.com.br/2015/06/coronel-chico-lobes-o-injusticado.html>.

Ao traçar o perfil do líder, o blogueiro Jorge Costa o descreve como um homem simples de jeito matuto, mas ao mesmo tempo autoritário.¹³² O carisma e a boa relação mesmo com os inimigos políticos são apontados como algumas das suas virtudes, como se vê na foto com o seu opositor Ozires Pontes:

Figura 9: Chico Lopes com Ozires Pontes.



Fonte: <http://jcostamassa.blogspot.com.br/2015/06/coronel-chico-lobes-o-injusticado.html>

¹³² Autoritário aqui aparece como virtude, sinônimo de coragem, firmeza, fortaleza.

Sobre o seu prestígio, Costa conclui:

Considero o **coronel Chico Lopes**, um fenômeno na **política da zona norte do estado**. Nunca vi qualquer político dessas bandas, **com metade do prestígio** que Chico desfrutava junto às maiores autoridades do estado do Ceará. Qual a forma que **o velho coronel** usou para conquistar a **amizade pessoal dos ex-governadores, Virgílio Távora, César Cals, Adauto Bezerra, Waldemar de Alcântara e Manoel de Castro Filho**, só deus sabe... gostava de ser tratado como coronel. (Grifos do autor)¹³³

Figura 10: Lopes ao lado do governador César Cals, Virgílio Távora e Adauto Bezerra.



Fonte: jcostamassablogspot.com.br/2015/06/qcoronel-chico-lopes-o-injusticado.html.
<https://www.google.com.br/search?q=imagens+Chico+Lopes+e+Virg:em+20/09/17>.

As memórias sobre o líder deixam claro que a aliança com o regime militar permitiu ao gestor promover importantes investimentos em infraestrutura no município.¹³⁴ A distribuição de empregos no setor público aparece como a prática mais recorrente, fato comum aos correligionários da Arena em todo país.

¹³³ <http://jcostamassa.blogspot.com.br/2015/06/coronel-chico-lopes-o-injusticado.html>

¹³⁴ Entre as principais obras estão: Energia de Mumbaba, Galpão dos Feirantes, Escola Adauto Bezerra, Estrada Massapê/Sobral, abastecimento de água Mirim/Massapê e Balneário Alvorada.

De acordo com o historiador Airton de Farias, o governo de Adauto Bezerra deu muita assistência ao interior com a criação da Secretaria de Assuntos Municipais, contribuindo para que nas eleições de 1976 a ARENA conseguisse eleger 95% dos prefeitos do estado.¹³⁵

Apesar do prestígio pessoal de Lopes, o apoio de famílias com tradição política no município foi fundamental para sua permanência no poder, um exemplo foi a eleição de 1970 em que ele saiu derrotado por não seguir as orientações do grupo que havia lhe indicado. É o que se pode aferir desse depoimento:

Eu fui o cabeça da campanha dele de 1966 [...], em 1970 eu estava com Chico Lopes mas rompemos: Eu , Miguel Enéas, Chico Pinto e a família Machado completa. Eu disse a ele: “Bem Chico, você não quer apresentar o candidato que queremos, então resolvemos apresentar o nome de Miguel Enéas [...]”. Depois dos resultados das eleições ele me deu a mão e disse: “Eu errei, você me instruiu tanto e eu perder essa!”.¹³⁶

Para o blogueiro Jorge Costa, o lugar do MDB no poder local foi apenas o de figurante:

Nessa época **SURTIU O CICLO DOS CORONÉIS**, e logicamente o **MDB QUASE ACABA**; ficou lá só quem realmente **AMAVA A VELHA MODEBRA**. E aí em Massapê, a disputa ficou entre **ARENA I E ARENA II**. A **ARENA I**, sob a batuta de Beto Lira e Chico Lopes; a **ARENA II**, comandada por Zé Maria Azevedo. O MDB era apenas um **SIMPLES FIGURANTE**; nas eleições acima citadas, não conseguiu 20% dos votos.¹³⁷ (Grifos do autor)

Em alguns trabalhos acadêmicos e entrevistas foi possível identificar, embora superficialmente, referências ao bipartidarismo em outros municípios da região. No município de Acaraú, a Arena dividiu-se em duas sublegendas. De acordo com Josiele Silva, a agremiação promoveu o desenvolvimento do município, levando-a ao prestígio junto a comunidade local. A autora cita a fala de uma entrevistada quando perguntada sobre a repercussão da ditadura na cidade, para argumentar que os feitos materiais muitas vezes se sobrepuseram às ideologias partidárias:

¹³⁵ SOUZA, Elza Valquíria de. *O ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE*. Sobral: UVA, 2003. 36p (Trabalho de Conclusão de Curso).

¹³⁶ Exedito Frota. Entrevista concedida à Elza Souza. In: SOUZA, Elza Valquíria Alves de. P. 23.

¹³⁷ jcostamassablogspot.com.br. 22-09-2015. Acesso em 16-09-16.

[...] pra falar a verdade, a gente aqui não soube disso aí não, o povo grande é que comentava de vez em quando, mas a gente nem sabia o que era e também nem nos importava, porque a gente estava bem, vivia nossa vida e pronto. O que era bom pra nós é que tinha emprego; o prefeito fazia um monte de obra; todo mundo podia trabalhar. Eu achei foi bom, foi muita coisa que o homem fez.¹³⁸

Pelo quadro abaixo percebe-se que a disputa municipal ficou entre as duas arenas. O MDB concorreu ao cargo majoritário apenas nas eleições de 1966, embora tenha eleito apenas um vereador em cada eleição.

Quadro de eleições

ANO	PREFEITO/VICE	PARTIDO	VOTOS
1966	Francisco Adenor Martins João Ladislau de Paulo Magalhães	ARENA 1	3.054
	João Batista de Bastos Capistrano	ARENA 2	2.773
	Vicente Javan Sales de Moura Ferreira Francisco Sales Gifoni	MDB	181
1970	João Jaime Ferreira Gomes Osmundo Lopes	ARENA 1	5.346
	José Augusto de Vasconcelos Dr. João Batista de Capistrano	ARENA 2	4.400
1972	Pe, Aristides Andrade Sales	ARENA 2	5.641
	José Valdiomar Martins	ARENA 1	5.435
1976	Manoel Duca da Silveira Neto	ARENA 1	-

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

Na Ibiapaba, a hegemonia da Arena é indiscutível. Com exceção do município de Guaraciaba de Norte, todos os outros ficaram sob a tutela da Arena. Thomaz Brandão de São Benedito e João Nunes, de Tianguá constituíam as principais lideranças da região. Em Tianguá, a maior cidade da serra, havia duas sublegendas da Arena. A Arena 1 de João Nunes, ligada a Virgílio Távora e a Arena 2, de Erasmo Coelho Moita, ligada a César Cals. De acordo a professora Nilene Portela,¹³⁹ a Arena 2 era muito próxima do MDB, que tinha entre seus membros: Juraci Andrade, Tarcísio Azevedo e Jatir Portela, partidários que, apesar das sucessivas derrotas, nunca abandonaram a legenda. Ela lembra que a persistência dos emedebistas em participar dos pleitos, apesar das condições inóspitas, rendeu manifestações jocosas, como se pode ver no trecho dessa música:

¹³⁸ Maria Irineuza Santos. In.: SILVA, Maria Josiele de Andrade. Reforma urbana na cidade de Acaraú como instrumento de análise da conjuntura política e social vigente durante as décadas de 1964 a 1983. Trabalho apresentado na disciplina de Brasil IV. UVA, março de 2015.

¹³⁹ A professora é filha de Raimundo Jatir Portela, suplente de vereador nas eleições de 1966 e 1970, pelo MDB.

Aonde vai com essa mala tão pesada seu Tarcísio?
 vou embora que eu perdi a inleição,
 não demore que a parada aqui é dura
 só quem ganha a prefeitura
 é o candidato do seu João.

Nota-se pela tabela abaixo, que o MDB lançou candidato majoritário apenas nas eleições de 1966, quando elegeu 2(dois) vereadores; na eleição de 1970, elegeu apenas 1(um).

Quadro de eleições

ANO	PREFEITO/VICE	PARTIDO	VOTOS
1966	João Nunes de Meneses Mário Frota de Vasconcelos	ARENA 1	1659
	João Daltro Pinto da Frota Afonso Lima Fontenele	ARENA 2	1395
	Francisco Aboim Nunes Tancredo Nunes de Meneses	MDB	21
1970	Flávio Terceiro Teles Nicolau dos Santos Teixeira	ARENA 1	2.587
	Erasmão Coelho Moita Leôncio Vasconcelos de Aguiar	ARENA 2	2.006
1972	Joaquim Jaques Nunes João Francisco de Albuquerque	ARENA	3.203
1976	José Evangelista de Sousa	ARENA	-

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

Sobre a atuação da Arena em prol do desenvolvimento local, ela diz que não foram muitos os investimentos no município, mas a posição geográfica da cidade atraiu duas obras importantes: o Hotel Serra Grande, iniciado em 1976 e a BR 222, que contou com a interferência da Igreja católica por meio do Mons. Aguiar e de Padre Palhano Saboia de Sobral. Mas o ex-prefeito de Guaraciaba, Elisiário Nobre afirma que Tianguá foi muito bem assistida graças à parceria de Nunes com o governo dos coronéis:

[...] lá em Tianguá as lideranças sempre foram muito fortes, que tinham uma ligação muito forte com os senadores e governador do Estado Virgílio Távora. Era o João Nunes que sempre se impôs e conseguiu sempre muitas coisas para Tianguá, ou seja, Tianguá é uma cidade de destaque aqui na Ibiapaba e justamente porque todas as obras, todos aqueles recursos maiores o João Nunes conseguia que fosse pra Tianguá. Então, eram as duas maiores lideranças que nós tínhamos aqui na serra da Ibiapaba: era João Nunes lá em Tianguá e Thomaz Brandão em São Benedito.¹⁴⁰

¹⁴⁰ José Elisiário de Melo Nobre. Entrevista concedida à Luana Soares em 15 de março de 2017.

Dos três governadores, César Cals foi o mais atuante na região.¹⁴¹ Na sua gestão foi instalado o bondinho do Parque Nacional de Ubajara (1973), ponto turístico importante ainda hoje.

No vizinho município de Ibiapina, o quadro partidário não diferia muito. De acordo com estudo de Valderi Marques, o MDB contava com uma militância muito diminuta. O ex-vereador Raimundo Nogueira Aguiar diz que os filiados não passavam de seis nomes e que tiveram muita dificuldade de atuar dada a perseguição da Arena:

Eu fui candidato pelo MDB. Naquela época não podia nem fazer comício porque os “grandes” lá perseguiam a gente. No dia da eleição o sujeito era muito perseguido, porque nosso partido era oposição e tava de baixo. [...] Uma vez na praça, ali, a gente foi impedido de fazer um comício. Prefeito era da Arena. O MDB tinha sido criado recente e a Arena era apoiada pelos militares, aí não deixaram a gente fazer o comício.¹⁴²

Assim como em Tianguá, o MDB de Ibiapina lançou candidato majoritário apenas no pleito de 1966, quando elegeu o único vereador, o Sr. José Galdino Portela. Nas eleições seguintes, não ocupou mais nenhuma vaga no legislativo.

Quadro de eleições

ANO	PREFEITO/VICE	PARTIDO	VOTOS
1966	Pedro Sabino Gomes	ARENA	906
	Moisés Aarão Ibiapina		
	Manoel Mano Portela	MDB	537
1970	Pedro Aragão Ximenes	ARENA	1.456
	Manoel Alves Pereira		
1972	Pedro Sabino Gomes	ARENA	1.358
	José Eliaquim de Oliveira		
	Francisco Luiz de Sousa	ARENA	889
1976	Antônio Correia Saraiva	ARENA	

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

Explorando os documentos da Câmara, o autor também identificou a influência do Deputado Federal Gal. Josias Ferreira Gomes, sobralense que atuou na região como

¹⁴¹ Diz-se que ele tinha casa de veraneio em Ubajara.

¹⁴² Raimundo Nogueira Aguiar. Entrevista concedida ao autor em 22 de janeiro de 2016. In.: MARQUES, Francisco Valderi. História política de Ibiapina: cenário político do município durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1975). Sobral, UVA, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso).

intermediário dos interesses regionais junto ao governo militar.¹⁴³ O autor conclui que a repercussão da hegemonia arenista no município de Ibiapina pode ser percebida ainda hoje na denominação de praças homenageando os ex-presidentes militares.

Em São Benedito, nas eleições de 1966, a disputa ficou entre Rubens Filizola/Artur Gomes da Arena contra Arquimedes Melo Amaral/Bueno Banhos do MDB, saindo o primeiro vitorioso. Essa foi a única eleição em que o MDB lançou candidato majoritário, elegendo três vereadores contra oito da Arena.

Segundo o historiador João Márcio Araújo não havia divergências entre as duas agremiações, prova disso foi um acordo em que o candidato perdedor desta eleição seria eleito na próxima, e o acordo teria sido cumprido com a candidatura única de Buenos Banhos nas eleições de 1970.¹⁴⁴ Contudo, as divergências entre Gomes e Brandão se acirraram, levando à divisão da Arena em duas sublegendas: Arena 1 de Gomes e a Arena 2 de Brandão, saindo o primeiro vitorioso nas eleições de 1972, repetindo o feito em 1976. O MDB continuou a eleger apenas vereadores. Cinco contra quatro em 70 e sete contra quatro em 72.¹⁴⁵

Percebe-se no caso de Sobral e de São Benedito que o nome da agremiação não aparece na memória política. Em Sobral, a identificação era o sobrenome de família, *Prado* e *Barreto*, enquanto em São Benedito, eram codinomes com sentido jocoso: *Babões* para Arena 1 e *Bebés* para Arena 2.

Em Viçosa do Ceará, as disputas são mais plurais. Em 1966, não havia sublegendas. Eram apenas Arena com Eônio Cavalcante Fontenele Magalhães e MDB com José Moreira de Arruda, saindo o primeiro vitorioso, com seis vereadores contra quatro do MDB. Já em 1970, a Arena se divide em duas, Arena 1 com Rubens Alves da Silva, Arena 2 com Cláudio Carneiro da Cunha e MDB com Sebastião Magalhães Dantas, ficando o quadro de vereadores de seis a três. Em 1972, cada legenda se divide em duas. O MDB sai vitorioso com Antônio Gomes da Silva, seguido pela Arena 1 de Eônio Cavalcante Fontenele Magalhães, Arena 2 com Oscar Carneiro Mapurunga e MDB 1 com

¹⁴³ Neste documento a Câmara de Carnaubal pede apoio à Câmara de Ibiapina para requerer a interferência do referido deputado junto ao Governo Federal, a fim de revogar o Ato que derrubou os subsídios dos vereadores. *Ibidem*, p. 24.

¹⁴⁴ JORGE, João Márcio Araújo. *Pixunas e Babões: a política municipal em São Benedito-CE (1966-2004)*. Sobral, CE: 2014. p. 18.

¹⁴⁵ www.tre-ce.gov.br. Acesso em 15 de junho de 2016.

José Damasceno Fontenele. Nessa o MDB conseguiu maioria no legislativo: 4 contra 5. Em 76, a Arena 1 retoma o poder com Eônio Fontenele.

No sopé da Ibiapaba, a cidade de Ipu é outro exemplo da ascensão da Arena. O MDB não lançou candidato majoritário em nenhum pleito, e apenas em 1966 elegeu dois vereadores. De acordo com Regiane Barros, em Ipu a disputa ficou entre duas Arenas, a primeira representada pelo padre Francisco Moraes e a segunda pelo médico Francisco Rocha Aguiar. Assim como em Sobral, as disputas eleitorais em Ipu foram bastante acirradas, pelo menos entre os correligionários de cada partido. As sublegendas não eram fixas, ora um grupo se candidatava pela Arena 1, ora pela 2. Ao que tudo indica não significava falta de fidelidade, apenas a dinâmica natural do processo eleitoral dentro dos partidos.

Em Cariré não houve MDB, e a sublegenda da Arena só aparece a partir de 1970, revezando a direção do executivo. Em 1966 e 1972, a vitória foi de Eriberto de Sá Ponte, enquanto Aderbal Portela Aguiar venceu em 1970 e 1976. Um personagem de importância regional foi o Dep. Manoel Rodrigues. Em 1962, elegeu-se deputado à Assembleia Legislativa do Ceará na legenda da União pelo Ceará. Com o bipartidarismo foi para Arena. Nessa legenda foi eleito deputado federal pelo Ceará em 1966. Foi membro do diretório nacional da Arena, reelegeu-se em novembro de 1970 e novamente em 1974, ainda na legenda da Arena, presidindo várias comissões. Ao longo dessa legislatura foi ligado politicamente ao governador do Ceará, Adauto Bezerra (1975-1978). Faleceu em Brasília no dia 17 de novembro de 1975, em pleno exercício do mandato.¹⁴⁶ Seu nome aparece na história da Arena em outros municípios da região.

No litoral, em Camocim também não há presença do MDB. As disputas ficaram entre duas Arenas. Setembrino Fontenele Veras vence em 1966. Em 70, não aparece sublegenda, sendo José Maria Primo de Carvalho candidato único. Em 72, a vitória foi de João Pascoal de Melo e em 1976, Edilson Veras Coelho.

Na opinião do ex-senador arenista Wilson Gonçalves, o bipartidarismo fez desaparecer o espírito oposicionista do cearense, quando levou para o mesmo lado as grandes forças (PSD e UDN), desequilibrando o jogo político.¹⁴⁷

¹⁴⁶ <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/>

¹⁴⁷ Wilson Gonçalves. Entrevista citada.

3.2. O MDB.

O registro do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) se deu em 24 de março de 1966, composto por 21 senadores e 141 deputados.¹⁴⁸

Art. 1º - O Movimento Democrático Brasileiro, que terá como sigla as suas iniciais – MDB, organizado de acordo com o disposto nos Atos Complementares nºs 4,6 e 7 respectivamente de 20 de novembro de 1965, 3 e 31 de janeiro de 1966, terá atribuições de partido político e reger-se-á por este documento, assinado por deputados e senadores que passam a ser os seus fundadores.¹⁴⁹

A Comissão Executiva Nacional foi composta por: Oscar Passos, Oswaldo Lima Filho, Ulisses Guimarães, Franco Montoro, José Martins Rodrigues, José Ermírio de

¹⁴⁸ **Senadores** (21): Camilo Nogueira da Gama, Oscar Passos, Antônio de Barros Carvalho, Edmundo Levy, Argemiro de Figueiredo, Silvestre Pércles, Francisco Pessoa de Queiroz, Nelson Maculan, Sebastião Archer da Silva, Adalberto Correia Sena, Josaphat Ramos Marinho, Artur Virgílio, Aurélio Viana, Vicente Bezerra Neto, Pedro Ludovico Teixeira, Lino de Matos, João Abrahão Sobrinho, José Ermírio de Moraes, Antônio Balbino de Carvalho Filho, Ruy Carneiro, Aarão Steinbruch. **Deputados** (141): José Martins Rodrigues, Maurício Goulart, Ulysses Guimarães, Humberto Lucena, João Pacheco e Chaves, Bivar Olyntho, José Carlos Teixeira, Antônio Paes de Andrade, Henrique Lima Santos, Derville Alegretti, Aloysio de Castro, João Menezes, Amaral Furlan, Regis Pacheco, Nelson Carneiro, Getúlio Moura, Tarcilo Vieira de Mello, Croacy Cavalheiro de Oliveira, José Freire, Francisco das Chagas, Caldas Rodrigues, Josaphat Borges, Breno Dhalia da Silveira, Walter Baptista, Paulo Baeta Neves, Ranieri Mazzilli, Augusto de Gregório, Mário Piva, Oswaldo Cavalcanti da Costa Lima Filho, Celestino Filho, Wilson Chedid, Edgar Pereira, Paulo Macarini, João Moura Santos, Fernando Gama, Peixoto da Silveira, Helcio Maghenzani, Anísio Rocha, Mário Maia, Levy Tavares, José Rui Lino, Antônio de Padua Chagas Freitas, José Altino Machado, Ernani do Amaral Peixoto, Germinal Feijó, José de Mattos Carvalho, Miguel Marcondes, Renato Bayma Archer da Silva, Victor Issler, José Ramalho Burnett da Silva, Edésio Cruz Nunes, Lino Morganti, Antônio Annibelli, Sebastião Paes de Almeida, João Mendes Olimpio de Melo, Tancredo Neves, Affonso Celso Ribeiro de Castro, Carlos Murilo Felicio dos Santos, Waldir Mello Simões, Renato Azevedo, Pedro Braga, Antônio Ferreira de Oliveira Brito, João Lino Braun, José Edson Burlamaqui de Miranda, Ruben Bento Alves, Hermógenes Príncipe de Oliveira, Argilano Dario, Muniz Falcão, Osmar Grafulha, Aloysio Ubaldo da Silva Nonô, Pedro V. B. Catalão, Simão da Cunha, Andrade Lima Filho, Odilon Ribeiro Coutinho, Floriceno Paixão, José Corrêa Pedroso Júnior, José Mandelli Filho, João Fernandes de Lima, Matheus J. Schmidt Filho, Ruy Amaral Lemos, Joaquim Expedito Rodrigues, Janduhy Carneiro, Antônio Bresolin, Dirceu Cardoso, Noronha Filho, Petrônio Fernal, Benjamin Farah, Djalma Passos, Cid Rojas de Carvalho, Arnaldo Bezerra Lafayette, Abrahão Moura, Unírio Machado, Miguel Buffara, José Maria Ribeiro, Milton Reis, Doutel de Andrade, Padre José de Souza Nobre, João Herculino de Souza Lopes, Ariosto M. Amado, Haroldo da Silva Duarte, Antônio Baby, Ari Pitombo, Clodomir Leite, Crysantho Moreira da Rocha, Jamil Amiden, Manoel Barbuda, A. Franco Montoro, Gastão Pedreira, José Richa, Alceu de Carvalho, Roberto Saturnino, Áureo Mello, Ewaldo Pinto, Eurico Oliveira, Edson Garcia, Zaire Nunes, Bernardo Bello, João Veiga, J. Fontes Torres, Oziris Pontes, Teófilo de Andrade, Renato Celidônio, Mário Covas, César Prieto, J. M. Dias Menezes, Alvaro Lins Cavalcanti, Hamilton de Lacerda Nogueira, Walter Giordano Alves, Celso Gabriel de Rezende Passos, Adylio M. Vianna, Luiz Francisco, José Barbosa, Paulo Ramos Coelho, Glênio Martins, Pedro Marão, Emmanoel Waissmann, Wilson Martins, Clemens Sampaio, Jairo Brum, Ario Theodoro, Aquiles Diniz e Ivete Vargas. Fonte: Poder Judiciário. Tribunal Superior Eleitoral. Resolução nº 7.822. Registro de Partido nº 18. Classe VII. Distrito Federal. Brasília. 24 de março de 1966.

¹⁴⁹ Fonte: Movimento Democrático Brasileiro. Estatutos. 1966.

Moraes, Pedro Ludovico, Argemiro de Figueiredo e Barros Antônio Ferreira de Oliveira Britto e Ivete Vargas.

Dentre os principais objetivos estavam:

Convicto de que todo o poder emana do povo e, em seu nome, é exercido, o MDB declara à Nação os objetivos que o animam e orientam. Sem outros compromissos, presentes ou passados, senão com o que realmente representa o interesse do povo e do País e corresponda às tradições cristãs que presidiram sua formação no curso da História, usará dos direitos de ação política, com **moderação e firmeza**, atento às medidas que visem ao bem comum dentro das seguintes diretrizes:

I - Fortalecimento da democracia representativa e da Federação, sob a forma republicana de governo, baseada no respeito:

- à soberania popular, manifestada através do voto direto, universal e secreto;

- à pluralidade dos partidos políticos;

- à autonomia dos Estados e à justa distribuição de rendas públicas, de modo a revigorá-los e a dar aos municípios condições plenas para a realização das tarefas que lhes incumbem;

- à harmonia e independência dos Poderes.

II - Defesa da ordem jurídica e dos direitos e garantias individuais inscritos na Constituição e consagrados na Declaração Universal dos Direitos do Homem promulgada pela Organização das Nações Unidas.

III - Prioridade para uma política educacional que vise ao aperfeiçoamento da pessoa humana, conduza à erradicação do analfabetismo e propicie a todos os proveitos da instrução.

IV - Liberdade de pensamento e de cátedra, modernização do ensino universitário, estímulo efetivo à pesquisa científica e tecnológica e amparo a todas as formas de manifestação da cultura, da ciência e das artes.

V - Realização de reformas estruturais que assegurem a integração de todas as classes sociais, especialmente da juventude, dos trabalhadores e dos intelectuais, no processo político brasileiro, que contribuam para o aprimoramento da prática do regime democrático e possibilitem a elevação do nível econômico e cultural dos brasileiros.

VI - Promoção do desenvolvimento do País dentro de uma ordem econômica que, conciliando a liberdade de iniciativa com a valorização do trabalho humano, assegure a todos oportunidade de fruir seus benefícios e torne viável a prática da verdadeira e efetiva justiça social.

VII - Eliminação dos desequilíbrios acentuados entre as diversas áreas do País, através de medidas que incluam e ampliem os planos regionais de desenvolvimento.

VIII - Política de reforma agrária que realmente condicione uso da propriedade ao bem-estar social, promova o acesso ao domínio da terra ao maior número e estenda aos trabalhadores do campo o gozo dos direitos assegurados na Legislação do Trabalho e da Previdência Social.

IX - Medidas efetivas de combate à alta do custo de vida e de repressão a todas as formas de abuso do poder econômico.

X - Preservação da política estatal do petróleo, controle e aproveitamento das riquezas minerais e energéticas, no interesse do País.

XI - Manutenção e aperfeiçoamento da Legislação do Trabalho e da Previdência Social, exercício do direito de greve e autonomia dos sindicatos.

XII - Política administrativa fundada no planejamento da ação governamental, e nos modernos recursos da ciência e da tecnologia, bem como na descentralização dos serviços, na prática do sistema do mérito e na exata aplicação dos dinheiros públicos.

XIII - Intensificação do combate às endemias rurais e realização de obras primárias de higiene na cidade e no campo.

XIV - Plano realístico de habitação que proporcione às classes menos favorecidas o mínimo de conforto compatível com a dignidade humana.

XV - política externa de afirmação nacional, de preservação da paz e de aproximação com todos os povos, especialmente com a América Latina e os países em desenvolvimento, para defesa de interesses comuns.¹⁵⁰
(Grifo nosso)

Dalva Kinzo divide a história da agremiação em quatro momentos. O primeiro de 1966-68 – *Em busca de uma identidade*; O segundo de 1968-74 - *Do recuo à reconstrução*; o terceiro de 1974-77 - *Tentativas de consolidação da oposição legal*; e o quarto de 1977-79 – *Tentativas de mobilização popular*.

Ela afirma que a hegemonia emedebista se deu em regiões mais urbanizadas e industrializadas, mas o eleitorado eram os mais pobres, trabalhadores assalariados que o viam como partido do povo. Seu crescimento se deveu ao fato de o partido abrigar todos os insatisfeitos com o regime, já que qualquer um podia se filiar sem restrições, e que, apesar da diversidade ideológica, a direção conseguiu manter equilibrada a posição do partido, composto por moderados e radicais. Ela lembra que o espaço de atuação política do partido era definido pelo regime, portanto, ele não pode ser avaliado como qualquer partido de oposição; importa mais o que ele realizou do que o que ele deveria ter realizado.¹⁵¹

O MDB no Ceará foi registrado no TRE pelo acórdão nº 17.036, de 17 de janeiro de 1965.¹⁵² A corrente mais forte veio do PSD. Entre os principais líderes estão: José

¹⁵⁰ Ibidem.

¹⁵¹ KINZO, op. Cit.

¹⁵² Membros: Álvaro Lins Cavalcante, Antônio Paes de Andrade (Mombaça), Antônio Melo Arruda, Antônio Coelho Mascarenhas, Anastácio Eudásio Barroso, Aldenor Nunes Freire, Aaloilson Pinto, Aderbal Nunes Freire, Mauro Benevides, Crisanto Moreira da Rocha, Darger de Sousa Serra, Dorian Sampaio, Deusimar Lins Cavalcante, Espedito Maia Costa. Francisco Diógenes Nogueira, Francisco Castelo de Castro, Francisco Chagas Vasconcelos (Santana do Acaraú), Francisco Vilmar Pontes (Massapê), Francisco Bezerra de Oliveira, Felisardo de Pinho Pessoa, Gerardo Farias de Paiva, Irapuan Pinheiro, João Batista Saraiva Leão, José Martins Rodrigues, José Figueiredo Correia, José Ribamar Morais, José Jereissati, José Lourenço Colares, José Glauco Bezerra Lobo, José Haroldo Cavalcante Mota, Judas Tadeu Leite Ribeiro, Lauro Vinha Lopes, Luciano Magalhães (Canindé), Luciano Diógenes, Luís Antônio, Patrício Ribeiro, Manoel Cordeiro Neto, Mossclair Leite, Ozires Pontes (Massapê), Paulo Sanford (Sobral), Raimundo

Martins Rodrigues, Mauro Benevides, Figueiredo Correia, Iranildo Pereira e Paes de Andrade. O primeiro presidente foi José Martins Rodrigues, advogado, líder do PSD atuou na solução da crise que deu posse ao Presidente João Goulart, em 1961. Com o bipartidarismo ele assumiu a cadeira de secretário geral do MDB. Participou da Frente Ampla que defendia o retorno ao regime democrático. Teve seu mandato cassado em 1969 quando apoiou a decisão de não cassação do Dep. Márcio Moreira Alves.¹⁵³

Figura 11: José Martins Rodrigues



Fonte: <http://oabce.org.br/institucional/memoria/>

Para o ex-deputado Iranildo Pereira, Rodrigues foi o principal organizador do MDB no Ceará, líder que falta ao partido hoje:

Aqui também falta um Martins Rodrigues, que tinha ideias firmes, coragem de enfrentar tudo. E tinha também, não digo ideologia, em termos de direita ou esquerda. Mas tinha ideais. Hoje não tem. Hoje tem uma agremiação política que serve apenas ao presidente.¹⁵⁴

Hermes Pereira, Raimunda Nogueira de Andrade, Raimundo Queiroz Ferreira, Tácito Pimentel, Vicente Linhares, Vicente Honório e Vital Félix. Fonte: MOTA, Aroldo. *República: partidos políticos no Ceará*. Revista do Instituto Histórico do Ceará, 2000. p. 9

¹⁵³ <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/>

¹⁵⁴

Fonte: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2014/02/24/noticiasjornalpaginasazuis,3210789/politica-se-faz-com-coragem.shtml>

Figura 12: Iranildo Pereira

Fonte: <http://cearanews7.com/iranildo-pereira-lanca-livro-pau-pereira-neste-sabado-no-florida-bar/>.

Em seu lugar assumiu Mauro Benevides, também oriundo do PSD. Político moderado de formação católica, Benevides teve sua vida política marcada por grandes votações. Era presidente da Assembleia Legislativa do Ceará quando veio o golpe de 64.¹⁵⁵ Foi deputado em várias legislaturas, sendo eleito treze vezes pelos jornalistas melhor deputado do ano.¹⁵⁶ Seu nome aparece com frequência na atuação do partido na zona norte.

Figura 13: Mauro Benevides

Fonte: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/ultimas-noticias/item/47233-0511-wr-questao-ordem>

¹⁵⁵ MOTA, Aroldo. Op. Cit. p. 280-281.

¹⁵⁶ FONTE: 15. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/>

Ao longo do sistema bipartidário apenas quatro¹⁵⁷ municípios mantiveram-se sob a liderança do MDB no Ceará, três deles ficam na zona norte: Guaraciaba do Norte, Poranga e Santana do Acaraú. Nos municípios de Reriutaba e de Uruoca o partido venceu pelo menos três dos quatro pleitos. Sobre Reriutaba o Ivan Rego é referendado pelo PMDB como uma importante liderança do partido, embora seu nome pouco apareça na memória do MDB na região. Já sobre Uruoca não há nenhuma identificação de oposição na atuação do partido, os líderes locais eram da família Rocha com tradição conservadora, ligada aos municípios de Granja e Camocim.¹⁵⁸

Figura 14: Ivan Rego



Fonte: www.eufrafinoneto.com.br.

Ao contrário de outras regiões brasileiras, onde o MDB cresceu a partir de 1974, no Ceará, os melhores resultados para o partido, nos pleitos municipais, foram nas eleições de 1966 e na de 1972. Nesse estudo nos deteremos apenas aos municípios de Guaraciaba do Norte, na Ibiapaba e Santana do Acaraú, no sertão de Sobral, pelo acesso às fontes.

3.2.1. As exceções emedebistas: Guaraciaba do Norte e Santana do Acaraú.

A atuação do MDB nesses dois municípios apresenta características distintas. Filiar-se ao partido do governo, garantia cargos públicos e recursos para o

¹⁵⁷ Aiuaba, Guaraciaba do Norte, Poranga e Santana do Acaraú.

¹⁵⁸ Moésio Mota. Entrevista concedida à autora em 22 de dezembro de 2017.

desenvolvimento do município. Mas em Guaraciaba do Norte, município onde o MDB manteve-se à frente do executivo por toda vigência do bipartidarismo, José Maria Melo e seus parceiros provaram que era possível fazer a cidade crescer com os poucos recursos de que dispunham. De acordo com estudo de Luana Soares, em Guaraciaba foi muito evidente o sucesso do MDB:

Havia, à época, uma convivência pacífica. As amizades pessoais prevaleciam sobre as divergências partidárias. Posteriormente, com a arrogância da ARENA que, em âmbito nacional, fazia de tudo para preservar a ditadura, os reflexos chegaram em Guaraciaba do Norte. Lideranças locais da ARENA começaram a perseguir as lideranças do MDB, especialmente os que eram funcionários públicos. As principais lideranças do partido foram transferidas para Fortaleza. A ARENA tinha esperança de que, perseguindo aqueles cidadãos, o campo ficaria livre para conseguir alguma vitória. Mas o resultado foi ao contrário. A partir da liderança de José Maria Melo, o MDB foi-se fortalecendo cada vez mais e a ARENA nunca teve chance de ganhar uma eleição. Predominava no Ceará, no entanto Guaraciaba e mais oito municípios resistiram¹⁵⁹.

Mesmo sendo adversário dos governos estaduais e federal, o gestor conseguiu empreender práticas que deixaram seu nome marcado na história da cidade. Para o prof. Leunam Gomes, a garra e a boa gestão dos recursos, permitiram que o líder promovesse o desenvolvimento da cidade, mesmo sem o apoio institucional.¹⁶⁰

A gestão de Chico Rodrigues, ainda como udenista, perseguindo adversários e intolerante às inovações, contribuiu sobremaneira para o pouco prestígio da Arena na esfera local. Essa falta de poder da agremiação se revela na fala de um vereador arenista quando descreve sua penúria na busca de recursos para construção de um prédio escolar na zona rural do município, já que não era aliado do governo municipal:

Aí eu pelejava, falava com o prefeito, eu falava com os deputado. Eu digo num pode que é da prefeitura, num pode..num pode dá entrada não. Aí o Zé Maria dizia assim: “ou o Luiz Corsino¹⁶¹ passa pro meu partido ou nós acaba o prédio réi dele¹⁶².”

¹⁵⁹ Francisco Leunam Gomes. Entrevista concedida à autora em 22 de março de 2017. In.: RIBEIRO, Antonia Luana Soares. “Num era ele todo tempo no poder, mas todos que ele candidatava ganhava!”: o MDB e a liderança de José Maria Melo em Guaraciaba do Norte-CE(1963-1988). Sobral: UVA, 2017. p. 46

¹⁶⁰ Francisco Leunam Gomes. Entrevista citada.

¹⁶¹ Luiz Corsino, é como Sr. Luiz também é conhecido.

¹⁶² Luiz Ribeiro Melo. Entrevista concedida à autora em 4 de abril de 2017. Ibidem, p. 50

Era paradoxal a relação dos dois partidos. Apesar da existência de uma bancada arenista, diversos projetos foram aprovados por unanimidade no legislativo,¹⁶³ expressão do reconhecimento do poder do MDB. A qualidade do opositor reconhecido pelos arenistas foi sua capacidade de investimentos e o trato com o seu povo.

José Maria Melo ascende ao poder municipal com o apoio da União Municipal dos Estudantes Guaraciabenses (UMEG), uma organização de jovens estudantes interessados em contribuir para a melhoria da vida cultural da cidade, que teve entre as principais bandeiras de luta a implantação do ensino ginásial no município.

Para o ex-prefeito Elisiário Nobre havia clara divergência ideológica entre Arena e MDB, entretanto, as gestões emedebistas não radicalizaram e conseguiram estabelecer boas relações com os governos estaduais, carreando recursos importantes ao desenvolvimento do município, principalmente na gestão de Virgílio Távora:

Veja que nós implantamos naquele tempo três agências bancárias; o Banco do Brasil, do Bradesco e a Caixa econômica, e eletrificamos todo o nosso município; piçarradas as estradas, naquele tempo era uma coisa muito difícil de se encontrar, mas conseguimos justamente pelo bom relacionamento que a gente tinha com o governo do Estado. Veja que até no plano federal quando houve uma Interparlamentar em Praga, eu fui o único prefeito convidado à ir para essa interparlamentar representando o Brasil. Tinha um passaporte diplomático e tudo, quer dizer, Guaraciaba teve essa chance de participar de uma interparlamentar em Praga, e do Brasil o escolhido foi o prefeito de Guaraciaba do norte.¹⁶⁴

Melo foi seminarista e concluiu o 2º Grau, com técnica em contabilidade. Exerceu atividade na agricultura e comércio. Ingressou na política pelo MDB, indicado pelo ex-prefeito Meton Silvano. Segundo José Lira, exerceu ferrenha oposição aos governos da ditadura, dos coronéis. Foi prefeito por três vezes do município de Guaraciaba e ocupava uma vaga na Assembleia Legislativa quando faleceu. Sua fidelidade ao partido foi reconhecida nas manifestações em torno da sua morte:

Os que acompanham a vida política deste Estado sabem que José Maria Melo, que ontem morreu nesta cidade, exerceu uma das mais autênticas lideranças interioranas. No período revolucionário quando

¹⁶³ RIBEIRO, Op. Cit. p. 44.

¹⁶⁴ José Elisiário de Melo Nobre. Entrevista concedida à Luana Soares em 15 de março de 2017.

praticamente a classe política cearense, com a extinção dos partidos abraçou a Arena, que era o abrigo partidário do governo poucos foram os que levantaram a bandeira do MDB. E, dentre esses, lá estava José Maria Melo ao lado do então deputado EufRASINO Neto, com quem formou uma alianças das mais respeitadas.¹⁶⁵

Figura 15: José Maria Melo



Fonte: Assembleia Legislativa do estado do Ceará.¹⁶⁶

Numa publicação da Assembleia legislativa do Ceará, referente à legislatura de 1991-1994, o deputado é homenageado:

Dedicamos este livro ao grande líder e exemplar homem público, José Maria Melo, que dedicou a sua vida à sua querida terra natal, Guaraciaba do Norte, da qual foi prefeito municipal por três mandatos, sempre sob a legenda do MDB, posteriormente PMDB, numa demonstração de coerência e honradez que caracterizou toda sua existência.¹⁶⁷

Melo também pode contar com a parceria do também emedebista Paes de Andrade e principalmente de Antônio EufRASINO Neto. Originário de Poranga, distrito emancipado de Ipueiras, na juventude EufRASINO foi membro do diretório acadêmico da faculdade de

¹⁶⁵ Diário do Nordeste, 8 de julho de 1993 apud LIRA, José Luís. De volta a Campo Grande. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010. p. 200.

¹⁶⁶ Assembleia do Estado do Ceará 23ª legislatura. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/index.php/publicacoes-malce?download=310:legislatura-de-1991>

¹⁶⁷ Ceará. Assembleia Legislativa do Estado. Memorial. Dep. Pontes Neto. Deputados estaduais: 23ª legislatura 199-1994/Assembleia Legislativa do Estado Ceará. Fortaleza: INESP, 2006. 227.; il.

Direito (UFC). Filiou-se ao MDB de onde nunca saiu. Era considerado um político moderado, conciliador. Em 2015 o senador Sérgio Machado faz referência ao líder falecido:

EufRASINO foi, antes de tudo, um símbolo da resistência democrática no Ceará, durante o período mais difícil da história política recente. Filiado desde a primeira hora ao MDB, defendia, com bravura, a partir da sua base instalada na pequenina Poranga, a 285 quilômetros em linha reta da capital, o retorno da democracia no país.¹⁶⁸

Figura 16: EufRASINO Neto¹⁶⁹



Fonte: www.eufRASINONETO.COM.BR.

Sobre a relação de Melo e EufRASINO com a ditadura, o prof. Leunam Gomes diz não identificar na sua história nenhuma manifestação de crítica ao regime de exceção, ou de luta em defesa da democracia, eles apenas teriam se acomodado ao sistema bipartidário, sendo fiéis ao seu partido até o fim. Gomes conclui que ambos teriam sido figuras carismáticas que se empenharam em melhorar as condições do povo da sua terra.¹⁷⁰

Pelo quadro eleitoral nota-se que, entre a primeira e a última eleição, a diferença em favor do MDB aumentou significativamente. No legislativo, a Arena obteve maioria apenas na eleição de 1966, nove contra um do MDB. Mas nas eleições seguintes o quadro

¹⁶⁸ Fonte: <http://www.eufRASINONETO.COM.BR/>

¹⁶⁹ <http://www.eufRASINONETO.COM.BR/fotos/eufRASINO>

¹⁷⁰ Leunam Gomes. Entrevista citada.

foi se invertendo. Em 1970 foram três contra seis do MDB, e em 1972 foi apenas um contra oito do MDB. Infelizmente não dispomos dos dados de 1976 para finalizar a análise. Mas, ainda nas eleições de 1982, apesar de perder a parceria de Elisiário Nobre, que migrou para o PDS, Melo conquistou vitória.

Quadro de eleições

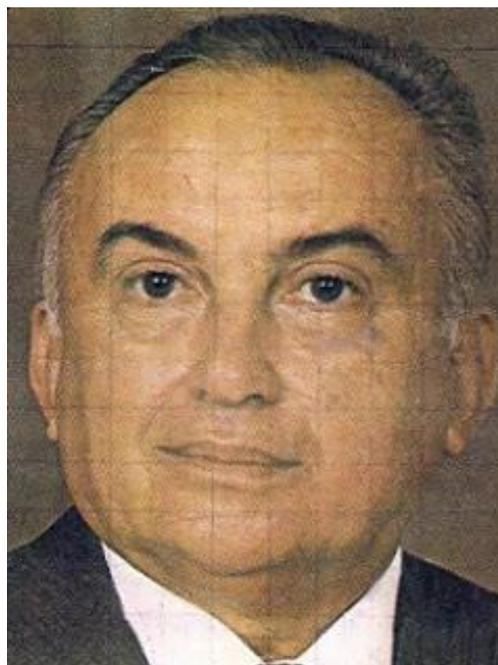
ANO	PREFEITO/VICE	PARTIDO	VOTOS
1966	José Maria Melo João Haroldo Carvalho	MDB	1.613
	Francisco Mendes Bezerra -	ARENA	1.171
1970	Roque de Melo Ferro Francisco Leite de Mesquita	MDB	3.308
	José Iran Rodrigues dos Santos Edmilson Oliveira Martins	ARENA	1.704
1972	José Maria Melo Antônio Leite Cavalcante	MDB	3.798
	Manoel Batista de Oliveira Djacir Farias de Sousa	ARENA	1.013
1976	José Elisiário de Melo Nobre	MDB	-

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

A liderança de Melo, apesar de reconhecida pelos emedebistas de outros municípios do sertão de Sobral, tinha um raio de atuação mais restrito à Ibiapaba. Ele terminou sua carreira política como deputado estadual pelo PMDB.

Santana do Acaraú é outro exemplo do poder do MDB. Lá mais do que a capacidade de carrear recursos para o desenvolvimento do município, era a habilidade no jogo político que dava reconhecimento à liderança de Chagas Vasconcelos. No estudo de Rafael dos Santos,¹⁷¹ ele discute como, além de garantir vitória ao MDB em todos os pleitos municipais, Vasconcelos ainda ganhava o reconhecimento dos seus opositores.

¹⁷¹ Ibidem, p.86.

Figura 17: Chagas Vasconcelos

Fonte: <http://forquilhaontemhojeesempre.blogspot.com.br/2011/10/guardiao-da-arqueologia->

A força da sua liderança havia sido conquistada antes da instalação do novo regime. Chagas ou *Dotô Neném*, como era conhecido, vinha de família humilde. Apadrinhado pelo tio João Arcanjo de Maria, homem de muitas posses, cursou o ensino ginasial na cidade de Sobral¹⁷² e concluiu o ensino médio no antigo Liceu do Ceará.¹⁷³ Estudando e trabalhando, de acordo com familiares, despertou atração pela política frequentando a casa de Parsifal Barroso, que o tinha como filho, quando ainda completava seus estudos. Oficialmente, aos catorze anos ele ingressou no Partido Social Democrático (PSD), sob a tutela do chefe político da região Norte e genro de Parsifal Barroso, o sobralense Francisco de Almeida Monte,¹⁷⁴ conforme se percebe nesse encarte de jornal de 1962:

¹⁷² SANTOS, Rafael Júnior dos. *Manda brasa na Arena: práticas e representações do bipartidarismo em Santana do Acaraú (1966-79)*. Sobral, UVA, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso).

Figura 18: Carta de recomendação de Monte sobre Vasconcelos.



Fonte: Jornal *O Povo*, 1962.

<http://forquilhaontemhojeesempre.blogspot.com.br/2011/10/guardiao-da-arqueologia->

Segundo memorialista Célio Cavalcante, ainda criança Vasconcelos ajudava Monte discursando nos comícios. No ano de 1948 quando Monte soube que o amigo ia abandonar os estudos por falta de recursos, entregou-lhe, então, uma carta para o Dr. Parsifal Barroso e Ozires Pontes, àquele tempo deputados estaduais e representantes de Chico Monte em Fortaleza: “Aí vai o Vasconcelos, nosso futuro deputado federal. Vocês tomem de conta do homem. Se ele precisar de dinheiro deem e botem em minha conta. Do amigo Chico Monte. Sobral, 02-02-1948.”¹⁷⁵

Em Fortaleza, ingressou no movimento estudantil, ainda no primeiro semestre do curso de direito.¹⁷⁶ Como tinha facilidade com as palavras, venceu concursos em oratória, tornando-se orador Oficial do Centro Acadêmico e depois da União Estadual dos Estudantes.¹⁷⁷

Assim, como fundador e presidente da Mocidade Pessedista do Ceará, ele participava das campanhas eleitorais construindo a partir disso um vínculo de amizade com os principais nomes do Partido Social Democrático (PSD) e da política cearense.¹⁷⁸ Após trabalhar por seis anos como funcionário da Prefeitura de Fortaleza, Vasconcelos

¹⁷⁵ <http://forquilhaontemhojeesempre.blogspot.com.br/2011/10/guardiao-da-arqueologia->

¹⁷⁶ SANTOS, R. J. dos. Op. Cit. p. 33

¹⁷⁷ “O jovem Chagas passeou pelo Brasil esbanjando sua oratória, impressionando até o presidente Juscelino Kubitschek quando este passava por Fortaleza”. Ibidem. p. 35

prestou concurso para o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) e com poucos meses de trabalho foi transferido para a cidade de Sobral, onde se dividia entre o emprego e a advocacia.

Acompanhando sempre de perto a vida política de sua terra natal, em parceria com os dois primos,¹⁷⁹ Vasconcelos candidata-se para prefeito de Santana em 1958 pelo PSD e vence o candidato da UDN, inaugurando um ciclo na política santanense que se fechou apenas em 1988. Do acordo *União pelo Ceará* (UDN-PSD) que elegeu Virgílio Távora governador, em 1962, conquistou o cargo de Secretário do Trabalho e Ação social.¹⁸⁰

Assumiu uma vaga na Assembleia Legislativa por quatro vezes (1963-66; 1967-1970; 1971-74; 1975-1979). Candidatou-se a senador em 1978. Derrotado, ficou afastado da política até 1982. Eleito deputado federal em 1983-1986 e em 1987 suplente de Carlos Benevides, assumindo em 1989.¹⁸¹ Faleceu em agosto de 2003.¹⁸²

Quanto aos líderes da Arena em Santana, a filiação ao partido do governo não fora suficiente para obter hegemonia no jogo político local, é o que se pode notar na fala do vereador arenista:

Eu nunca fui contra nenhum. Eu nunca votei contra qualquer um projeto deles lá, eu nunca tive o que dizer deles porque eu nunca tive nenhum projeto né, eu me achava só. Então, o que é que adiantava eu botar um projeto na câmara e esperar a votação deles, que eu sabia que eles num iam e os outros sempre depositavam ser amigo meu, ser correto meu [...].¹⁸³

Ao contrário de Guaraciaba, em Santana os líderes arenistas, mesmo fora da gestão, conseguiram carrear recursos do Estado e do Governo Federal para o município,

¹⁷⁹ José Arcanjo Neto e José Ananias Vasconcelos.

¹⁸⁰ MOTA, Aroldo. Op.cit.

¹⁸¹ http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=115744&tipo=0

¹⁸² Na sessão da Câmara de 25 abril de 1984, votou a favor da emenda apresentada pelo deputado Dante de Oliveira (PMDB-MT), que restabelecia eleição direta para Presidente da República em novembro daquele ano. Rejeitada a emenda. No Colégio Eleitoral, reunido no dia 15 de janeiro de 1985, votou em Tancredo Neves, candidato oposicionista lançado pela Aliança Democrática — PMDB e PFL (que reunia dissidentes do Partido Democrático Social (PDS). Trabalhou como oficial administrativo, fiscal e agente do antigo Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) e foi procurador do Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social (Iapas). Casou-se com Maria Ivone de Vasconcelos, com quem teve dois filhos. Fonte: www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vasconcelos-chagas

¹⁸³ José Valderi Helcias, 74 anos. Entrevista concedida ao autor em 17 de janeiro de 2016. In.: SANTOS, Rafael Júnior dos. *Manda Brasa na arena: práticas e representações do bipartidarismo em Santana do Acaraú* (1966-79). Sobral: UVA, 2016. p. 57

graças à sua filiação partidária. Mas, segundo depoimentos, era no carisma pessoal que residia o poder de Vasconcelos:

O Chaga sempre foi liderança forte né, aqui em Santana porque naquela época num tinha muita gente esclarecida assim como tem hoje né! Chaga era respeitado, um advogado renomado, um grande orador que sabia mudar até a opinião do povo através da oratória, dos discurso bonito, o povo gostava. Saía de longe [...]vinha de pés lá do Chora pra assistir um comício do Chaga, aqui, porque achava bonito o discurso dele. Então, através do discurso ele conquistou, mas também fez, ele fez muita coisa assim não em obra, ele fez muito pelo povo¹⁸⁴.

Ainda de acordo com os entrevistados, o que levava a Arena a perder para o MDB era:

Porque nunca foram políticos, num eram políticos. O Chaga era político, ele se firmou na política e ficou, a vida do Chaga era a política e trabalhar de graça pra todo mundo, pronto como é que ele podia administrar se dava tudo ao povo? Já o Zé Arcanjo não, o Zé Arcanjo trabalhava três vezes na campanha, tudo que vinha ele embolava lá naquela maternidade, a negada comia e aí queria ganhar no grito e num dava pra ganhar e a política é essa, hoje eu num sei, hoje é dinheiro, na nossa época era trabalho, cê trabalhou tem¹⁸⁵.

(José Arcanjo) Prestava mais serviço do que o Dr. Chaga, o hospital era aberto 24 horas com enfermeiro e médico, quando num dava pra atender lá ia até a casa da pessoa. Agora não pode se misturar política com trabalho, política também é uma profissão, ele não era político, ele não tinha habilidade política, totalmente diferente do Chaga que o Chaga tinha era habilidade política mesmo, entendeu? Então foi isso, o sucesso do Chaga foi isso, sua habilidade política [...]¹⁸⁶.

Percebe-se pelo quadro das eleições que, mesmo derrotada, a Arena não deixou de disputar o seu lugar no poder de Santana. Em 1966 empatou no legislativo (cinco vereadores), em 1970 e 72 fez três vereadores contra seis do MDB.

¹⁸⁴ *idem*.

¹⁸⁵ João Bosco Vidal, 70 anos. Entrevista concedida ao autor em 29 de janeiro de 2016. *Ibidem*, p. 66.

¹⁸⁶ José Valdemir Vasconcelos, 66 anos. Entrevista concedida ao autor em 13 de fevereiro de 2016. *Ibidem*, p. 67.

Quadro de eleições

ANO	PREFEITO/VICE	PARTIDO	VOTOS
1966	Raimundo Nazion de Aguiar Raimundo Nonato Pereira	MDB	2.067
	Gerardo Arcanjo	ARENA	1.896
1970	Cirineu de Menezes Cirineu Cândido	MDB	3.029
	José Arcanjo Neto Francisco das Chagas Sabino	ARENA 1	2.102
	José Milton Mota Miguel Frederico da Ponte	ARENA 3	381
	José Amauri Araújo Antônio Pacatuba Pinto	ARENA 2	153
1972	José Ananias Vasconcelos Antônio Gomes de Araújo	MDB	3.353
	Antônio Alves Sobrinho Manoel Batista de Sousa	ARENA	2.168
1976	João Batista Arcanjo	MDB	-

Fonte: Tabela construída pela autora a partir de fontes do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

Para o prof. Leunam Gomes, diferente de Melo, Vasconcelos apresentava perfil mais ideológico.¹⁸⁷ O prestígio dele no MDB cearense parece indiscutível. Diversos depoentes fazem referência à sua presença nos municípios da região, dando assistência aos populares bem como arrebanhando ouvintes aos comícios pela sua habilidade discursiva, que lhe rendeu o epíteto de “minha patativa de Santana”, atribuído pelo deputado. Chico Monte.¹⁸⁸ Obteve votos em regiões muito distantes da sua; foi líder do partido na Assembleia e candidato ao senado em 1978, vencendo na capital, isso não era pouca coisa.

Entretanto, a sua relação com o regime não foi ainda evidenciada pelos estudiosos. Ele brigou com o governador César Cals, por causa do assistencialismo no serviço público, o que lhe rendeu um processo na justiça militar, porém não há registro da sua relação com o governo de Virgílio Távora e Aduino Bezerra. Nenhum entrevistado o reconheceu como membro dos *autênticos do MDB*, embora ele tenha sido fiel à legenda até o fim da sua carreira.

O ex-senador Mauro Benevides homenageia Chagas Vasconcelos quando do seu falecimento:

Na condição de parlamentar, sobretudo como líder da oposição na Assembleia Cearense, o estilo oratório que o caracterizava era o de

¹⁸⁷ Leunam Gomes. Entrevista concedida à autora em 2 de outubro de 2017.

¹⁸⁸ João Barbosa. Entrevista citada.

habitual contundência, ao vergastar desmandos de administrações que não manifestavam o espírito inafastável da ética e da decência.

Considerado tribuno consagrado, o saudoso representante do Ceará empolgava multidões, detalhando os seus pontos de vista com clareza e incisividade, numa exposição ouvida habitualmente com atenção em plenários formais ou em concentrações partidárias.¹⁸⁹

É possível notar na fala do ex-deputado Iranildo Pereira a relação de parceria entre os líderes emedebistas, tanto em nível regional como nacional:

Com a morte de Ivan Rego, a política cearense perde um de seus personagens mais atuantes nas décadas de 60 e 70, na região da Ibiapaba. Graças a essa liderança, governou o seu município - Reriutaba - onde é lembrado por realizações como o Hospital Municipal, o Palácio Municipal Senador Virgílio Távora, Mercado Público e, como ali se diz, 'pela assistência prestada às pessoas carentes'. Ao lado de José Maria Melo (Guaraciaba do Norte); Chagas Vasconcelos (Santana do Acaraú) e EufRASINO Neto (Poranga), Ivan formou entre os poucos prefeitos que, em oposição ao governo militar, o MDB conseguiu eleger no Ceará.¹⁹⁰

Pereira também faz várias referências elogiosas à atuação de Ulisses Guimarães, José Martins Rodrigues, Mauro Benevides e EufRASINO Neto.¹⁹¹

4. 1974 – Crise da Arena e o avanço da oposição

A crise do “milagre econômico”, em 1973, trouxe à tona as mazelas do regime. Os anos decorridos de 1974 a 1985 foram caracterizados pela luta democrática contra o regime militar, marcada por dois polos: de um lado o projeto de abertura do Governo Federal, “lento, gradual e seguro”, e de outro, a atuação de um movimento político de oposição, reunindo amplos setores da sociedade e com forte presença dos partidos e organizações de esquerda, que procuravam alargar e romper com os limites do projeto de “abertura” do governo.¹⁹²

¹⁸⁹ Discurso proferido pelo Deputado Mauro Benevides na sessão de 27 de julho de 2005. Câmara dos Deputados. Brasília.

¹⁹⁰ www.eufRASINONETO.COM.BR

¹⁹¹ Entrevista de Iranildo Pereira.

<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2014/02/24/noticiasjornalpaginasazuis,3210789/politica-se-faz-com-coragem.shtml>

¹⁹² ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In.: REIS, Daniel Aarão *et al* (Orgs.) *O golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004. pp. 161-162.

Para Maria Paula Araújo, essas ideias foram manifestadas por meio de diversas revistas e jornais que circulavam no período, dentro e fora do Brasil. A partir daí, começava a se delinear uma cena política legal, pública, que procurava romper os limites da clandestinidade e tornar visível o movimento de oposição à ditadura.¹⁹³ Nesse novo cenário, alguns atores passaram a se destacar, entre eles, o MDB e a Igreja Católica.

Nas eleições de 1970, uma ala da oposição, com muitos dos líderes presos ou exilados, pregou o voto em branco. O resultado foi uma vitória esmagadora da Arena que passou a deter mais de dois terços da Câmara e mais de quatro quintos das cadeiras do Senado.

De acordo com Ana Beatriz Nader, foi nesse contexto que nasceu o *Grupo Autênticos do MDB*, que compreendia 23 deputados federais que elaboraram e assinaram um documento de “Anticandidatura” de Ulysses Guimarães, na sessão da Câmara, que elegeu o general Ernesto Geisel, Presidente do Brasil, em 15 de janeiro de 1973. Nesse documento, os referidos deputados devolviam o voto e consideravam uma farsa ao grande ausente, o povo brasileiro. Expressavam também contrariedade em relação ao comportamento de Ulysses Guimarães, que, descumprindo o acordado com o grupo, compareceu àquela sessão na condição de candidato.¹⁹⁴

Fiéis ao programa partidário que condena a eleição indireta, admitimos a candidatura própria tão somente com o objetivo de alargar a precária faixa de comunicação, tentando, assim, reatar o diálogo com o povo brasileiro.

Em nenhum momento compreenderíamos que o anticandidato e o contestante se convertessem em candidatos.¹⁹⁵

Há duas versões sobre esse episódio da anticandidatura: essa versão de Nader segundo a qual Ulisses descumpriu o acordado, comparecendo à eleição e a de que, antes do pleito, o partido reuniu-se e deliberou pela candidatura,¹⁹⁶ embora o grupo de 23 deputados tenha se recusado a participar da votação. O certo é que o protesto consagrou

¹⁹³ Ibid. p. 167.

¹⁹⁴ NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB – semeadores da democracia*. História oral e vida política São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 15

¹⁹⁵ Andrade, p. 142.

¹⁹⁶ Kinzo, D; Nader, B. op. Cit.

a identidade desse grupo perante a opinião pública, noticiado inclusive pela BBC de Londres, como lembra o ex-deputado Fernando Lyra:

É emocionante relembrar essa experiência, a satisfação que senti como ouvinte assíduo da Rádio BBC de Londres, a única emissora que possibilitava acesso às notícias sobre o Brasil, que na mesma noite divulgou o resultado da eleição, exatamente assim: ARENA tantos votos; MDB outros tantos; e a Oposição Autêntica brasileira: 23 votos!¹⁹⁷

Quadro dos Autênticos

NOMES	LOCAL	DATA NASC/MORTE
Alencar Furtado	Araripe-CE	1925
Álvaro Lins	Pedra Branca-CE	1920-1997
Amaury Muller	Cruz Alta-RS	1936
Eloy Lenzi	Lagoa Vermelha-RS	1924-1997
Fernando Cunha	Itumbiara-GO	1935
Fernando Lyra	Recife-PE	1938
Francisco Amaral	Campinas-SP	1923
Francisco Pinto	Feira de Santana-BA	1930
Freitas Diniz	Araioses-MA	1933
Freitas Nobre	Fortaleza-CE	1921-1990
Getúlio Dias	Pelotas-RS	1934
Jailson Barreto	Laguna-SC	1933
Jerônimo Santana	Jataí-GO	1934
JG de Araújo Jorge	Tarauaca-AC	1914-1987
João Borges	Macaúbas-BA	1911-1989
Lysâneas Maciel	Patos de Minas-MG	1926
Marcondes Gadelha	Sousa-PB	1943
Marcos Freire	Recife-PE	1931-1987
Nadir Rossetti	Caxias do Sul-RS	1937-1997
Paes de Andrade	Mombaça-CE	1928-
Severo Eulálio	Picos-PI	1930-1979
Santilli Sobrinho	Mineiros do Tietê-SP	1922
Walter Silva	Campos-RJ	1933-1994

Fonte: NADER, B. p. 16.

Para alguns membros do grupo, o episódio não foi a mais importante ação do grupo, mas foi a mais marcante na história dos *autênticos*, assim identificados por jornalistas como a oposição verdadeira, já que não se reconhecia essa prática no partido.

O grupo não tinha direção, programa nem sede. Além dos 23 deputados federais, outros parlamentares nos estados e municípios contribuíram com o grupo chegando a 40 em alguns momentos. O episódio revelava as divergências dentro do próprio partido, de um lado os moderados, representados pela executiva do partido, de outro os autênticos,

¹⁹⁷ NADER, B. op. Cit. p. 120

que defendiam uma reação mais agressiva ao regime, com a proposição do retorno ao Estado Democrático.¹⁹⁸

Entre os autênticos encontravam-se quatro cearenses: Alencar Furtado, Álvaro Lins, Freitas Nobre e Paes de Andrade. Posteriormente vários dos autênticos foram cassados e o partido expressou junto a imprensa a sua contrariedade a tais decisões. Paes de Andrade é um dos mais citados pelos colegas de grupo. Na época não havia gabinetes para todos os deputados; mais antigo na Casa, Andrade usou o seu gabinete para reuniões e produção de material do grupo, sendo um dos principais redatores dos manifestos.

Figura 19: Paes de Andrade



Fonte: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/06/morre-aos-88-anos-o-ex-deputado-cearense-paes-de-andrade.html>. Acesso em 16 de janeiro de 2018.

O caso dos Autênticos do MDB é uma matéria que merece reflexão mais aprofundada pela historiografia. Embora seja recorrente que a marca do grupo não fosse a afinidade ideológica, mas a atitude corajosa, aguerrida, práticas típicas das esquerdas. Tais práticas só se efetivaram graças ao lugar institucional que o partido político ocupava naquele contexto. As brechas da legalidade foram frequentemente utilizadas na proteção dos seus partidários e aliados políticos. Portanto, os autênticos fizeram do MDB uma mediação entre a ala mais conservadora e a mais radical, e dentro da mesma agremiação defenderam mandatos, presos políticos, liberdade de expressão, as instituições representativas e pressionaram o fim do regime de exceção.

¹⁹⁸ Ibidem.

O ano de 1974 foi sem dúvida um marco na história do bipartidarismo. Nas eleições para deputados, senadores, vereadores e parte dos prefeitos, o MDB se recuperou espetacularmente, elegendo 16 senadores, das 22 vagas em disputa (um terço das vagas de então), e por pouco não obteve a maioria da Câmara, tendo conquistado 161 das 364 cadeiras, ou 44%.¹⁹⁹

No Ceará, nas eleições para o senado federal, o MDB com Mauro Benevides/Ozires Pontes, recebeu 510.392 contra 434.066 de José Edilson de Melo Távora/Jeová Costa Lima, da Arena. Até em Sobral, onde o MDB tinha pouca representatividade, a vitória foi de 13.867 contra 8.197 da Arena.²⁰⁰ A cisão dentro da Arena, dividida entre Távora/Bezerra de um lado e Cals do outro, teria contribuído para esse resultado.²⁰¹

Em entrevista, o ex-deputado federal Mauro Benevides, com 84 anos à época, discorre:

A Arena era imbatível. O MDB tinha perdido em 1970. Na eleição de 74, a mim coube assumir aquela disputa, arriscada e matematicamente impossível. Mas a força do povo esteve caracterizada pela manifestação espontânea naquela eleição. O próprio governador César Cals, na época, numa explosão de entusiasmo, disse que ‘nem o Padre Cícero’ venceria o candidato da Arena. Isso naturalmente estimulou nossos correligionários para que intensificassem a luta.²⁰²

O novo período legislativo para o MDB trouxe também novas divisões internas. Além de autênticos e moderados, o partido passou a contar também com os adesistas e os *neo-autênticos*. Os adesistas eram aqueles que apoiavam as posições do governo, preocupados primordialmente com a preservação dos seus mandatos, enquanto os *neo-autênticos* eram os parlamentares comprometidos com a questão dos direitos humanos, mais radicais que os *autênticos*.²⁰³

Para o historiador Antônio Barbosa, a explicação para essa mudança é que a classe média já começava a sentir os efeitos da crise do milagre econômico, e as urnas foram a forma de exprimir a insatisfação. Houve também as divisões internas do governo, fruto, paradoxalmente, da vitória total de 1970. Em vários estados, diferentes líderes passaram

¹⁹⁹Senado 74 - a eleição que abalou a ditadura. *Especial jornal do Senado*. Brasília 19 de novembro de 2014. Ano XX n° 4.207. www.senado.leg.br/jornal p. 1

²⁰⁰Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições de 1974. Fortaleza, março de 2003.

²⁰¹<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cesar-cals-de-oliveira-filho>. Farias diz que Távora apoiou Benevides de forma velada.

²⁰² Senado 74. Op. Cit. p. 4.

²⁰³ KINZO, D. op. cit. p. 169.

a se engalfinhar pelo comando da Arena. Preocupada com a imagem de regime de “partido único”, a ditadura afrouxou as regras eleitorais, permitindo pela primeira vez os debates no rádio e na televisão.²⁰⁴

A conclusão é que disso se aproveitaram nomes do MDB até então pouco conhecidos, como Paulo Brossard (Rio Grande do Sul), Itamar Franco (Minas Gerais), Marcos Freire (Pernambuco) e Roberto Saturnino Braga (Rio de Janeiro). Líderes como Ulysses Guimarães e Franco Montoro saíram fortalecidos das urnas. O próprio presidente Ernesto Geisel teria reconhecido de maneira um tanto constrangida, no discurso televisivo de fim de ano, a vitória da oposição: “A ARENA se desgastou com o largo período de confortável, mas emoliente maioria”.²⁰⁵

De acordo com Grinberg, o resultado eleitoral de 1974 provocou muitos debates no congresso, na imprensa e no Sistema Nacional de Informação (SNI). Dentro da Arena, houve os que saudaram o MDB, os que defenderam o retorno ao autoritarismo e os que viram naqueles resultados uma oportunidade para discutirem problemas inerentes à organização e funcionamento do partido.²⁰⁶ É a fase de maior competitividade entre Arena e MDB.

A reação foi a *Lei Falcão*, o projeto de reforma do judiciário e o pacote de abril. A Lei Falcão limitou a propaganda eleitoral a currículos e retratos dos candidatos. E em 1977 Geisel fechou o Congresso e decretou uma reforma política, criando a eleição indireta para um terço do Senado (os chamados senadores biônicos), garantindo para a Arena, na prática, a maioria parlamentar. Entretanto, o processo de derrocada iniciado pela eleição de 1974 não seria mais revertido.

Para Lamounier, este foi sem dúvida o acontecimento decisivo da abertura no plano político-eleitoral, pois foi a partir dele que se viabilizou definitivamente o crescimento de uma oposição pacífica, que contava então com um potencial nada desprezível de implantação organizacional, inclusive nos pequenos municípios. A partir de então, para o autor pode-se falar na formação de novas identificações partidárias, que, no que tange à massa de eleitores, praticamente apagava os vestígios do multipartidarismo anterior a 1964. Aceito como opção eleitoral nos grandes centros urbanos, e em processo de visível expansão organizacional no interior dos estados, o MDB poderia agora

²⁰⁴ Senado 74. Op. Cit.

²⁰⁵ Ibidem, p. 4.

²⁰⁶ GRINBERG, L. op. Cit. p. 189.

realisticamente contar com a possibilidade de formar maioria no Senado e na Câmara Federal, e de conquistar diversos governos importantes nas eleições previstas para 1978.²⁰⁷

5. Consolidação da oposição e a volta do pluripartidarismo.

Para Maria Helena Moreira Alves, 1978 foi o ano em que o MDB se tornou partido de oposição “real”, reunindo um amplo espectro de opiniões políticas - das conservadoras às socialistas - numa estrutura unificada. Ela ressalta que a mudança de postura de diversos setores da elite, como a AIB, a OAB, a CNBB, industriais e empresários, retirando apoio ao regime e aliando-se à oposição, tem algumas explicações: alguns desses grupos se sentiram profissionalmente ameaçados pelos rígidos controles repressivos e de centralização do poder; pessoalmente ameaçados pela violência da repressão que não fazia distinção de classe, e finalmente, passaram a considerar o próprio Estado autoritário desnecessário à proteção de seus interesses, e a encará-lo como estorvo ao invés de aliado.²⁰⁸

Juntas, as ações desses grupos fizeram dissipar três elementos da cultura do medo: silêncio, isolamento e descrença. O primeiro passo foi valer-se do partido oficial de oposição – o MDB, depois percorrer os canais disponíveis para aumentar a pressão em defesa dos direitos humanos, e por fim, aprendeu a usar as organizações corporativas e associativas: os jornalistas romperam o silêncio e os advogados o isolamento, atraindo outros setores da sociedade civil para o movimento oposicionista.²⁰⁹

A situação da Arena cearense para as eleições de senador em 1978 não era das melhores. De acordo como o escritor sobralense, César Barreto, o primeiro nome proposto para eleição do senado foi Adauto Bezerra, ex-governador, um dos líderes da Arena cearense. Mas, em Sobral a candidatura havia sido rejeitada pela corrente virgilista, levando Bezerra a renunciar. Ele diz que depois de cansativas negociações entre os três coronéis acordou-se o nome do ex-superintendente da SUDENE, o engenheiro civil e professor da UFC, José Lins de Albuquerque. Contudo, o candidato tinha um alto nível

²⁰⁷ LAMOUNIER, B. op. cit. p. 69.

²⁰⁸ ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. São Paulo: EDUSC, 2005. p. 265-266.

²⁰⁹ *Ibidem* . p. 270-271.

de rejeição no interior do estado, resultado da sua atuação como diretor do DNOCS no passado, quando teria desapropriado terras produtivas e indenizado de forma injusta os proprietários. A rejeição nas pesquisas teria alcançado um índice de 70%, principalmente no interior, eger Lins era uma missão quase impossível, afirma o autor. Ele conclui que a garra de Joaquim Barreto, fruto da lealdade da família Barreto à Távora, conseguiu reverter o quadro levando Lins a conquistar maioria de quase cinco mil votos sobre o candidato do MDB.²¹⁰

É provável que o prestígio de Távora tenha conseguido repetir essa prática em outras regiões do estado, garantindo a eleição de Lins, já que havia burburinho de que Bezerra torcia pela sua derrota.²¹¹

Na capital, a vitória foi do candidato emedebista Chagas Vasconcelos. Numa conjuntura tão delicada como a das eleições de 1978, aquela vitória denotava o prestígio do líder santanense junto ao partido, bem como o aumento da credibilidade do MDB nos grandes centros urbanos.

Era evidente que a Arena começava a perder sua posição confortável no jogo político cearense. Nos relatórios do partido, foram encontradas discussões em torno do papel do partido no governo ditatorial. Num texto de Virgílio Távora sobre as perspectivas para as eleições de 1978, a situação do partido era considerada bastante preocupante, dado o crescimento do MDB em nível nacional. Dentre as providências que o partido deveria tomar para continuar liderando estavam: “a Arena precisa deixar de ser **partido Do governo para ser partido No governo**”, e deveria ocorrer uma forte integração entre as esferas municipal, estadual e federal.²¹²

Essa constatação era recorrente nos discursos parlamentares em nível nacional, inclusive entre os parlamentares de oposição, conforme destaca Grinberg:

Como brasileiro, preferiria que a Arena fosse um partido no governo, (Muito bem!), em vez de ser, declaradamente, um partido do governo. Contudo, já foi dito, e ainda agora repetido por ilustre deputado o senhor Nelson Marquesan, que o seu partido ‘é do governo, mas não está no governo’.²¹³

²¹⁰ LIMA, César Barreto. *O homem é o Quinca*. Fortaleza: Premium, 2011. 156p., il, p. 74-77.

²¹¹ Ibidem, p. 75.

²¹² ESTADO DO CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC. Acervo Virgílio Távora. Organização Partidária. Arena. Fortaleza, 1967/1978. (Documento sem nota tipográfica)

²¹³ Discurso do senador Paulo Brossard. *O Estado de São Paulo*, 16/4/1975 *apud*. Grinberg p. 224-225.

O avanço da oposição à ditadura fica evidente no livro *Itinerário da Violência*, de Paes de Andrade, membro dos *autênticos*, publicado em 1978.²¹⁴ O prefácio de Dom Fragoso é sintomático do caminho tomado pelo partido a partir de 1974. Fragoso, bispo de Crateús, protegeu militantes da luta armada e foi fonte de inspiração dos que lutaram contra a ditadura. Suas palestras em diversos municípios cearenses arrebanhavam muitos ouvintes e desafiava a vigilância do regime com afirmações do tipo: “Cuba deve servir de exemplo para América Latina”.²¹⁵ Ao apresentar a obra de Andrade, ele defende:

A radiografia do projeto político nacional vigente nos convence de que ele não tem solução humana para o povo brasileiro. A doutrina da segurança nacional, o conjunto das leis e atos de exceção, a hipertrofia do executivo produziram frutos amargos. O povo do campo, os operários, as massas populares marginalizadas não têm mais fundamento para esperar das elites no poder. Paes de Andrade denuncia essa falência. Como alternativa, propõe o Estado de direito.²¹⁶

Ao noticiar a reedição da obra em 2014, o bloguista Eliomar de Lima, destaca:

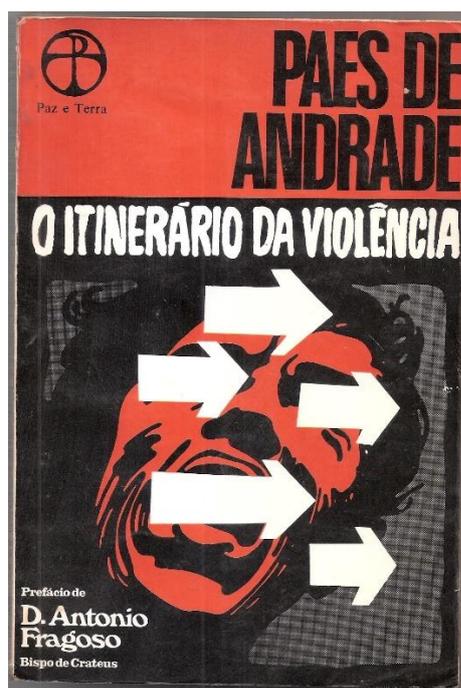
O livro foi um dos maiores libelos contra a ditadura militar implantada no Brasil com o golpe de 1964. Paes, ao lado de emedebistas históricos como Chico Pinto, Fernando Lira, Alencar Furtado, Marcos Freire, Lisâneas Maciel, entre outros, fundou o chamado grupo dos autênticos, bloco parlamentar eleito em 1970 e que desempenhou papel decisivo para a derrubada do regime militar.²¹⁷

²¹⁴ ANDRADE, Antônio Paes de. *O itinerário da violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 16. (Coleção Documentos da Democracia Brasileira; v. I)

²¹⁵ Trecho de discurso que provocou o fechamento do programa a *Hora do estudante* na rádio educadora de Sobral.

²¹⁶ FRAGOSO, Antônio. Prefácio. In.: ANDRADE, Antônio Paes de. *O itinerário da violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 16. (Coleção Documentos da Democracia Brasileira; v. I)

²¹⁷ “Após 36 anos, será lançada a segunda edição do livro “Itinerário da Violência”, de autoria do deputado Paes de Andrade. A iniciativa é do gabinete do deputado Daniel Oliveira. O selo agora é das Edições Livro Técnico, de Sérgio Braga, e a nova edição está sendo organizada pelo jornalista Francisco Bezerra e o escritor Juarez Leitão.” Fonte: blogdoeliomar.com.br. 19 de julho de 2014. Acesso em 13 de outubro de 2017.

Figura 20: Livro de Paes de Andrade

Fonte: Acervo da autora.

Contudo, a obra também denuncia as contradições do partido. Se por um lado o partido radicalizava, publicando uma crítica contundente ao autoritarismo em pleno regime (1978), por outro, ele deixava evidente a característica moderada do partido, que só passou a enfrentar efetivamente o regime quando a instalação de uma ditadura começou a se evidenciar nas práticas políticas. A sua principal crítica se dá às cassações de parlamentares e ao alijamento do Congresso do processo político: “A eleição de Castelo Branco foi o primeiro episódio a transformar o Congresso num simples poder cartorial e homologatório, que, há quase quinze anos, enche de pudor as tradições cívicas deste país, submetido à onipotência do poder revolucionário.”²¹⁸

A referência a esse partido que defendeu a democracia é cada vez mais recorrente nos nossos dias. Nas eleições de 2014, em discurso no município de Crateús, o candidato a governador emedebista, Eunício Oliveira, genro de Paes Andrade faz referência a Dom Fragoso pelo prefácio desse livro, e como exemplo a ser seguido, numa comparação esdrúxula às dificuldades da sua candidatura.²¹⁹

²¹⁸ ANDRADE, A. P. de. Op. Cit. p. 37.

²¹⁹ História de Dom Fragoso inspira meu atual momento de resistência, diz Eunício. Fonte: blogdoeliomar.com.br. Acesso em 13 de outubro de 2017.

Na memória sobre o bipartidarismo ao MDB é atribuída positividade: o partido enfrentou e venceu a guerra contra o autoritarismo; enquanto que à Arena são atribuídos a colaboração e o fracasso. Grinberg diz não ter encontrado nos arquivos parlamentares referência ao MDB como partido do *sim*. Ela acredita que a crítica era de setores de oposição fora do parlamento. Entretanto a pecha do partido do *sim, senhor*, atribuída a Arena, era muito recorrente. Ela vinha da imprensa, da oposição e mesmo dos próprios arenistas quando procuravam defender o partido:

Senhor presidente, senhores deputados, por deferência da liderança do meu partido, a Arena, ocupo este horário, numa demonstração, inclusive a alguns colegas da Oposição, que afirmam constantemente que os homens da Arena dizem apenas sim, ou são integrantes do partido do ‘sim, senhor...’²²⁰

Patto lembra que as esquerdas sempre estiveram presentes no MDB, mas se fortaleceram a partir de 1974 com a eleição de vários parlamentares, e se consolidaram em 1978. As esquerdas revolucionárias teriam elegido um número próximo a vinte deputados federais e o montante de parlamentares das esquerdas moderadas era ainda maior. Tal crescimento se devia tanto ao ingresso de militantes convertidos ao emedebismo, quanto à expansão do eleitorado disposto a eleger candidatos com perfil de esquerda.²²¹

Essa identificação do MDB com a luta pela democracia é muito recorrente na memória do partido. Em entrevista ao jornal *O Povo*, no ano de 2014, o ex-deputado emedebista Iranildo Pereira apresenta o perfil do partido. Apesar de considerá-lo uma agremiação de centro-direita, ele cita a presença de vários esquerdistas na organização e critica a inserção de remanescentes da Arena, quando da transição para o PMDB nos anos de 1980.²²²

Meu sentimento [em relação ao PMDB] é de profunda tristeza. Eu vivi um MDB. Sempre faço essa diferença. O MDB era um partido arrojado, corajoso, contra a ditadura. Enfrentando todas as dificuldades para sobreviver. Houve momento em que a gente achava que não ia sobreviver, até por falta de eleitores. Marcamos uma história. E essa história reflete ainda hoje pelo fato de o PMDB ser o maior partido em

²²⁰ Santos Filho (Arena – PR). Anais da Câmara dos deputados. v.2, n. 7. 1976, p. 5204. *Apud* GRIMBERG, p. 225.

²²¹ MOTTA, R. P. S. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J; REIS, D. A. (Orgs). *Revolução e democracia*. 1964.... Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 298-99.

²²²Fonte:<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2014/02/24/noticiasjornalpaginasazuis.3210789/politica-se-faz-com-coragem.shtml>

termos de eleitores. A história do MDB ficou impregnada na mente do eleitor.

[o PMDB] passou a ser um partido fisiológico. Porque o pessoal que vinha de lá [da Arena]queria era cargo, cargo, cargo. Nós não queríamos cargo, cargo, cargo, queríamos manter a identidade para ir em frente defendendo nossas teses populares, sociais.²²³

Essa postura cada vez mais “destra” do PMDB a partir de 1980, para Patto, deve-se à saída dos quadros de grupos de esquerda. “Porém, vale lembrar, que o capital político que ele tem desfrutado desde então em boa medida foi construído e acumulado graças aos esforços de suas alas de esquerda.”²²⁴

Pereira foi deputado estadual em 1966 e reeleito em novembro de 1970. Sua passagem pela Alce o tornou conhecido como deputado que tinha coragem de citar os nomes dos acusados em seus discursos, identificando-se com os “autênticos” do MDB. Era também conhecido como “incendiário do MDB”. Encerrou seu segundo mandato na Assembleia em janeiro de 1975. Nas eleições de novembro de 1978, concorreu a uma cadeira na Câmara dos Deputados, sempre pela legenda do MDB. Eleito, foi empossado em fevereiro seguinte, atuando, em 1979, na comissão de Segurança Nacional.²²⁵

Quando questionado sobre o momento de maior orgulho na sua atuação no partido, ele responde:

Foi a participação na luta em favor da anistia. Eu tive uma atuação muito forte em Brasília. O PMDB era dividido lá. Uns queriam anistia. E nós, o pessoal mais à esquerda, queria anistia ampla, geral e irrestrita. Aí já houve o racha. Mas eu fui até o fim com essa proposta. Foi uma atuação muito importante minha, um coroamento, a gente abrir as portas do Brasil para os brasileiros.²²⁶

Recentemente, o ex-deputado lançou um livro autobiográfico no Ceará, que infelizmente não tivemos acesso há tempo de explorar nesse trabalho.

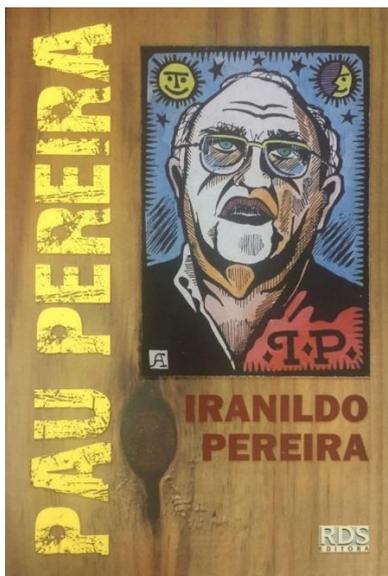
²²³ Ibidem.

²²⁴ MOTTA, R. P. S..p. 300.

²²⁵ <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/iranildo-pereira-de-oliveira>

²²⁶ Ibidem.

Figura 21: Livro autobiográfico de Iranildo Pereira



Fonte: <https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2014/02/24/noticiasjornalpaginasazuis.3210789/politica-se-faz-com-coragem.shtml>

Há um consenso na historiografia de que a volta do pluripartidarismo foi uma estratégia do regime para fragmentar a oposição que se consolidou em torno do MDB. Se em 1965 o bipartidarismo buscava fortalecer a defesa do regime, a estratégia do pluripartidarismo em 1979 denunciava a existência de uma oposição consolidada, que deveria ser fragmentada, fragilizada.²²⁷

Grinberg lembra que em meados dos anos 70, a reforma partidária era uma demanda tanto do MDB quanto da Arena, o bipartidarismo nunca havia sido tolerado. Uns defendiam a volta dos partidos anteriores (UDN, PSD e PTB), enquanto outros propunham siglas novas. Apesar de a Arena ter sido majoritariamente continuidade da UDN, nas discussões sobre a volta ao pluripartidarismo o partido mais referendado era o PSD, visto como modelo por excelência de partido governista e majoritário.²²⁸

A sugestão da nova sigla saiu de uma pesquisa realizada entre os diretórios do país – Partido Democrático Social (PDS), bastante parecida com a do PSD. Ela diz que com a extinção dos partidos apenas 37 deputados deixaram a Arena para se filiar a outros

²²⁷ LAMOUNIER, B. Op. cit. p.70.

²²⁸ GRINBERG, L. Op. cit. p 221.

partidos e 79 deixaram o MDB. O PDS tornou-se o partido de maior representação parlamentar.²²⁹

Segmentos expressivos afastaram-se do MDB (e do PMDB) e buscaram caminhos próprios, aderindo principalmente ao Partido dos Trabalhadores (PT), ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e depois Partido Democrático Trabalhista (PDT).²³⁰

O articulista do jornal *Correio da Semana* em Sobral, Cézar Saldanha, analisa as vantagens e desvantagens do bipartidarismo e do multipartidarismo, e conclui que o primeiro seria mais adequado à democracia. Para ele, no bipartidarismo o povo teria uma participação mais direta no processo político, desde que o sistema não fosse compulsório, mas espontâneo. E defende o voto distrital, em vez do proporcional, como meio de efetivação dessa prática.²³¹

Com a volta ao pluripartidarismo, os três coronéis cearenses se agruparam inicialmente no PDS (Partido Democrático Social), mas logo cindiram-se. Távora ficou no partido, Bezerra foi para o PFL (Partido da Frente Liberal) e Cals para o novo PSD (Partido Social Democrático).²³²

Sobre a Arena, Grinberg conclui que a ditadura deixou dois bodes expiatórios: os militares e a Arena. Os primeiros, a força bruta, a grossura, a ignorância; a segunda, um partido fraco, risível e sem poder nenhum. Para a autora a ridicularização da Arena silencia a participação da sociedade civil no movimento de 1964. Seus parlamentares enfrentaram algumas imposições do Executivo e defenderam ardorosamente outras, mas ao tentar manter suas atividades de políticos profissionais, defendiam as instituições, o que foi fundamental para conquista da redemocratização do país.²³³ A Arena, para Grinberg teria sido tanto partido político como bode expiatório.

Já sobre o MDB, a conclusão de Kinzo é que, a partir de 1971, o MDB se tornou um autêntico partido de oposição, porque alguns políticos trabalharam para a sua criação, mantiveram-no vivo em momentos difíceis e se esforçaram para fazer dele um canal de expressão da insatisfação popular com o governo e com o regime. Ela termina ressaltando que apesar do limitado espaço para atuação, com o partido manteve-se aberto um canal

²²⁹ Ibidem p. 230-231

²³⁰ MOTTA, R. op. Cit. p. 300.

²³¹ *Correio da Semana*, 3 de março de 1979.

²³² FARIAS, Airton de. História da sociedade cearense. Fortaleza: Livro Técnico, 2004. p. 447.

²³³ GRINBERG, L. op. Cit. p. 284-285.

de participação para todos aqueles que acreditavam válido o combate do regime por meio da política parlamentar.²³⁴

A mesma tese é partilhada por Patto, ao acrescentar que o MDB foi uma espécie de laboratório para militantes de organizações políticas e de movimentos sociais, que, na falta de opção institucional, usaram o partido para expressar sua insatisfação com o regime militar, bem como para divulgar suas propostas e popularizar suas lideranças.²³⁵

O discurso, o argumentário, o gestual oportunizam ao historiador descobrir as raízes e as filiações dos indivíduos, estabelecendo uma lógica no seu comportamento.²³⁶ Podemos, portanto, identificar na história do MDB, a partir dos anos de 1974, uma cultura política de oposição à ditadura, que o diferenciava da Arena. Como lembra Bernstein, a cultura política interessa ao historiador por ser um fenômeno partilhado por grupos inteiros que compactuaram das mesmas ideias e viveram as mesmas experiências. Identificá-la permite ao historiador compreender as motivações do ato político.²³⁷

Investigar as experiências localizadas pode ser um caminho profícuo para iluminar a historiografia sobre o tema, que ainda tem muito chão pela frente.

6. Considerações Finais

Ao longo da história da república podemos traçar três culturas que caracterizaram as práticas políticas no Ceará. O coronelismo, marcado pela relação de comradrio, lealdade e violência, que vigorou até os anos de 1930/40; o clientelismo, que, apesar de constituir uma característica da política brasileira, aparece com mais evidência nas décadas de 1950/70²³⁸; e o voto mercadoria, a partir dos anos 80, quando ganha prioridade o fator econômico. “Sendo mercadoria o voto não tinha laço.”²³⁹

²³⁴ KINZO, D. op. Cit. p. 227.

²³⁵ MOTTA, R. op. cit. p. 300.

²³⁶ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa : Editorial Estampa, 1998. pp. 350-362.

²³⁷ Ibid. p. 361.

²³⁸ Cf. CARVALHO. José Murilo de.

²³⁹ Parsifal Barroso. Entrevista citada.

Para Glória Diógenes, a partir da década de 1960 as lideranças políticas são em sua maioria “doutores”, homens de origem rural, porém de vida citadina. Eles se diferenciam em suas funções dos velhos coronéis. Os favores vão dando lugar ao clientelismo, empreguismo, e as relações entre representante e representado vão se tornando mais distantes, menos subjetivas, menos pessoais e mais “racionais”, vão paulatinamente perdendo os laços de comradrio. As relações passam a ser mediadas pelo cabo eleitoral, uma espécie de capataz do domínio eleitoral do político, que para a autora pode ter ganhado espaço com o enfraquecimento e a descentralização do poder do coronel.²⁴⁰

Entender o significado do sistema bipartidário que vigorou entre 1966-79 não é tarefa das mais fáceis. As consequências do golpe de 1964 eram imprevisíveis. Por mais que o golpe fosse esperado, como afirmam alguns,²⁴¹ não havia clareza do caminho a ser tomado, nem mesmo se haveria uma ditadura. Nesse sentido é muito difícil avaliar o que levou os líderes políticos a filiar-se e/ou permanecer na Arena ou no MDB. Na Arena não é muito difícil cogitar: estar no partido do governo é muito confortável e atraente: “o governo muda, mas eu continuo com o governo”. Para o ex-senador Parsifal Barroso “não era oportunismo aderir ao governo, mas sobrevivência.” Já ao MDB é mais complexo, filiar-se a um partido legalmente de oposição em regime autoritário é sempre melindroso.

A fragilidade dos partidos políticos no Brasil é uma tese muito recorrente tanto entre os analistas quanto entre os líderes políticos. Em alguns momentos houve uma identificação de partidos ideológicos, os de perfil de esquerda e partidos convencionais, de perfil de direita.²⁴² Mas de modo geral, há um reconhecimento de que a personalidade se sobrepõe às instituições, de que os eleitores votam em nomes e não em partidos. Mesmo concordando com essa tese de fragilidade dos partidos políticos no Brasil, principalmente, do artificialismo do bipartidarismo, é preciso reconhecer que alguns líderes conseguiram construir uma identidade política ao longo da sua história, que de algum modo está ligada aos partidos por meio dos quais atuaram; tanto no caso da Arena quanto do MDB. Muitos arenistas vieram da UDN e depois foram para o PDS, legendas que comungavam da mesma “ideologia”. Do mesmo modo, os emedebistas de maior expressão vieram do PSD ou do PTB, e terminaram no PMDB.

²⁴⁰ DIÓGENES, G. op. Cit. p. 105.

²⁴¹ Parsifal Barroso disse que sabia que o golpe viria. Entrevista citada.

²⁴² Entrevistas de lideranças políticas ao Programa de História Oral. NUDOC. UFC.1984.

Penso que Grinberg tem razão sobre as características dos partidos anteriores a 1964. Podia não haver ideologia, mas havia uma identidade construída nas disputas pelo poder local, reconhecida na figura de um ou mais chefes políticos. Portanto, havia uma cultura política que unia esses sujeitos em torno da sua agremiação, principalmente a UDN e o PSD de perfil mais conservador.

O bipartidarismo desmantela essa estrutura, que no Ceará foi antecipada, em 1962, com a *União pelo Ceará*. Vejamos que entre 1945 e 1962 nenhum grupo fez seu sucessor: o PSD de um lado, a UDN do outro e PTB, PTN e PSP como fiéis da balança. A *União pelo Ceará* foi um arranjo eleitoral eventual que talvez não tivesse tido continuidade não fosse o golpe e a habilidade política de Távora para manter-se fiel a ele, como se pode perceber neste depoimento: “A União pelo Ceará foi uma vergonha, mas que é preciso reconhecer que Virgílio fez por merecer”²⁴³. Para o ex-senador arenista, Wilson Gonçalves, as divergências entre UDN e PSD eram quase uma religião, mas não eram ideológicas.²⁴⁴

O golpe, seguido do bipartidarismo, desarrumou estruturas partidárias consolidadas, levando para o mesmo lado as principais forças políticas. Muitos defensores do golpe não conseguiram juntar-se aos seus inimigos locais na Arena, muitas vezes nem mesmo a sublegendas deram conta de apaziguar as divergências locais.

Do mesmo modo, o MDB ficou muito fragilizado, unindo líderes que sequer comungavam da oposição ao regime. Houve um caso na eleição de 1976, em Sobral, em que a Arena tentou impugnar a candidatura de um vereador pelo MDB, alegando que o candidato era filiado aos dois partidos. Não havendo provas, a candidatura foi liberada. Em outro caso, o cidadão era filiado ao MDB, pelo fato de militar no movimento estudantil em Fortaleza, mas candidatou-se a vice-prefeito numa das sublegendas da Arena, ao ser convidado por um líder político local com quem tinha boas relações pessoais. Em outros casos, os filiados ao MDB sequer tinham vivência política, aceitavam o apelo de antigos líderes para compor o partido. Em alguns municípios, filiar-se ao MDB era quase um ato de solidariedade e de respeito por alguma personalidade local.

Contudo, com a imposição do sistema bipartidário, as elites conservadoras foram se acomodando dentro das sublegendas, e, mesmo marcadas por conflitos, alguns deles bem tensos, como a divisão da Câmara de Sobral em 1968, mantiveram-se fiéis ao partido

²⁴³ João Barbosa. Entrevista citada.

²⁴⁴ Wilson Gonçalves. Entrevista citada.

do governo, de onde garantiram empregos para seus eleitores, cargos públicos para os parentes e aliados, e investimentos públicos em seus municípios, mesmo quando não ocupavam o executivo municipal. Vários entrevistados afirmaram que, apesar das divergências dentro da Arena da zona norte, a agremiação constituiu-se num partido homogêneo, num todo, que tinha em comum o apoio à “revolução”. Portanto, *adesão*²⁴⁵ é o que caracteriza a formação da Arena aqui.

Depois de consolidada, a Arena na zona norte atuou como *partido do governo*, embora nem sempre no governo. Apoiar a “revolução” era o que constituía a identidade arenista. Em acordo com a tese de Lúcia Grinberg, de que se os partidos eram frágeis, as lideranças que os compunham não eram, fica evidente na história da Arena na zona norte que era o prestígio pessoal de líderes como Virgílio Távora, conquistado a longas datas, que mantinha a fidelidade à agremiação. Em vários municípios, nem o nome do partido aparece. A referência era quase sempre outra, sobrenome de famílias (Prado e Barreto) ou apelidos jocosos (Babões e Bebés).

No caso de Sobral, a Arena foi hegemônica. As gestões de Prado e Barreto garantiram diversos investimentos em infraestrutura, na economia e na educação, com repercussão ainda nos dias de hoje. Seus líderes mantiveram-se no poder local mesmo com o fim da ditadura e a ascensão do período democrático. Portanto, podemos afirmar que a agremiação foi bem sucedida na sua relação com o regime. Mas a memória desse sucesso foi abafada pelos seus dissidentes, os Ferreira Gomes, nos anos 90. Atualmente, só se reconhece a Sobral de Dom José anterior aos anos 50, e a de seu “herdeiro”, Cid Gomes, a partir dos anos 90. Apesar da origem arenista, os Ferreira Gomes souberam se adaptar aos novos tempos, inserindo-se na campanha pela abertura política dos anos 80, por meio dos comitês pró-diretas. O período de hegemonia dos arenistas Prado e Barreto é identificado como estagnação, atraso, escuridão pela sua identificação ao regime autoritário.²⁴⁶

Do mesmo modo, em Massapê, encontramos um blog que trata da história da cidade, que dedicou longa homenagem ao líder da Arena local “coronel” Chico Lopes, pela passagem do seu aniversário. A referida matéria, publicada em 2015, é intitulada *Cel. Chico Lopes – o injustiçado*. O blogueiro Jorge Costa reclama do esquecimento desse que ele considera o maior líder da história da cidade:

²⁴⁵ Adesão, acomodação e resistência são conceitos usados por Rodrigo Patto para explicar a relação da sociedade com a ditadura. Ver entrevista *Cafê História*.

²⁴⁶ Cf. SILVEIRA, E. M. da. Op. Cit.

CORONEL CHICO LOPES [...] O PREFEITO MAIS SIMPLES[...] NENHUM MASSAPEENSE COM TANTO PRESTÍGIO JUNTO AOS GOVERNOS ESTADUAL E FEDERAL. [...] Massapê NÃO SOUBE RECONHECER 0,0001(um milésimo) do que Chico fez por nossa terra e principalmente por nossa gente. TODOS OS EMPREGOS DO ESTADO até 82[...] foram conseguidos por Chico Lopes. [...] PROMETI que iria mostrar A MINHA INDIGNAÇÃO com TODOS AQUELES QUE PASSARAM PELA CÂMARA MUNICIPAL, sem prestar QUALQUER TIPO DE HOMENAGEM a esse MATUTO chamado CORONEL CHICO LOPES[...] QUALQUER MONUMENTO, REPARTIÇÃO, RUA, AVENIDA, TRAVESSA, BECO...NADA, SIMPLEMENTE NADA EM HOMENAGEM AO VELHO CORONEL! O NOME DISSO É INGRATIDÃO!!![...] FICA AQUI REGISTRADO, A MINHA REVOLTA, A MINHA INDIGNAÇÃO E A MINHA TRISTEZA COM A CLASSE POLÍTICA MASSAPEENSE, QUE ATÉ HOJE NÃO SOUBE RECONHECER A GRANDEZA DE MUITOS MASSAPEENSES...CORONEL CHICO LOPES É UM DELES!²⁴⁷ (Grifos do autor)

Ao que tudo indica, a memória da Arena não guardou o prestígio dos seus tempos áureos.

Sobre o MDB de Sobral, em estudos anteriores encontrei vários exemplos de sujeitos e práticas tratados pelo regime como subversivos,²⁴⁸ os relatórios do DOPs são recheadas delas. Entretanto até esse momento não encontrei fontes consistentes que apontassem uma relação direta entre o MDB de Sobral e os movimentos sociais que alavancaram a queda da ditadura a partir da década de 1970. Mesmo João Sales, com longa tradição no Partido Comunista, preso diversas vezes acusado de subversão, uma delas em Sobral (1967), por participar de uma Frente Familiar Cristã, não deixou de aproximar-se da Arena em nível local. Candidatou-se a vereador pelo MDB em todos os pleitos, embora sem sucesso. O MDB sobralense não lançou candidato majoritário em nenhuma eleição, e os candidatos ao legislativo apoiavam publicamente a candidatura de Prado ou de Barreto da Arena, João Sales foi um deles.

Igualmente, mesmo em Guaraciaba e Santana, onde o MDB foi hegemônico, não encontrei elementos consistentes que comprovassem a participação efetiva dos seus líderes nas lutas contra a ditadura, nem mesmo a coragem dos autênticos foi identificada nas suas práticas.

²⁴⁷ <http://jcostamassa.blogspot.com.br/2015/06/coronel-chico-lobes-o-injusticado.html>

²⁴⁸ Cf. SILVEIRA, E. M. da. “Subversão e repressão na Princesa do Norte. In: *A ditadura civil-militar em Sobral-CE: aliança, “subversão” e repressão*. Sobral: Sertão-cult/Edições UVA, 2017.

Filiar-se a um partido de oposição, há qualquer tempo, faz parte do jogo político. Não há política sem disputa, mesmo quando os projetos convergem para um mesmo fim. Mesmo num regime autoritário, pelo menos no caso brasileiro, o partido político era uma das portas que dava acesso ao jogo político. Nos municípios onde o MDB teve hegemonia, era a oposição legal que ocupava o poder. Chagas Vasconcelos (Santana do Acaraú), José Maria Melo (Guaraciaba do Norte) e todos os vereadores eleitos pela legenda puderam usufruir do poder, e no caso de Vasconcelos numa esfera mais ampla.

Portanto, a melhor explicação para a relação do MDB da zona norte com a ditadura é o que o historiador Rodrigo Patto chama de *acomodação*. Desse modo, o perfil de partido de *centro-esquerda*, atribuído ao MDB em nível nacional, não é adequado a essa região. A tese do ex-emedebista Iranildo Pereira, de partido de *centro-direita*, talvez exprima melhor sua identidade regional. Não constituindo uma oposição efetiva ao regime autoritário, o MDB não se distanciou “ideologicamente” da Arena, ou seja, a oposição na zona norte não constituiu uma cultura política própria. Mas apesar dessa falta de identidade, o MDB da zona norte beneficiou-se da memória positiva do partido em nível nacional, construída na transição entre o Regime Militar e a Nova República.

Apesar dos raros casos de hegemonia eleitoral e da falta de recursos, as gestões emedebistas são lembradas como marcantes. José Maria Melo é lembrado ainda hoje como o maior gestor da história de Guaraciaba de Norte. Em Santana do Acaraú, vinha da Arena os investimentos em infraestrutura urbana, mesmo fora da gestão municipal. Contudo, é Chagas Vasconcelos que aparece na memória política, como exemplo de cuidado com o seu povo, como inspiração à política contemporânea.

Nos dois casos, tanto da Arena quanto do MDB, a referência remete-se à imagem pessoal dos líderes, nunca ao Partido: Chico Lopes, Cesário Barreto, João Nunes, Tomaz Brandão, Manoel Rodrigues, Chagas Vasconcelos, José Maria Melo, Ivan Rego, Ozires Pontes. O assistencialismo por meio principalmente de empregos no serviço público foi a principal moeda de troca, de arenistas e emedebistas, reconhecido com orgulho tanto pelos líderes quanto pelos eleitores: um bom político é aquele que socorre seus eleitores em momentos de dificuldades, que frequenta espaços populares e conversa com seu povo, que escuta com atenção até mesmo seus adversários. É o que Pierre Bourdieu chama de poder simbólico, esse poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.²⁴⁹

²⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 8.

Identificamos nessa experiência da zona norte alguns dos paradoxos da cultura política brasileira. A prática de conciliação tão recorrente na nossa história política levou aliados e opositores a trilharem os mesmos caminhos, entretanto, a memória negativa acerca da Arena e positiva do MDB pode ter um significado mais profundo na cultura política brasileira. Para alguns historiadores, o propósito é ocultar a colaboração da sociedade brasileira na ditadura de 1964. Ao colocar-se como vítima de instituições coercitivas: “somos todos resistentes”, a sociedade mascara os regimes autoritários como produto social. Superar essas construções dicotômicas é importante para identificarmos os valores e referências das sociedades que sobrevivem às rupturas, “pontes de continuidade, a sinalizar possibilidades de futuro.”²⁵⁰

Por outro lado, podemos refletir se não seria uma expressão de valorização da cultura democrática. A memória das redemocratizações (1945 e 1985) tem sido mais positiva do que a das ditaduras, isso pode ser um indicativo de que a sociedade brasileira não é apenas autoritária, de que boa parte dela anseia pela democracia, mesmo que não tenha encontrado os mecanismos da sua consolidação. Ouvimos de vários líderes entrevistados que a Assembleia de 1947 foi a melhor da história do Ceará, pela riqueza dos debates políticos. Para o ex-senador, Wilson Gonçalves, a experiência cearense de 1945 a 1964, em que nenhum governo fez o sucessor, foi uma das maiores escolas políticas do Brasil, muito importante para formação de seus líderes, já que todos aprenderam a governar e ser oposição.²⁵¹

Eis aqui uma janela aberta para a historiografia dos partidos políticos no Brasil. Que venham outras histórias!!!

²⁵⁰ ROLEMBERG, D; QUADRAT, S.(Orgs.) *A construção social dos regimes autoritários*. Legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p.11.

²⁵¹ Wilson Gonçalves. Entrevista citada.

7. FONTES

Entrevistas

1. José Parsifal Barroso. Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984:
2. Wilson Gonçalves. Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984:
3. Raimundo Ivan Barroso de Oliveira. Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984:
4. Plínio Pompeu de Saboia. Programa de História Oral. Lideranças Políticas. Núcleo de Documentação (NUDOC). Universidade Federal do Ceará (UFC), 1984:
5. Jilson Canuto. Entrevista concedida a autora em dezembro de 2017.
6. Francisco Leunam Gomes. Entrevista concedida a autora em 02 de outubro de 2017.
7. João Barbosa Paula Pessoa Cavalcante. Entrevista concedida a autora em 21 de dezembro de 2017.
8. Moésio Mota. Entrevista concedida a autora em 22 de dezembro de 2017.
9. Nilene Portela. Entrevista concedida a autora em 23 de outubro de 2017.
10. José Elisiário de Melo Nobre. Entrevista concedida a Luana Soares em 15 de março de 2017.
11. Raimundo Nogueira Aguiar. Entrevista concedida ao autor em 22 de janeiro de 2016.
12. José Abdelmoumem Melo. *Sobral News*. 12 de março de 2012. Ano I – Edição 041.
13. José Valderi Helcias, 74 anos. Entrevista concedida Rafael Santos em 17 de janeiro de 2016.
14. João Bosco Vidal, 70 anos. Entrevista concedida a Rafael Santos em 29 de janeiro de 2016.
15. José Valdemir Vasconcelos, 66 anos. Entrevista concedida a Rafael Santos em 13 de fevereiro de 2016.

16. Francisco Leunam Gomes. Entrevista concedida a Luana Soares em 20 de março de 2017.
17. Iranildo Pereira
<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/paginasazuis/2014/02/24/noticiasjornal/paginasazuis,3210789/politica-se-faz-com-coragem.shtml>
18. Luiz Ribeiro Melo. Entrevista concedida a Luana Soares em 4 de abril de 2017.

Outros

1. Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Secretaria de Informática. Coordenação de estatística e Informações eleitorais. Seção de Estatísticas. Eleições Municipais de 15 de novembro de 1966, 1970, 1972, 1976. www.tre-ce.gov.br. Acesso em 15 de junho de 2016.
2. CAJADO, Ane Ferrari; DORNELLES, Thiago; PEREIRA, Amanda Camylla. *Eleições no Brasil – uma história de 500 anos*. Brasília, TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. 2014.
3. CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. APEC. Acervo Virgílio Távora. Organização político-partidária. União Democrática Nacional (UDN). 1945-1962. Fortaleza e municípios do Ceará. Cx 05.
4. CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará. APEC. *Acervo Virgílio Távora*. Produção intelectual. Fortaleza, 1954/65/79. 5 e sem data. Cx 02.
5. CEARÁ. Arquivo Público do Estado do Ceará – APEC. Acervo Virgílio Távora. Organização Partidária. Arena. Fortaleza, 1967/1978. (Documento sem nota tipográfica)
6. CEARÁ. Secretaria da Cultura. Arquivo Público. Inventário do Acervo Virgílio Távora. Fortaleza: Secult, 2003. 144p.
7. <http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>. Acesso em 30-09-2017.
8. Poder Judiciário. Tribunal Superior Eleitoral. Resolução nº 7.822. Registro de Partido nº 18. Classe VII. Distrito Federal. Brasília. 24 de março de 1966.
9. <https://www.al.ce.gov.br/index.php/publicacoes-malce?download=310:legislatura-de-1991>

10. Ceará. Assembleia Legislativa do Estado. Memorial. Dep. Pontes Neto. Deputados estaduais: 23ª legislatura 199-1994/Assembleia Legislativa do Estado Ceará. Fortaleza: INESP, 2006. 227.; il.
11. <http://www.eufraasinoneto.com.br/>
12. http://www2.camara.leg.br/deputados/pesquisa/layouts_deputados_biografia?pk=115744&tipo=0
13. Câmara dos Deputados. Brasília. Discurso proferido pelo Deputado Mauro Benevides na sessão de 27 de julho de 2005.
14. Senado 74 - a eleição que abalou a ditadura. *Especial jornal do Senado*. Brasília 19 de novembro de 2014. Ano XX n° 4.207. www.senado.leg.br/jornal
15. Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Eleições de 1974. Fortaleza, março de 2003.
16. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/>
17. *Correio da Semana*, 03 de março de 1979.
18. *Correio da Semana*. Sobral, 01 de outubro de 1994.
19. PMDB volta a se chamar MDB: retorno ao passado para aplacar crise de imagem. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/19/politica/1513695154_142381.html

Blogs

<http://artemisiodacosta.blogspot.com.br/2014/01/cantinho-da-saudade-por-thiago->

<http://historiadesobral.blogspot.com.br/2015/10/humberto-mendonca-lobes-historico.html>. Acesso em 14-11-17.

<http://aldenisfernandes.blogspot.com.br/2012/09/de-coronel-para-general.html>. Acesso 20/09/17

<http://jcostamassa.blogspot.com.br/2015/06/coronel-chico-lobes-o-injusticado.html>. jcostamassablogspot.com.br. 22-09-2015. Acesso em 16-09-16.

<http://forquilhaontemhojeesempre.blogspot.com.br/2011/10/guardiao-da-arqueologia-bblogdoeliomar.com.br>. 19 de julho de 2014. Acesso em 13 de outubro de 2017.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, L. A. de; MOTTA, R. P. S. (Orgs). *Autoritarismo e cultura política*. Porto Alegre: FGV/Edipucrs, 2013.
- AGUIAR, Osvaldo. *Massapê em foco*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1968.
- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. São Paulo: EDUSC, 2005.
- ANDRADE, Antonio Paes de. *O itinerário da violência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. (Coleção Documentos da Democracia Brasileira; v. I)
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In.: REIS, Daniel Aarão *et al* (Orgs.) *O golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004.
- BARROS, Maria Regiane Gomes. *Ipu-CE em tempos de ditadura (1964-74)*. Sobral: UVA, 2015. (Trabalho de Conclusão de Curso).
- BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa : Editorial Estampa, 1998.
- _____. Os Partidos. In. RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. *Dados*, v. 40, n. 2, 1997.
- COSTA, Lustosa da. *Clero, nobreza e povo de Sobral*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1987. 184p. il.
- DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. *As eleições de 1954 e 1958 no Ceará: os partidos e suas lideranças*. Fortaleza: UFC/Stylus Comunicações, 1989. Coleção Estudos Históricos. NUDOC, Vol 4. 112p.
- FARIAS, Airton de. *Além das armas*. Guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-72). Fortaleza: Livro Técnico, 2007.
- _____. História da sociedade cearense. Fortaleza: Livro Técnico, 2004.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova “velha História”: o retorno da história política. In.: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1992/10.
- GOMES, Angela de Castro. Política: história, ciência, cultura etc. In.: *Revista de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1996 -17.
- GRINBERG, L. *Partido político ou bode expiatório*. Um estudo sobre a Aliança

- Renovadora Nacional – ARENA (1965-1979). Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- _____. Uma memória política sobre a Arena: dos “revolucionários de primeira hora” ao “partido do sim, senhor”. In.: REIS, Daniel Aarão et al.(Orgs). *O Golpe militar e a ditadura – 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004.
- JORGE, João Márcio Araújo. *Pixunas e Babões: a política municipal em São Benedito-CE (1966-2004)*.
- KINZO, Maria D’Alva G. *Oposição e autoritarismo - gênese da trajetória do MDB: 1966-1979*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.
- LAMOUNIER, B.; MENEGUELLO, Rachel. *Partidos Políticos e consolidação democrática – o caso brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LIMA, César Barreto. *O Homem é o Quinca*. Fortaleza: Prêmio, 2011. 156p.:il.
- LIRA, José Luis. *De volta a Campo Grande*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010.
- MARQUES, Francisco Valderi. *História política de Ibiapina: cenário político do município durante o período da ditadura civil-militar brasileira (1964-1975)*. Sobral, UVA, 2016 (Trabalho de Conclusão de Curso).
- MORAIS, Silvana. O golpe civil-militar e a juventude guaraciabense. In: SANTOS, Carlos A. Pereira dos. (Org.) *A História próxima de nós!* Sobral: Egus, 2014.
- MOTA, Aroldo. *História política do Ceará (1947-1966)*. Rio - São Paulo - Fortaleza: ABC Editora, 2005.
- _____. República: partidos políticos no Ceará. *Revista do Instituto Histórico do Ceará*. Fortaleza: 2000.
- _____. *História Política do Ceará (1966-1987)*. Rio-São Paulo – Fortaleza: ABC editora, 2008. 262p
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Partido e sociedade: a trajetória do MDB*. MG: UFOP, 1997.
- _____. A formação do MDB e a influência do quadro partidário anterior. In.: *Revista de Sociologia e Política*. Nº 6/7, 1996.
- _____. O MDB e as esquerdas. In: FERREIRA, J; REIS, D. A. *Revolução e democracia – 1964...* RJ: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*: Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- _____. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: *Culturas políticas na História: novos estudos*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.
- NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB – semeadores da democracia – história oral e*

vida política. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1998. 398p.

PARENTE, J. P. O Ceará dos coronéis. In: SOUZA, S. de. *Uma Nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

PARENTE, Josênio; ARRUDA, José Maria. *A era Jereissati: modernidade e mito*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

RABELO FILHO, José Valdenir. Ações político-partidárias e a produção do consentimento em tempos de ditadura. In: SILVEIRA, E. M da; ARAÚJO, R. A. de. *Nas trilhas do sertão: escritos de cultura e política nos interiores do Ceará*. Sobral: Edições UVA/SertãoCult, 2017.

RÉMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2003.

RIBEIRO, Antonia Luana Soares. “Num era ele todo tempo no poder, mas todos que ele candidatava ganhava!”: o MDB e a liderança de José Maria Melo em Guaraciaba do Norte-CE(1963-1988). Sobral: UVA, 2017.

SANTOS, Rafael Júnior dos. *Manda brasa na Arena: práticas e representações do bipartidarismo em Santana do Acaraú (1966-79)*. Sobral, UVA, 2016. (Trabalho de Conclusão de Curso).

SCHMITT, Rogério. *Partidos políticos no Brasil (1945-2000)*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2000. (Descobrimo o Brasil).

SILVA, Maria Josiele de Andrade. *Reforma urbana na cidade de Acaraú como instrumento de análise da conjuntura político e social vigente durante as décadas de 1964 a 1983*. Trabalho apresentado a disciplina de Brasil IV. UVA, março de 2015.

SILVEIRA, Edvanir Maia da. *Três décadas de Prado e Barreto (1963-96): a política municipal em Sobral-CE, do golpe militar à Nova República Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – 2013.*

_____. “Subversão e repressão na Princesa do Norte. In: *A ditadura civil-militar em Sobral-CE: aliança, “subversão” e repressão*. Sobral: Sertão-cult/Edições UVA, 2017.

SOUZA, Elza Valquíria Alves de. *O Ciclo político do coronel Chico Lopes em Massapê-CE*. Sobral: UVA, 2003. 36p.

SOUZA, Maria do Carmo Camello. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Alfa-omega, 1990. p. 143.